Jaime do Inso

TIMOR - 1912

JAIME DO INSO

TIMOR-1912

EDIÇÕES COSMOS
Rua das Gáveas, 115
L I S B O A

INTRODUÇÃO

De todas as nossas Colónias, Timor é, não só a mais longínqua como a mais ignorada.

É ainda do nosso tempo, aquela atmosfera de sombria lenda que envolvia esta Colónia, sem dúvida, com um certo fundamento de razão.

Hoje, porêm, pode dizer-se que tudo isso desapareceu: nem é, como dantes, a terra escolhida para exílio dos anarquistas, onde uma falsa tradição lhes assinalava morte miserável, nem a cobrem já aquelas tenebrosas figuras de selvagens que nos tratavam à maneira dos canibais. Em Timor, cortada de estradas, já hoje não se anda armado, por desnecessário. Por outro lado,

a obra daqueles, a qual não tinha então carácter oficial.

(*Descobrimentos, Guerras e Conquistas dos Portugueses em terras do Ultramar nos Séculos XV e XVI*, por C. A. de Bettencourt, págs. 369 e 370).

Tal foi a origem da nossa Colónia de Timor que apresenta a característica de, inicialmente, ser um estabelecimento mais de feição religiosa do que de ocupação pelas nossas autoridades, onde o poder temporal e o espiritual eram exercidos pelos missionários Dominicanos, até que o Vice-Rei da Índia instituiu em Timor uma Capitania, para a qual nomeou um Governador, citando-se o facto de alguns Governadores terem sido nomeados pelo Superior daqueles religiosos.

Entretanto, tudo foi decorrendo em paz, ao que parece, até ao ano de 1719, em que se deu a primeira revolta contra os portugueses, após o célebre pacto de Camenace, no qual os conjurados beberam os sangues, uns dos outros, jurando extinguir os brancos que se acolheram a Lifau, então capital do nosso estabelecimento, que mal se encontrava em estado de sofrer o apertado assédio que lhe puzeram os revoltosos, escasseando

a T. S. F. desfez o isolamento em que ali se vivia, como num poço do mundo.

Data do ano de 1561 o nosso estabelecimento na ilha de Solor, vizinha de Timor, para onde irradiou a nossa expansão do grande centro e chave do Mar da China que era então Malaca, uma das grandes glórias do Oriente Português.

As correrias e entraves dos jáos e macassares em Solor eram tantos, que os mercadores e missionários portugueses, ali estabelecidos, se viram obrigados a mandar construir uma fortaleza, pondo nela um capitão de sua escolha.

Entretanto, Fr. António Taveiro saía desta ilha em um pequeno barco, em direcção a Timor, e, aproximando-se de Atapupo, conseguiu desembarcar sem objecção.

O gentío havia corrido à praia, surpreso e admirado, mas, longe de agredir os recem-chegados, dava todas as mostras de os querer receber em paz.

O missionário saiu, pois, em terra com a cruz erguida, e, sendo conduzido à presença do rei, foi por êle muito bem recebido e tratado. A êste missionário seguiu-se Fr. António da Cruz, e outros muitos foram depois continuar

vada e avessa a exibições, — que no decorrer dos séculos têm contribuido com uma parcela formidável de trabalho obscuro, mas precioso, para o nosso edifício colonial, contribuiu com a sua quota parte, tudo quanto lhe foi exigido, dentro dos meios de que dispunha, para o bom êxito daquela campanha, do que fizemos relato, vai para trinta anos, nos Anais do Club Militar Naval.

Mas o tempo vôa vertiginosamente, envelhecendo as pessoas e as coisas, e hoje convêm, mais do que nunca, trazer ao conhecimento da gente moça a história das Colónias e a história do Mar, que são duas histórias que se entalaçam na Terra Portuguesa.

Há a acrescentar, como nota interessante desta guerra, na parte relativa às mais importantes operações que convergiram no cêrco de Manufai, que ela apresentou uma característica única nas nossas campanhas coloniais, qual foi a duma guerra de trincheiras, dir-se-ia precursora da táctica de sapa da Grande Guerra.

Mais ainda: esta campanha, que passou totalmente despercebida na Metrópole, foi uma das mais importantes que tivemos que sustentar no Ultramar, nas últimas décadas.

Se exceptuarmos as campanhas do Gungunhana e dos Namarrais, na África Oriental, e a

dos Dembos, na África Ocidental, nenhuma outra houve que a excedesse, sob o ponto de vista militar — tal foi a opinião que ouvimos, em Timor, a camaradas do Exército que tinham tomado parte em guerras de África.

Qual seria a razão daquele silêncio — espécie de esquecimento — que então se fez em tôrno da campanha de Timor?

Uma só: é que Timor, é uma colónia do Oriente!

Em Angola, por mais duma vez ouvimos referir, como forma picaresca de acentuar a índole ultra-pacífica das gentes de Cabinda, que tendo ali havido uma guerra entre dois povos, que durou dois anos, no fim, só morreu uma galinha!

Os bons dos cabindas, remadores de bordo, ouviam a história e só respondiam a sorrir.

Pois bem: em data que não podemos fixar, recorda-nos ter visto na imprensa, em forte parangona, a notícia duma revolta em terras de Cabinda, da qual saíra ferido — parece-nos, que não morto — um cabo preto.

Se Cabinda ficasse no Oriente...

CAPITULO I

A caminho de Timor

EM 1912 — eramos, então, 2.º tenente — encontravamo-nos em Macau, como oficial de guarnição da canhoneira *Pátria*.

A guerra civil que lavrava na China, após a proclamação da República, e que se prolongou por muitos anos depois, fazia-se sentir em Macau, dando lugar a medidas especiais de vigilância, principalmente nas Portas do Cêrco, a fronteira terrestre da Colónia, bem como a vários incidentes e sobressaltos.

Assim, por exemplo, uma noite, estavamos num baile, no Palácio do Govêrno, quando todos os oficiais receberam ordem de se apresentarem a bordo, onde se entrou imediata-

mente de prevenção; outro dia, corriam boatos de concentrações de fôrças chinesas revolucionárias na Lapa; mais tarde, eram reclamações de proprietários das várzeas fronteiriças, que apareciam, como pretexto para suscitar atritos, ou, ainda incidentes com embarcações pretendendo transportar fôrças armadas pelo Pôrto Interior, o que não consentíamos, etc., todo o rosário das complicações da China, acumuladas numa colónia única no Mundo e cujos limites, passados quatrocentos anos, ainda não foram fixados!

A canhoneira *Pátria*, alterosa e bem armada, com quatro peças de 10 cm., seis peças de 47 m/m e uma metralhadora, e a lancha-canhoneira *Macau*, uma embarcação fluvial, com duas peças de 65 m/m e três metralhadoras, eram as sentinelas vigilantes que a Marinha mantinha nas águas de Macau, para fazerem face a todas as emergências que a grave agitação do Sul da China, a parte mais turbulenta e insatisfeita da jóvem República, poderia fazer surgir dum instante para o outro.

Mal tinham passado as maiores apreensões — a vida de Macau tem decorrido sempre em alternativas de paz idílica e agudas sensações de perigo — recebe-se, um dia, a notícia

confrangedora de que, em Timor, o indígena revolto tinha trucidado um oficial, vários soldados e suas famílias.

As notícias eram graves: Timor estava em plena revolta e não havia a certeza se ainda lá restaria alguêm com vida. Tal era o angustioso transe que atravessava aquela Colónia, o que fez com que imediatamente se tratasse de lhe enviar socorros.

Passava-se isto em Janeiro, e felizmente, já nessa data tinham chegado a Macau as fôrças expedicionárias, vindas da Índia, — 220 homens, entre europeus e maharatas — e de Lourenço Marques — a 8.ª Companhia Indígena de Moçambique, com 204 homens, e parte da Guarda Cívica da mesma cidade — num total de cêrca de 600 homens, com uma secção de artilharia de montanha, quatro canhões-revólveres e uma metralhadora.

A primeira sugestão foi enviar a *Pátria* transportando 75 homens armados e equipados, a socorrer Timor, mas aquêle navio, comquanto tivesse a aparência dum pequeno cruzador, não era de molde a prestar-se ao transporte de tão grande número de homens, por falta de acomodações para uma tão longa viagem.

Por fim, assentou-se que as fôrças fôssem

num navio fretado mas, passados dias, novamente a *Pátria* recebeu ordem para seguir em socorro de Timor.

Aprontou-se, pois, o navio, contra a opinião dalguns que alegavam que, nas condições anormais em que a China se encontrava, não seria conveniente retirar de Macau o único navio que tínhamos no Oriente, quando só chegaríamos a Timor com um avanço de cinco ou seis dias sôbre as fôrças que haviam de largar atrás de nós.

Afirmavam que a *Pátria* deveria ter partido apenas tinham sido pedidos reforços, ou não largar do pôrto, porque, de duas uma: ou em Timor já não haveria europeus quando lá chegássemos, ou quem tivesse resistido até êsse momento, teria probabilidades de resistir mais uns dias.

Fôssem quais fôssem as opiniões e hipóteses apresentadas, o facto é que a *Pátria* largou de Macau a 18 de Janeiro, com rumo a Hong-Kong, onde meteu carvão a tôda a pressa para sair no dia seguinte, com destino a Timor.

Não ia o navio nas melhores condições para o mar, por ter o fundo sujo, o que poucas vezes lhe permitiu exceder a velocidade de 9,5 nós, e ao pessoal do fogo, depois duma

longa estação, onde, havia meses, se mantinha permanentemente uma caldeira acesa, em breve chegaram a faltar 9 homens, entre dispensados e falhas na lotação, falta muito importante numa simples canhonheira.

Por isso, a viagem foi demorada até Sorabaía, e comquanto a monsão apenas se fizesse sentir pouco agreste no primeiro dia de viagem, ainda se pensou numa arribada a Singapura, que, felizmente, não se tornou necessária, e no dia 28, depois de metermos piloto, fundeávamos, pelas 13 horas, no pôrto de Sorabaía.

A etimologia dêste nome parece que deriva das palavras portuguesas *baía segura*, que, segundo lemos numa daquelas publicações que costumam aparecer a bordo dos paquetes, como guias para os passageiros, foi a designação que primitivamente teríamos dado àquele pôrto.

Da corrupção dos termos portugueses, teriam os holandeses derivado a palavra Soerabaia, ou Sorabaía, como nós dizemos.

O pôrto de Sorabaía é formado por um alongamento do estreito que corre entre as ilhas de Java e Madura.

Nada oferece êste pôrto de belo, como não

oferece a cidade, mas é tão importante, que ocupa o primeiro lugar nas Índias holandesas.

A ilha de Java é riquíssima, e tem uma população superior a 30 milhões de habitantes, quando há algumas dezenas de anos não passava de poucos milhões.

Para manterem o seu domínio, dispunham, então, os holandeses, de uns 30.000 homens, entre europeus e indígenas.

Êstes são indolentes e dos mais pacíficos entre os povos espalhados pelos vastos territórios das Índias Neerlandesas, onde se encontram habitantes aguerridos e selvagens que mal deixavam os holandeses sair de certos pontos da costa, onde se mantinham, como sucedia na ilha de Samatra.

Deve notar-se que êste é o nome pelo qual os nossos antigos navegadores deram a conhecer esta ilha, nome que, para ter esta pronúncia na língua inglesa, se escreve *Sumatra*, e assim é que depois se corrompeu a nossa designação para a palavra inglesa, tal como aparece nos mapas, mas lida à portuguesa.

Esta corrupção de nomes portugueses estende-se por tôda a costa de África e pelo Oriente, como um traço indelével da nossa

expansão, grandesa e sucessivo declínio, à medida que fomos suplantados por outros.

As principais produções da ilha de Java são: o açúcar, — de que nos informaram existirem uns moinhos, a três horas de Sorabaía, tidos como os primeiros do mundo — as farinhas, o chá, as madeiras, o cacau, o tabaco, etc., e até a borracha, cuja produção no Oriente veio a disputar os mercados ao Brasil.

Na época da colheita do açúcar, de Maio a Agosto, chegavam a juntar-se mais de vinte navios no pôrto, que é cercado de terras baixas e que, a-pesar-dos oito ou dez navios que lá fomos encontrar, nos apresentou um aspecto desolado e que nos fez recordar a tristeza da nossa baía de Luanda.

Em terra, é diferente. Desembarcámos no Arsenal, em Odjong, que fica a meia hora de viagem de Sorabaía, em caminho ferro, podendo também utilizar-se carros de praça.

A linha férrea acompanha, em parte, o curso dum canal, onde há um movimento incessante de pequenos vapores, reboques e muitos batelões que os indígenas vão puxando à sirga, vagarosamente, por uns cabos dados para o galope dos mastros.

Deixando esta importante via de comuni-

cação, passa-se pelos bairros indígena e china, antes de entrar na parte central da cidade, que o *tramway* atravessa como se fôsse um simples carro eléctrico.

Sorabaía não tem beleza, mas apresenta um aspecto muito característico. A cidade é plana. As ruas estendem-se como estradas, em linha recta, ladeadas por vivendas, e estas casinhas holandesas, só com rés-do-chão e todas com jardim, abertas para uma espécie de alpendres e mostrando um aceio inexcedível, foi o que encontrámos de mais interessante naquela rica terra que é, para a Holanda, o que antigamente foi o Brasil para Portugal.

O movimento nas ruas era considerável, predominando, como meio de transporte, uns carrinhos leves, puxados por um cavalo.

Viam-se lojas de luxo, cafés, hoteis, dispostos, quási na totalidade, daquela forma característica, já apontada, dando em resultado que a cidade parece estender-se por meio dum campo, mas mostrando por tôda a parte uma vida intensa de trabalho.

Têm os holandeses um vasto arsenal em Odjong, onde dispunham de duas docas flutuantes abrigadas numa caldeira, e ali se encontravam, alêm doutros navios menores, o

couraçado *Tromp*, dois contra-torpedeiros e sete torpedeiros, abrigados em amplos *hangares*, num plano inclinado.

Entramos numa das docas, e aliviado o navio da ostreira e da vegetação que tinha agarrada ao fundo, meteu-se carvão e, novamente nos fizemos ao mar, saíndo desta vez pelo lado E. do estreito, com destino a Dili.

Logo o navio se mostrou diferente na marcha, deitando 11 e 12 nós, e em três dias nos levou, sem incidente, às águas de Timor.

CAPITULO II

A chegada a Dili

A 6 de Fevereiro, depois de contornarmos a ilha das Flores, que uma desastrada diplomacia alijou, dezenas de anos atrás, para as mãos dos holandeses, entravamos no pequeno pôrto de Dili, onde amarrámos da forma característica ali empregada: um ferro no fundo e espias pela pôpa, dadas para as árvores que orlam a praia.

Estâvamos, finalmente, no termo da nossa viagem.

Dili tem o aspecto solitário da maioria das nossas terras de alêm-mar e pareceu-nos, de entrada, formada por uma série de belas herdades à beira de montanhas e banhadas pelo mar...

Na verdade, ficámos admirados de que naquela pacífica solidão, que a Natureza pròdigamente embeleza, as vidas andassem correndo os graves riscos da guerra.

Infelizmente, assim era, e o primeiro funcionário que veio a bordo, depauperado, magríssimo, de côr terrosa, — num contraste perfeito com a pujança e o sorrir da paisagem — logo nos convenceu, com a impressionante narrativa dos acontecimentos, de que o perigo fôra eminente.

A situação chegou a ser desesperada, e era ainda inquietante quando o navio chegou.

Historiemos um pouco, fazendo fé pelas informações colhidas.

*

* *

Dentre os vários reinos em que Timor se divide, o de Manufai, na costa Sul da ilha, foi sempre dos mais rebeldes.

Nem com cinco anos de preparação para esforçada guerra, o célebre Governador Celestino Montalvão conseguiu lá entrar para reduzi-lo à obediência.

Durante o cêrco que lhe pôs, em 1900, desenvolveu-se uma epidemia de varíola que

matou o régulo, o que fez esfriar o ânimo do inimigo, cujos chefes se apresentaram às nossas autoridades. Foi assim que acabou a guerra, segundo ali nos informaram, não nos constando que êste episódio ficasse relatado em qualquer documento.

Foi dêste reino que partiu o rastilho da revolta que, segundo opiniões autorizadas, já de há muito que vinha sendo preparada.

Assim, contava-se que no dia 5 de Outubro do ano anterior, quando se juntaram em Dili muitos régulos acompanhados de numerosas comitivas, formando acampamentos nos arredores, e que vinham celebrar aquele dia de festa nacional, os magnates negros tinham entretido conciliábulo, em que se alvitrou dar à morte todos os europeus, naquele próprio dia.

Parece, porêm, que a presença dum navio mercante inglês, entrado no pôrto, os acobardou.

Falhou êste plano, mas, a seguir, intentaram outro que não fica atrás do primeiro, em cobardia e traição, pois segundo contaram alguns prisioneiros, em todas as casas de Dili havia um ou mais criados peitados, a quem incumbia matar a família que serviam, logo que fôsse dado certo sinal.

Não sabemos porque motivo falhou êste

plano, de fácil execução, para se desembaraçarem, sem custo, dos europeus.

Entretanto, os ares iam-se toldando com prenúncios de guerra.

Em princípios de Dezembro de 1911, dava-se uma sublevação no reino de Suai, na costa Sul da ilha, onde uns ingleses, representantes duma companhia, já tinham começado as instalações para a exploração de minas de petróleo.

O vapor *Dilly*, ao chegar ali com material, teve de retroceder, sem poder desembarcá-lo, nem o pessoal, que o indígena revoltado não consentiu, ao mesmo tempo que eram destruidas e incendiadas as instalações existentes.

Por outro lado, no pôsto de Same, situado no reino de Manufai, ia-se notando que muitos indígenas se abstinham de freqüentar os *bazares*, ou mercados regionais.

Comandava êste pôsto o tenente Silva, a primeira vítima da revolta, que, segundo corria, era ríspido, em demasia, para o gentío, e que tinha chegado a esbofetear um tal D. Vicente, irmão do próprio régulo da região, na presença dos seus súbditos.

Chegaram denúncias a Dili, de que se tramava contra a vida daquele oficial, pelo

que foi avisado para que saísse do pôsto, onde o régulo, o célebre D. Boaventura, o não desejava, mas com isso se agastou, respondendo que tinha os indígenas na mão.

Tão seguro se considerava o malogrado comandante do pôsto, que nem uma arma tinha à mão quando lhe assaltaram a casa para o matar.

Foi a 24 de Dezembro, um dia de *bazar*; encontravam-se no pôsto, com êle, a esposa, um filhinho de pouco mais dum ano, um cabo europeu e alguns *moradores*, ou irregulares indígenas.

De manhã cedo, quando os *moradores* andavam espalhados pelo *bazar*, o comandante sentiu barulho e, como ainda estivesse deitado, levantou-se para ver de que se tratava.

Uma turba invadia-lhe a casa; ferem-no com uma zagaia, quis fechar as janelas e já não pôde.

A senhora foi arrancada do leito, tiraram-lhe o filho e, durante quatro longas horas, esteve presa pelos pulsos, fora de casa, sob a ameaça constante das zagaias, assistindo à pilhagem dos seus haveres; roubaram-lhe tudo, nem fato lhe deixaram para se vestir e, por fim, rasgaram e queimaram a nossa bandeira.

Apareceu a certa altura o régulo D. Boaventura, e exprobando-lhe ela o seu procedimento, respondeu-lhe que a culpa não era dêle, que nada daquilo tinha ordenado, que fôra o seu povo.

Ofereceu-lhe, em seguida, agasalho, mas a infeliz senhora, que já tinha visto passar os corpos do marido e do cabo, de cabeças decepadas, só pediu o filho e que a mandassem a caminho de Dili, ou ali mesmo a matassem.

Acedeu D. Boaventura aos rogos da pobre mãe, e trouxeram-lhe a criança que, segundo nos contaram, perdeu a fala, de susto.

Acompanhada de alguns indígenas que, pelo caminho, se entretinham a *fazer estilo* com a vida da infeliz senhora — uma espécie de consulta aos oráculos, sôbre se a haviam de matar — seguiu a desventurada, tendo por vestido, apenas, uma bata que lhe deixaram, com os pés em sangue e alimentando-se de frutos verdes.

E como não bastasse o martírio que de longe vinha sofrendo, ainda os que a encontravam pelo caminho lhe chegavam o fio das *catanas* — espadas curtas usadas pelos timores — ao pescoço, sorrindo com ar escarninho.

A certa altura, foi abandonada pelos que

a acompanhavam e, depois de cair sem fôrças e de se arrastar ainda, levada pelo sublime amor de mãe, encontraram-na a meio caminho de Aileu.

Parece que foram uns comerciantes chinas que socorreram a desventurada senhora que, seis dias depois da tragédia a que assistiu, chegou a Dili num estado fácil de conjecturar.

Pois esta desditosa viuva era quem, mais tarde, animava algumas senhoras que, lacrimosas, viam partir os maridos para a guerra!

Foi êste triste episódio da história de Timor o rastilho que precedeu o deflagrar do incêndio em que se tornou a revolta de 1912, poderá afirmar-se, talvez a última das revoltas daqueles povos, que durante tantos anos se conservaram ciosos da sua autonomia e hoje completamente pacificados.

Quer por êste facto, quer pela extensão e importância das operações de guerra então efectuadas, é de justiça relembrar aos novos o relêvo desta ignorada campanha, bem como estas tragédias e martírios que nos transportam aos tempos idos, em que pelo Oriente ficaram sepultados muitos dos nossos, morrendo pela fé da cruz e pela honra da espada.

Não parou ali a aleivosia e traição de D. Boaventura. Todos os europeus que na ocasião puderam apanhar, foram mortos cobardemente e com selvageria feroz.

A data da tragédia de Same era a da véspera de Natal, e um sargento, destacado daquele pôsto, ia lá passar o dia.

Fizeram-lhe uma espera, à passagem dum riacho, e depois de conversarem com êle e de se despedirem, amigàvelmente, mataram-no à queima-roupa.

Um soldado europeu que estava num pôsto próximo, foi convidado, no mesmo dia, por D. Boaventura, para uma caçada, donde nunca mais voltou; finalmente, um outro soldado de artilharia foi também cobardemente assassinado e a cabeça içada no mastro da bandeira.

Por êstes processos, perderam a vida uns doze europeus.

CAPÍTULO III

Os primeiros embates da revolta

CORRIAM em Dili as tristes novas da rebelião, quando de Aileu pediram socorro, dizendo que estavam em risco de sucumbir, à míngua de fôrças com que pudessem resistir ao inimigo.

Em Dili era grande a anciedade. Reuniu-se conselho de oficiais, onde duas opiniões foram ventiladas: se se havia de ir em socorro de Aileu ou se, deixando aquela povoação entregue à sua sorte, apenas conviria tratar da defesa da capital. Era esta, dizia-se, a que tinha maior número de adeptos, mas, contra a opinião da

maioria, resolveu o Governador, o capitão-tenente Filomeno da Câmara, ir em socorro de Aileu, à frente duma coluna que ràpidamente organizou.

A 12 de Janeiro, saíu a fôrça, composta por cêrca de 200 homens, dos quais só uns 25 eram brancos, entre militares, civis e reformados; os restantes eram *moradores*, de cuja fidelidade, em tal conjuntura, muito havia que duvidar.

De Aileu, houve que destacar fôrças para outros postos que pediam socorro, e só com os restantes, apoiados com alguns *arraiais*—gente de guerra—, investiu a coluna contra o inimigo que levou de vencida nos dois primeiros recontros; mas, no terceiro, como já se lhe tivessem juntado outros povos, correram os nossos graves riscos, porque houve um momento em que todos se encontraram misturados, sem que pudessem distinguir-se amigos de inimigos, e como as fôrças não fôssem suficientes para sustentar o ataque, retiraram de Aituto sôbre Aileu.

A notícia desta retirada chegou a Dili com visos de derrota, seguida da costumada mortandade, em que ficara nas mãos do inimigo a cabeça do *imbóte*—o Governador.

Felizmente, a notícia não se espalhou, o que viria agravar a situação, e passadas horas,

era o próprio Governador quem, pelo telefone, informava como as coisas se tinham passado: o inimigo fingira, hàbilmente, que tinha retirado, para nos envolver, a seguir, e com isso conseguiu haver-nos uma peça de montanha que, por dificuldade de transporte, tivemos de abandonar, mas sem que pudesse servir-se dela.

Emquanto, no interior, ia assim correndo vária a sorte da guerra, numa ofensiva que bem pode classificar-se de ultra-temerária, não só pela escassez de fôrças como pela pouca confiança nas que se diziam pelo nosso lado, davam-se em Dili alarmes que revestiam certa gravidade.

Uns bandos de ratoneiros rondavam em Tibar — a hora e meia de Dili — onde assaltaram algumas casas, e esta notícia chegou a Dili, de tal forma deturpada, que logo se espalhou, com pavor, que o gentio revolto já vinha sôbre a cidade, e como que a confirmar a notícia, esteve o telefone interrompido durante quatro horas.

Passava-se isto a 16 de Janeiro, data memorável na atribulada vida daquela esquecida Colónia, onde o pânico chegou ao auge.

Recolheram-se as senhoras e crianças a

bordo do *Dilly*, — fraco refúgio para tantas aflições — para irem para onde?

Para Kupang, capital de Timor holandês? Poderia suceder que, à volta, já não encontrassem os poucos portugueses que ali deixassem.

Aventou-se, então, a ideia de as primeiras pessoas embarcadas irem para a ilha de Alor, fronteira a Timor, onde os homens se lhes iriam juntar depois, para embarcarem todos num paquete inglês que era esperado dali a alguns dias.

Em Dili, organizara-se a defesa com trinta homens válidos, que tantos eram os que restavam.

E quais eram as fôrças da Província?

Haveria uns 75 soldados pretos, landins de Moçambique, já muito dizimados e que se encontravam em Timor não sabemos havia quantos anos, e europeus, alguns sargentos, cabos e soldados de artilharia, num total de cêrca de 40 homens estiolados pelo clima, não só em Dili, como espalhados por vários postos do interior.

Era com tal fôrça que se guarnecia uma das nossas colónias mais aguerridas!

Alêm dos soldados europeus e africanos,

há ainda em Timor os *moradores*, que são uma espécie de soldados irregulares e típicos, dos quais os mais valentes se apontavam como sendo os dos reinos de Lacló, Manatuto e Piço.

Segundo nos informaram, andariam por 1.500 homens, mas só com um têrço se poderia contar, como tropas, ainda que irregulares, mas melhor armadas e disciplinadas.

Os *moradores*, que vivem nos seus povos e só são chamados em caso de necessidade, têm os seus oficiais, até de patentes superiores, a quem o Estado paga sôldo, a-pesar-de andarem descalços como os soldados que são isentos de pagarem impostos, e conhecem alguma coisa do manejo de armas e as evoluções em ordem unida.

Usam, como trajo de gala, alêm dos panos, comuns a todos os timores, uma espécie de curta cabaia branca sôbre a qual assenta outra veste parecida com uma jaqueta sem mangas.

Esta, varia de côres, conforme a Companhia a que pertencem, e as cabeças são enfeitadas com penas, ao passo que nas pernas apertam peles de cabra sôbre as tíbias, caindo à frente, em forma de penacho.

O armamento era variável, predominando a espingarda de pederneira e a *Remington*,

além da catana, inseparável de todo o timorense.

Tal é o grande uniforme dos *moradores* que usam tambores e têm suas bandeiras, comquanto os que víamos de sentinela, em Dili, se apresentassem semi-nus, usando apenas uns panos, uns rapazotes da altura das espingardas, mas que se perfilavam, muito correctos, em braço-arma, quando passávamos por êles.

Eram rapazes de Baucau, que os melhores e mais aguerridos, andavam na guerra.

Uns vinte *moradores* do reino de Batugadé formavam um esquadrão de cavalaria, de muita utilidade, por serem, não só ótimos cavaleiros e bons atiradores, como mais dignos de confiança. Foram instruidos mais cuidadosamente, apresentando um certo aspecto marcial, com uniforme de *caqui*, *cofió*, e usando a espada da nossa cavalaria.

Dili estava entregue àqueles 30 homens, entre soldados, civis e reformados.

Um comerciante, que em tempos fôra soldado de artilharia, guarnecia uma peça; estabeleceram-se sentinelas, mas, a-pesar-do bom empenho que todos tinham em garantir as vidas, decorria tudo em tal alvorôço e confu-

são, que a um dos defensores ouvimos que, em caso de rebate, um dos maiores perigos seria matarem-se, sem quererem, uns aos outros!

Entretanto, com a manhã do dia que se seguiu ao de maior terror, começou a renascer o sossêgo e a esperança nos espíritos.

Desfeito o boato de inimigo ao pé da porta, logo os refugiados do *Dilly* começaram a desembarcar, mas mantiveram-se ainda as rondas e sentinelas por alguns dias, até que caíu a prática em desuso, quer devido ao cansaço quer ao hábito do perigo.

A coluna continuava em Aileu, onde se juntaram alguns *arraiais* de régulos fieis, mas a confiança nesta gente era tal, que o próprio Governador a comparava a um explosivo com que andasse nas mãos.

Foi nesta altura que a *Pátria* ali chegou.

Estávamos, pois, em Dili, a 6 de Janeiro, e a notícia da nossa chegada logo se espalhou por tôda a ilha.

Os timores usam um verdadeiro telégrafo, pelo qual vão comunicando, uns para os outros, das cristas das montanhas: de dia, passam palavra, de noite, fazem sinais com fogachos.

A presença do navio, cuja salva foi ouvida

com satisfação pela nossa gente, nos acampamentos, causou benéfica surpreza, e alguns *arraiais*, que andavam arredios, apresentaram-se como amigos.

Finalmente, em Timor respirava-se mais à vontade e, principalmente, estavam garantidas as vidas e a retirada dos europeus, no caso duma debandada, ou mesmo de maior desastre que sucedesse à coluna que operava em Aileu, desastre que era tão possível, com tão minguadas fôrças, que já estivera quási a dar-se na retirada de Aituto, onde o Governador ia ficando sem a vida.

Chapou-se-lhe o cavalo, e já dois indígenas corriam sôbre êle, de zagaias em punho, quando uns soldados os mataram a tiro.

Foi assim que se espalhou em Dili que o inimigo já tinha em seu poder a cabeça do *imbóte*.

Tínhamos saído de Macau na persuasão de que seria curta a ausência, e tanto assim, que vários oficiais lá deixaram roupas e malas, mas em breve nos certificámos de que a *Pátria*, cuja presença era requerida em Macau, em Xangai e, até, na Índia, teria de permanecer por largo tempo em Timor, onde já nem sequer a esperavam.

Dentre as surprezas que ali se nos depararam, surgiu-nos esta que estávamos longe de antever: em Timor não havia que comer!

A terra é fertilíssima, mas como são os indígenas que trazem os géneros ao mercado, apenas se declarou a guerra, desaparecem os alimentos.

Esta sujeição, já as crónicas de Macau ensinaram quantos suplícios e vexames nos custou no decorrer dos anos.

Eram grandes as apreensões para acudir à manutenção das fôrças esperadas para breve, a ponto de ter surgido a ideia de recorrer aos mantimentos do nosso navio, o que, como é óbvio, era inviável.

E assim passámos alguns dias vendo Dili, triste na sua beleza silvestre e solitária, tendo por única companhia o eterno queixume do mar.

Dir-se-ia que naquelas ruas assombreadas pelo arvoredo, nunca soara tom de guerra; apenas se notavam, pisando os pavimentos, cheios de relva, levas de prisioneiros, esqueléticos, mirrados, quási que a largarem a vida, mal podendo arrastar o pêso das algemas.

Fazia impressão contemplar aqueles bandos de desgraçados que se amontoavam aos

centos, na cadeia, onde chegavam a morrer quinze por dia.

Eram prisioneiros de guerra.

De quatrocentos e cincoenta, pouco mais restava de metade, e Malai-Macário ([1]), que fazia parte integrante da cadeia, dizia que morriam com *indigestão de arroz.*

Malai-Macário, um tipo de Timor e servidor do Estado, era carcereiro. Em tempos tivera uma vida acidentada: foi marujo e soldado, chegou a sargento e desceu a corneteiro. Viajou por várias colónias e, por fim, foi parar a Timor, numa *vilegiatura* de oito anos.

Quando do comêço da guerra, encontrou-se, um dia, perdido, sem armas e, por milagre, com vida, na margem duma ribeira, na Ermera, onde ficara a dormir, emquanto lhe passavam os vapores do vinho.

Conseguiu chegar a Dili, são e salvo e, para se vingar do risco da aventura, preguntava aos prisioneiros quando chegavam: — Você é da Ermera? — e quando lhe respondiam afirma-

---

([1]) — Malai, — estrangeiro — nome que os indígenas aplicam, indistintamente, a quem não seja natural da ilha.

tivamente, estendia o pescoço, com esta intimação:

— Anda, agora corta a cabeça a Malai-Macário! Não cortas? Então, toma!

E um cavalo-marinho que nunca o deixava como o melhor amigo, saudava o recem-chegado com algumas vergastadas.

Mas, deixemos Malai-Macário entregue ao seu fadário, apenas amenisado por freqüentes, visitas às lojas dos chinas que, nas suas casas abarracadas, eram quem mais vida davam à cidade.

Outros acontecimentos nos desviavam a atenção de tais misérias.

Campanha de 1912

O içar da bandeira
no acampamento
de Maubisse

CAPÍTULO IV

Começa a cooperação da "Pátria"

NO dia 11 de Fevereiro, ainda o sol não ia alto, ouviram-se uns toques de corneta pela praia, pondo em debandada, com as notas marciais, a passarada alegre que ali costumava cantar na ramaria.

Era a Companhia Europeia da Índia que vinha de Macau em socorro de Timor.

Veio a bordo do vapor inglês *St. Albans.*

Compunha-se de 75 homens, dos quais só 35 eram europeus. Os restantes eram *descendentes*, muitos dêles, rapazes novos, umas crianças, filhos de boas famílias, que se alistaram á

última hora, em busca de aventuras, porque a Pátria, mais mal fadada do que ingrata, lhes não bastava.

Alguns eram conduzidos pela esperança de poderem, no regresso, ir a Portugal, para êles uma terra querida.

Foram êstes os primeiros a cair com febres nas camas do hospital. Pobres moços!

Quatro dias depois, a 15 de Fevereiro, fundeava outro navio inglês junto de nós, o *Aldehnam*, que desembarcou a 8.ª Companhia Indígena de Moçambique, destacada em Macau.

Comandava-a o capitão Jaime Ramalho, um oficial decidido, esplêndido companheiro, que já dera as suas provas no continente africano.

Recebemo-lo com a alegria de quem torna a ver um amigo, quando veio a bordo trazer-nos notícias de Macau, onde parece que a pirataria estimava a ausência da *Pátria* para cobrar os seus impostos mais à vontade.

Naquele dia, ou no seguinte, seguiu com parte da Companhia para o interior, ficando alguns homens de guarda a Dili.

A Companhia Europeia já tinha seguido, em 12, mas com destino diferente.

Com a chegada daquelas fôrças, e passada

a maior crise, voltou a *Pátria* a ficar livre para o serviço do mar.

Logo lhe foi dada comissão: ir a Makassar, transportando um oficial da Província para tratar de adquirir mantimentos e medicamentos para a campanha e trocar telegramas com Lisboa.

O navio aproveitava para meter carvão.

No mesmo dia em que chegaram as fôrças, largou a *Pátria* de Dili, pelo meio dia e meia hora, fazendo derrota para as Celebes.

A viagem passou-se sem incidentes, bonançosas, como sempre se tinham mostrado aquelas águas, e cêrca das 13 horas do dia 17, largávamos ferro no pôrto de Makassar.

Logo de entrada, o piloto nos avisou que seria melhor retroceder, sem ir mais alêm, porque em terra grassava o cólera asiático, com intensidade, pelo que mais ninguêm desembarcou, alêm do médico e do oficial atrás mencionado.

Era certa a notícia dada pelo pilôto, pois o cólera grassava ali, com certa gravidade, prestando os holandeses poucos esclarecimentos àcêrca da epidemia.

Satisfeitas as encomendas para Timor, largou o navio na tarde do mesmo dia, com destino a Sorabaía.

Foi pena que não pudessemos desembarcar, não porque a terra oferecesse bonito aspecto, mas, sim, porque desejávamos ver o castelo que lá existe e é obra dos nossas maiores.

Como vestígio da nossa passagem por aquelas regiões da Oceânia, ainda ali se conservam muitos termos portugueses, na língua malaia, como sejam: *sapato, janela, tempo, bandeira, tinta,* etc.

Makassar apresenta um aspecto selvagem, que faz lembrar a Serra Leoa. Dili é bem mais mimosa.

E foi assim que no dia 19, pelas 11 horas, estávamos de volta a Sorabaía, onde a única alteração que notámos, foi maior número de navios no pôrto e destacamentos e patrulhas percorrendo as ruas, de baionetas armadas. Nalgumas casas, estacionavam piquetes de soldados que usavam uns chapéus de palha, rija e escura, muito característicos, feios de aspecto mas bons para o clima.

Já tinha havido algumas mortes, e a causa dos motins fôra, ao que parece, a proibição, pelas autoridades, de os chineses desfraldarem a bandeira revolucionária — então, azul, com uma estrêla branca — num dia de festa qualquer.

Nem em Macau nem em Hong-Kong, tais bandeiras foram nunca proibidas, e sendo os chinas tão pacíficos, nesta última cidade, as manifestações de regosijo atingiram um tal grau de entusiasmo e desordem, que até pareciam europeias.

*

* *

As condições de vida, a bordo, iam piorando consideràvelmente; a guarnição, cada vez mais cansada e a caír com febres.

O navio, para meter carvão, entrou no arsenal, atracando a um cais, onde se abafava com calor durante o dia e á noite a mosquitaria nos flagelava horrivelmente.

O pessoal do fogo, principalmente, estava exausto, a-pesar-das refeições extraordinárias, difíceis de arranjar em viagem.

Com um esfôrço bem sensível para tôda a guarnição, largou o navio de Sorabaía ao meio dia de 23, levando no tombadilho grandes volumes com medicamentos.

Foram enviados, para Lisboa, seis telegramas da Província, pedindo reforços e di-

nheiro, por ser penosa a situação, mas saímos sem resposta.

Regressámos, pois, a Timor, passando pelas 16 horas do dia 25 a cêrca de oito milhas do vulcão de Komba que se elevava como uma ilhota no meio do mar, deitando um ligeiro penacho de vapores que formavam uma nuvem a desfazer-se lentamente em redor.

Uma corrente para E. encurtou-nos a viagem e, no dia seguinte, pelas 6 e meia, novamente nos encontrávamos no pôrto de Dili.

A guarnição vinha extenuada, chegando a figurar um têrço dos homens no bilhete dos dispensados!

Á chegada, suprimiu-se a guarda ao navio, voltou a fornecer-se uma guarda à cadeia e poucos dias depois era requisitada outra para a residência do Governador, em Lahane que é, por assim dizer, um arrabalde de Dili, já na encosta da montanha.

Ao todo, eram 17 homens desembarcados, que chegavam a não ter folga superior a vinte e quatro horas, sendo esta folga empregada no serviço de bordo.

Em terra não estavam melhor, porque as noites eram passadas em claro, fustigados pelos mosquitos; por isso, o número de doentes ia

aumentando e o Comandante já era o segundo oficial atacado pelas febres.

Mais tarde, foram colocadas umas rêdes de arame nas janelas da casa da guarda à cadeia, onde a imundície era tanta, que algumas praças se queixavam de que, enojadas com o mau cheiro que lá havia, nem podiam comer.

Êste estado de coisas só se modificou quando o médico de bordo, o dr. Jaime Salgueiro, que já se tinha oferecido para, desinteressadamente, coadjuvar o serviço clínico do hospital, passou a desempenhar o lugar de delegado de saúde, a requisição do Govêrno da Província.

Alêm doutras medidas de saneamento, foi enviada uma parte dos prisioneiros para Aipelo, e pouco mais ou menos por essa época coincidiu, tambêm, o desaparecimento daquela exibição repugnante das levas de acorrentados a caírem quási mortos pelo caminho.

Poupou-se, assim, um triste espectáculo, tanto a nacionais como a alguns estrangeiros que desembarcavam dos navios que, de longe em longe, tocavam naquêle pôrto.

Como se estava tratando de organizar uma nova coluna para o interior, fornecemos-lhe a nossa metralhadora, com duas praças e uns 8.000 cartuchos.

A 4 de Março embarcaram os dois voluntários no *Dilly* que levou o resto dos landins que tinham ficado em Dili, e foram desembarcar em Batugadé, com destino ao Suro.

Estivemos muitos dias sem termos notícias dêles, e só mais tarde nos chegou uma requisição de calçado, enviando-se-lhes botas, das usadas para jogar o *foot-ball*, como as que tinham levado.

A coluna europeia em operações esteve quási imobilizada, sendo uma das causas a falta de calçado, que em Dili não podia ser adquirido devido à penúria do mercado.

CAPÍTULO V

Iniciam-se as operações

COM a organização desta última coluna ficaram as fôrças assim distribuidas: a coluna principal, com a base em Maubisse, comandada pelo Governador e composta por cêrca de 20 brancos, 200 africanos, 500 *moradores* e alguns *arraiais*, num total aproximado de 4.000 homens; a segunda coluna, na Soibada — antiga residência dos jesuítas — composta pela Companhia Europeia da Índia e alguns centos de *moradores*; a terceira, com a base no Suro, formada por cêrca de 70 africanos, as nossas duas praças com a metralhadora e uns 200 *moradores*; finalmente, uma coluna volante, na fronteira holandesa, coman-

dada por um oficial, com cêrca de 100 *moradores.*

Estas fôrças eram acompanhadas por alguma artilharia: a coluna de Maubisse tinha duas peças japonesas Krupp B. M. 7,5, recebidas de Macau; no Manatuto existia uma outra peça semelhante àquelas, e a coluna da Soibada dispunha duma metralhadora Nordenfeldt, trazida pela Companhia da Índia e que tinha pertencido à canhoneira *Sado.*

No Depósito de Material de Guerra ainda vimos duas peças B. M., fora do serviço por falta de reparos.

A guerra já ia perdendo um tanto do carácter de aventura que tinha apresentado até ali.

Qual era o plano da campanha?

Estava indicado isolar o reino de Manufai, quartel general da revolta. Para o conseguir, era necessário bater reinos vizinhos, tambêm revoltados, como Rai-Mea, Cailaco, Bibissusso, Alas, Toriscai, etc., que, pela adesão ao de Manufai, deram àquela guerra a gravidade que se afirmava não terem tido as precedentes sublevações em Timor.

Mas, seriam suficientes as fôrças de que dispunhamos para conseguir aquele objectivo?

A opinião geral era que não bastavam e

que nem com o dôbro de tropas regulares se conseguiria entrar no principal reino revoltado, mesmo depois de terminado o cêrco.

Entretanto, as fôrças iam realizando, em sucessivas avançadas, a primeira parte do plano que acaba de ser esboçado.

Ao mesmo tempo que a coluna do comando do Governador marchava de Aileu a ocupar a base de Maubisse, o alferes Cândido Bernardes ia acompanhando o mesmo movimento, avançando por W., a castigar a gente de Ate-Sabi.

A Companhia Europeia da Índia avançou sôbre Bibissusso e Alas, em direcção ao Manatuto; Hato-Lia, Suro, Ermera e Remexio ficaram suficientemente guarnecidos, ao mesmo tempo que as colunas volantes iam obrigando o inimigo a acolher-se às *pedras*, espécie de fortalezas ou redutos naturais formados por massas rochosas que se encontram pelas montanhas e que os timores aproveitam para se abrigar e defender.

Os *arraiais* de Baucau, Liquiçá, Dembale, Lamaquitos, Marobo e Manatuto, iam cooperando valentemente nas operações.

Dentre os oficiais que, durante a primeira fase da revolta, mais se distinguiram pela ener-

gia, enfrentando todos os riscos no interior, para manter a nossa autoridade nos pontos principais, citava-se o tenente de infantaria António Joaquim de Almeida Valente que, emquanto se mobilizavam os *moradores* e *arraiais* de Baucau e Manatuto e se concentravam as fôrças dispersas, nos postos de Bobonaro e Balibó, correu a defender o Suro que é uma das portas de Manufai e que os rebeldes atacavam com extraordinária audácia e valor.

Nestas avançadas, são os *arraiais* que vão à frente e batem o terreno; as fôrças regulares servem de apoio; nem doutra forma podem manobrar nos acidentadíssimos terrenos de Timor, onde os africanos estão longe de competir com os indígenas nas suas rápidas correrias, galgando montes e ravinas escarpadas. Contou-nos um oficial que, nas descidas, chegam a deixar-se escorregar pelas rochas, amparando-se apenas com as mãos.

Alêm disto, dispõem duma vista extraordinária e escondem-se nas pedras e no mato, donde espreitam o inimigo, à traição. Por isso, as guerras de Timor oferecem uma feição característica, diferente das guerras de África, que tornam imprescindível o concurso dos naturais.

Os timores desafiam-se com gritos, depois de expôrem, uns aos outros, as razões pelas quais fazem a guerra, onde o objectivo principal de cada combatente é obter a cabeça dum inimigo, para ser considerado *assuai*, ou guerreiro valente.

As cabeças, depois de defumadas, seguem sempre os *assuais* durante a guerra, antes de serem transportadas para as respectivas terras, onde são expostas como trofeus de vitória, nas árvores *lulic*, ou sagradas.

Servem-se, ainda, delas, para fazerem, após os combates, uma extranha cerimónia: o *tebedai*, ou a dança das cabeças, e em frente dêstes despojos humanos cantam um côro lúgubre e selvagem, chamado *lorsai.*

A dez minutos de Dili, num pôsto de guarda formado por cavaleiros de Lacló, viam-se três cabeças penduradas que às vezes desapareciam, porque, segundo nos referiram, os guerreiros que as possuiam as levavam com êles, sempre que tinham de saír dali.

Quando voltavam, de novo as cabeças apareciam no mesmo lugar, a balouçarem, negras, ressequidas, como uma crueldade repugnante duma guerra de povos primitivos.

*

* *

O tempo ia decorrendo monotono, em Dili, onde poucas notícias se sabiam da guerra. As operações estavam limitadas, por assim dizer, a sortidas com que se ia preparando o cêrco de Manufai.

Uma das principais posições a ser tomada, encontrava-se no monte Kablac, uma verdadeira fortaleza natural a defender aquêle reino.

O inimigo abrigava-se nas montanhas, em *tranqueiras* — termo que vem dos nossos primeiros ocupadores na Malásia — feitas de madeira e alvenaria, quando não se instalavam em rochas e cavernas, defendendo-se pelas seteiras.

Para auxiliar a bater estas fortificações, mandou o Governador seguir de Dili uma peça Hotchkiss de 47 m/m, que pertenceu ao antigo vapor *Dilly*. Como encarregado de artilharia da *Pátria*, fomos, a requisição do Govêrno da Província, inspeccionar aquela peça antes de seguir, e nada lhe encontrámos que a impedisse

de servir, mas lembrámo-nos de experimentar as munições que se apresentavam mal conservadas.

Fez-se a experiência com a peça colocada na praia, e depois de ensaiados uns doze cartuchos, sem que nenhum explodisse, desistimos de continuar.

Como se juntassem chinas a presenciar a experiência, julgámos conveniente, para *salvar a face*, repetir a experiência com cartuchos trazidos disfarçadamente, de bordo, que explodiram, para deixar a impressão de que tinha sido necessário ajustar uma mola, evitando, assim, que ficassem com a noção de que os cartuchos com que se tinha contado para a defeza de Dili, e que eram a melhor esperança, na noite trágica de 16 de Janeiro, para nada prestavam, como tivemos ocasião de verificar, pois a alguns que abrimos faltava-lhes o ignidor.

E foi esta mesma peça levada, uma vez, para a fronteira, para servir, se fôsse preciso, de desafronta ao agravo das incursões dos holandeses!

Julgadas inúteis as munições existentes em terra, seguiu a peça com 152 granadas e lanternetas fornecidas de bordo.

Êste incidente não foi mais do que a con-

firmação do que já sabiamos acêrca do lastimoso abandono do material de guerra, principalmente o de artilharia, no Ultramar, onde, por mais duma vez ouvimos, a camaradas de artilharia, amargas queixas, motivadas pelas sérias dificuldades que lhes surgiram em campanhas coloniais, devidas àquele motivo.

CAPÍTULO VI

A "Pátria" em Okussi

A 23 de Março tivemos notícia de que os nossos marinheiros tinham entrado em fogo em Ate-Sabi e esperávamos outras novas da guerra quando, passados três dias, chegou a Dili novo alarme duma revolta em Okussi, na costa Sul da ilha.

Tinham sido bàrbaramente trucidados dois sargentos, refugiando-se o comandante militar e um missionário em Batugadé, para onde foram num *beiro* — pequena embarcação indígena, feita dum tronco escavado — que demorou dois dias na viagem.

Aprontou-se imediatamente o navio que transportou uma fôrça de 40 africanos e 3 sar-

gentos europeus, sob o comando do tenente de infantaria Sérgio de Morais e Castro, e 31 *moradores* de Baucau, tendo à frente o *alferes* Afonso da Costa, moço vivo e de olhar inteligente.

E depois de desembarcarmos uma fôrça de 16 praças que ficaram guardando Dili e rondando as outras guardas, isto é, os *moradores*, sob o comando do sargento Henriques, largou-se a *Pátria* pelas dezasseis horas do dia 28, levando a reboque uma *corcóra* — espécie de chalupa — com munições de bôca para a coluna que havia de desembarcar em Okussi.

Como a *corcóra* não se aguentasse, a-pesar do pouco andamento que o navio levava, largou-se o reboque em frente de Aipelo, depois de se meter a bordo grande parte da carga que se arrumou no tombadilho e coberta, e pouco depois da meia noite fundeámos em Batugadé que se demandou por meio de três fogueiras que tinham sido mandadas acender na praia, dada a insuficiência, para a navegação, do farolim verde que ali existia.

Embarcámos o tenente de infantaria Jorge Figueiredo de Barros, comandante militar de Okussi, o régulo dêste reino, D. Hugo, dois europeus, alguns chinas e 25 *moradores*, alguns armados de espingardas, todos fugitivos de

Okussi, para onde largámos pelas duas e meia da madrugada.

Ás seis da manhã estavamos á vista de Okussi que oferece fundeadouro em cêrca de 30 braças, numa pequena praia aberta tendo ao fundo uma alta cordilheira de montes escarpados.

Dêstes, estende-se até ao mar, uma planície com cêrca de mil metros de largura, onde se encontra uma varzea orlada de espesso matagal. Junto da praia, estava edificada a povoação de Okussi ou Pante-Makassar.

Apenas chegámos, vimos um *beiro* dirigir-se para o navio, conduzindo um indígena e um padre que fazia sinais com um pano verde e vermelho preso ao chapeu.

Era um dos missionários de Okussi, o padre António Januário de Morais, vindo do interior, mas a quem os rebeldes permitiram que fugisse para onde quizesse, e que declarou que êles estavam na séde do comando militar, junto da praia e casas circunvizinhas, dispostos a não deixarem desembarcar pessoa alguma.

Aproximámo-nos a cêrca de 800 metros da terra, donde o inimigo nos saudou com muitos tiros, por entre a algazarra do seu grito de guerra, o *acláta*.

Entretanto, havia-se preparado a bataria para combate e eram 7 horas quando se rompeu fogo com as peças Hotchkiss e fuzilaria.

As balas das Remington que êles tinham roubado nos postos, passavam de vez em quando por cima dos toldos, emquanto outras caíam perto do navio.

Durou êste primeiro bombardeamento uma hora e um quarto, e em seguida começou-se preparando o desembarque, indo os *moradores*, no escaler a vapor que levava a reboque duas balieiras com os tenentes Barros e Castro e os soldados africanos, dando-se de bordo alguns tiros, de vez em quando, porque os indígenas recomeçaram o ataque, a coberto das casas ou ocultos no matagal.

Ás 11.30 tocou novamente a postos de combate e largaram-se as embarcações, prolongadas a E. B., a coberto do navio que foi seguíndo a procurar posição conveniente para proteger o desembarque, até que às 12.15 recomeçou o bombardeamento em que se empregaram todas as peças de B. B. — 3 peças Hotchkiss de 47 m/m e 2 Schneider Canet de 10 cm. — bem como dois destacamentos de fuzileiros, um no castelo e outro no tombadilho, donde se fazia fogo ao abrigo de trin-

cheiras improvisadas com a sacaria da carga, macas, etc.

Passados quarenta minutos, foram as embarcações mandadas avançar para a praia, onde as fôrças desembarcaram em frente da casa do comando.

Estacionaram no local do desembarque, formando uma espécie de cunha com duas fileiras singelas, com o vértice para terra, rompendo o fogo por descargas e, mais tarde, à vontade.

Aos primeiros tiros, caíram, gravemente feridos, dois africanos que foram conduzidos para bordo, onde tivemos ocasião de apreciar as extraordinárias qualidades de resistência dos landins.

A um dos feridos, gravemente atingido na cabeça, tornava-se necessário extraír um fragmento de ôsso do crânio e êle, sentado e procurando auxiliar o médico, exclamava: — Fôrça! Fôrça! — cada vez que sentia a pinça prender-se na ferida.

Por fim, livres de perigo, acabaram de restabelecer-se no hospital de Lahasse.

O bombardeamento continuou até às 13 horas, dando-se ainda depois alguns tiros que cessáram pelas 14.30, quando se demandou o fundeadouro.

Em terra, começavam a arder algumas casas e palhotas a que os *moradores* ia deitando fogo, emquanto as restantes fôrças se mantinham aproximadamente na mesma posição, a coberto com o declive da praia, bastante inclinada.

O sol abrasava; as comunicações com a terra eram constantes, principalmente para transportar água para beber.

O inimigo não abandonava as imediações do comando, onde se encontrava perfeitamente a coberto pela espessa vegetação; os *moradores* não mostravam desejo de passar a noite em terra, pelo que, ao pôr do sol, recolheram todas as fôrças a bordo depois de dados, ainda, alguns tiros de 47 m/m.

Antes disso, porêm, pelas 15 horas, já o navio havia sido invadido por umas 40 mulheres e creanças que, com o régulo de Okussi procuravam abrigo a bordo porque, afinal, não eram os de Okussi os revoltados, mas sim os de Ambeno, reino limítrofe do primeiro.

Entre os refugiados, encontrava-se a rainha de Okussi, mas que rainha!

Pobremente vestida e descalça, estendeu-nos a mão, ainda a tremer.

O régulo D. Hugo era um *descendente* de Malaca, apresentando-se vestido à euro-

peia e tratando como qualquer homem civilizado.

Entre os restantes, quási todos educados nas missões e, por isso, sem qualquer aspecto selvagem, destacava-se a professora oficial que estudou numa escola mantida em Macau pelas irmãs de caridade, e um tipo exótico e quixotesco nas palavras e nos gestos, que era o sargento-mór de Okussi, que fazia parte da casa militar que os régulos costumam ter.

*

* *

Como em Okussi só pode fundear-se perto de terra, embarcadas as fôrças, resolveu-se passar a noite pairando à vista da costa, o que se fez sem custo, levando o escaler a vapor a reboque, porque o mar estava espelhado e o tempo lindo, de luar.

Que estranho espectáculo oferecia o navio naquela ocasião!

Era como que um acampamento estreito de mais para conter tanta gente e de raças tão diferentes.

Falavam os timores os seus vários dialectos, ouviam-se os africanos estendidos no convés, trocando impressões, e por entre êles e os marinheiros ainda se viam os chinas, que nem já nos pareciam chinas, depois da recente mutilação do corte dos rabichos, exigida pela mudança das instituições no ex-Celeste Império.

No tombadilho, as mulheres e as creanças mal nos deixavam uma passagem e, junto da ponte, acumulavam-se os *moradores* com o seu trajo de guerra, primitivo e selvagem, com penas na cabeça, ostentando os *assuais* os seus largos braceletes e *luas* de prata.

Alguns afiavam, cuidadosamente, o corte às catanas inseparáveis.

Só alta noite cessou o borborinho no meio daquela estranha companhia e antes do raiar da madrugada, novamente aproámos a Okussi.

Pelas 7.30 embarcaram as fôrças nos escaleres, como de véspera, e às 8 horas ouviu-se o toque de postos de combate.

O navio aproximou-se a 400 metros de terra, donde o inimigo, antes que rompessemos fogo, nos recebeu com verdadeiras descargas cerradas, cujos projécteis batiam o mar em redor, atingindo, alguns, o costado do navio.

Começou o bombardeamento e, durante meia hora, cobrimos o litoral com um nutrido fogo de fuzilaria e metralha que obrigou os inimigos a fugirem espavoridos, depois de se mostrarem alguns na praia, dançando, a desafiar-nos a peito descoberto!

Empregaram-se nos bombardeamentos dos dois dias: 10 granadas ordinárias e 10 granadas de balas, das peças S. C. de 10 cm.; 155 granadas ordinárias e 5 lanternetas, das peças H de 47 m/m e 2.600 cartuchos de carabinas, que falhavam muito.

Os escaleres, que andavam ao largo, aproximaram-se, desembarcando as fôrças sem que fôssem hostilizadas. Estávamos, então, a duzentos metros da praia.

Ocupou-se a casa do comando, principiando imediatamente a contrução dum abrigo, em volta, emquanto alguns *moradores* iam explorando a orla do mato.

De bordo, desembarcaram algumas praças que, com o tenente Mesquita Guimarães, entusiásticamente se ofereceram para cooperarem na defeza.

Entretanto. generalizava-se o incêndio pelas restantes casas de Okussi, já em parte saqueadas e donde os chinas fugiam aterrorizados.

F.5

Enormes labaredas se elevavam entre os palmares, contorcendo as árvores e queimando os coqueiros quando, perto do meio dia, mal se tinha dissipado o som dos tiros e do rebentar das granadas, repercutindo-se os ecos pelas fragas das montanhas, o Comandante, acompanhado de dois oficiais, foi a terra içar a nossa bandeira.

Ali a saüdaram dois toques de corneta: um, nosso, outro, do pelotão de africanos, emquanto de bordo os acompanhavam os vivas da maruja, ao vê-la desfraldar.

Estava cumprida a nossa missão, e ela mal finda, já outra se esboçava.

CAPÍTULO VII

Os bastidores da revolta

QUAIS eram as causas da guerra?

Eram complexas e não as conhecíamos bem.

A primeira, devia residir, provàvelmente, na índole guerreira e altiva dos timores que, com a mesma razão que assiste a qualquer de nós, quando um estranho pretende introduzir-se à fôrça em nossa casa, não aceita boamente essa interferência no lar.

Esta seria a causa remota, agravada com o tempo e com outras mais próximas.

Destas, ouvimos citar, como uma das principais, um projectado aumento do imposto de capitação que, de uma pataca, passaria para duas patacas e dez avos.

Por isso, também corria que, nos primeiros encontros com a gente de Manufai, diziam os revoltosos para os nossos: — *venham cá buscar as duas patacas, se são capazes!*

Além destas, outras causas se apontavam, como: a proibição do corte das árvores do sândalo antes de atingirem uma certa idade; o imposto de duas patacas por cada árvore cortada; o arrolamento dos coqueiros e dos gados; a criação dum imposto novo, parece que de cinco patacas, sôbre os animais que fôssem abatidos na ocasião de fazerem *estilos*, aparecendo, ainda, por último, a mudança da nossa bandeira, com o advento da República, que os indígenas, ao que parece, não aceitaram bem.

Assim, ouvimos contar que, no Manufai, a nova bandeira foi rasgada e queimada, içando-se a antiga em lugar dela, a par da holandesa, e que tinha sido apreendida uma bandeira azul e branca, muito curiosa, porque a tinham ornamentado com treze ou catorze castelos.

Êstes motivos de descontentamento para o indígena e, ainda, o receio que alguns chefes mostraram de que as novas instituições fôssem acabar-lhes com aquela espécie de realeza vigente entre os povos de Timor, eram, segundo

se dizia, hàbilmente explorados em nosso prejuízo, pelos holandeses, nossos visinhos.

Por mais duma vez nos referiram que, nas primeiras refregas com os rebeldes, se ouvia gritar entrê êles: — *Mas, onde está essa cavalaria holandesa?*

Mais tarde, na fronteira de Bobonaro, viam-se os *assuais* avançar para os nossos, a peito descoberto, porque, diziam, lhes haviam ensinado que só as balas de *malai-béte* — os holandeses — os poderiam matar e que as nossas nem sequer tinham fôrça para lhes furar a pele!

Quanto à acção corrosiva dos holandeses para o nosso prestígio e domínio em Timor, não ouvimos naquela Colónia, uma só opinião discordante; dir-se-ia, até, que da parte dos nossos amigos e visinhos havia como que um mixto de ciúme e de cobiça com que apeteciam a parte da ilha que ocupamos, a mais rica, chegando, — afirmaram-nos testemunhas presenciais — a disputarem-nos os terrenos na fronteira, palmo a palmo, quási que pelos pés de sândalo!

É curioso que, quando cêrca de vinte anos mais tarde, nos encontrávamos, como capitão do pôrto, em Vila Real de Santo António, onde

tivemos oportunidade de nos avistar com os representantes duma firma holandesa, concorrente às obras daquele pôrto, e vindo a propósito falar-se de Timor, notámos com espanto que um dos holandeses, ao tratar-se daquela Colónia, passou por uma verdadeira metamorfose, entrando numa crítica quási agressiva para a nossa acção colonizadora e lamentando que tôda a ilha não fôsse holandesa!

Êste incidente, passado tantos anos depois, levou-nos à convicção de que, na verdade, aquelas acusações que tão estranhas nos pareceram quando as ouvimos em Timor, deviam ser fundamentadas.

Quási que não se compreende porque é que os holandeses, que possuem um tão vasto e rico império na Insulíndia, conservem um tal apetite pela minúscula parcela que é a nossa parte de Timor, cuja superfície orça por 19.000 Qm.^{2} e a população por 400.000 almas.

A todos aqueles motivos que se apontavam como determinantes da guerra, ouvimos ainda, em Dili, acrescentar um outro: a política local, descendo a tais processos, que até repugna citar.

Se considerarmos a deficiência das fôrças com que o Govêrno da Colónia podia contar

para fazer face a qualquer emergência, vêr-se-á como não será exagêro classificar de milagre o facto de não termos lá ido encontrar a maioria, se não todos os europeus, de cabeça cortada.

*

* *

A revolta de Ambeno parece que nada tinha de comum com a capitaneada pelo régulo de Manufai.

Nesta revolta, a juntar às causas jâ apontadas, citava-se outra, como tendo contribuido para a sublevação do gentío, que não deixa de ser interessante, porque reveste uma certa feição romântica: foi uma questão de amores.

O régulo de Ambeno, D. João da Cruz Ornai, foi educado na missão de Lahane e tinha uma irmã que se dizia ser formosa e prendada, pela educação que recebera das irmãs de caridade.

Não é, pois, de estranhar, que por ela se tivesse apaixonado um mancebo que era sargento de *moradores* de Lacló, um sobrinho do mesmo régulo e, portanto, de estirpe real.

Corresponderam-se e, por fim, o sargento enamorado, um rapaz franzino que chegámos a ver em Okussi, escreveu a D. João Ornai, pedindo-lhe a irmã em casamento. Achou o régulo o pedido insolente e queixou-se do facto ao comandante militar que lhe respondeu com motejos. O Ornai, despeitado, procurou o cúmplice na troca da correspondência amorosa da irmã e castigou uma criada.

O comandante militar teve conhecimeuto do facto, chamou o régulo e, na frente dos chefes que o acompanhavam, deu-lhe uma forte reprimenda, ameaçando-o com palmatoadas e com a prisão, o que ia mandando traduzir pelo interprete, para que todos compreendessem.

O régulo, conservando-se calado, ouviu-o e chorou; levado o incidente ao conhecimento dos demais chefes, deliberaram todos tirar vingança.

Recusaram fornecer *arraiais* para a campanha de Manufai e pouco depois começava a chacina dos europeus.

Outra versão corria, ainda, sôbre a causa desta revolta, como sendo o mau tratamento que alguns comandantes de postos — sargentos, cabos e, até, soldados — infligiam aos indígenas,

como se afirmava que tinha sucedido quando se quiz recrutar gente nova para a guerra.

Fôsse como fôsse, os Ambenos revoltaram-se; atravessaram a fronteira de Okussi, ou antes, Oékussi — *bilha de água* — povo mais pequeno e mais fraco, que fugiu amedrontado, ficando apenas algumas famílias, na maior parte aparentadas com o régulo. Foi esta gente que se acolheu a bordo.

Disse-nos o régulo D. Hugo, que o seu reino já fôra muito maior e que, actualmente, depois das partilhas com os holandeses, se encontrava reduzido a uma estreitíssima faixa de terreno ao pé do mar, onde só contava quatro *sucos* — grupos de famílias ou povoações governadas por um chefe, ou *M'or* — com uma população de cêrca de 3.000 almas.

Os *sucos* eram: Fulica, Acumata, Sabos e Oékussi. Os chefes dos dois primeiros tinham os títulos de *Sargentos-Mores,* o do terceiro, de *Capitão dianteiro* e o do último, só de *Capitão.*

Foi ali perto, a W. de Pante Makassar, onde os padres dominicanos fundaram, no meado do século XVI, a primeira colónia portuguesa em Timor: Lifau.

Só mais tarde, em 1769, é que se fundou e transferiu a capital para Dili.

Parece que em Lifau nada mais resta alêm de ruínas, por meio das cubatas, como vestígios da nossa passagem.

Encontrámos em Dili, junto dum modesto Museu Municipal, dois curiosos blocos de pedra, trazidos de Lifau, semelhando mós dentadas, talvez importadas de Macau, pois não nos consta que haja granito em Timor, e que se presumia terem pertencido aos padres dominicanos.

Esta região é das mais interessantes e oferece tradições que andam ìntimamente ligadas à história de Timor. A família Ornai figura a miúdo nos anais da Colónia, já como aliados, já como inimigos e, até, como pretendentes ao reino de Larantuca, na ilha das Flores, onde existiu a primeira capital portuguesa da Malásia e que desastradamente foi cedida à Holanda, em 1859.

A nossa influência naquela ilha foi tão vincada que, de todas as terras que hoje formam o vasto império das Índias Neerlandesas, é aquela, parece, onde se encontram maiores vestígios da passagem dos portugueses.

Foi tal a repugnância que os habitantes de Larantuca sentiram em arriar a nossa bandeira, para a trocarem pela holandesa que, para

que aquêle acto se pudesse realizar sem haver de empregar-se a fôrça, foi necessário que lá fôsse um português que só a custo os convenceu.

*

* *

A gente de Okussi andava fugida, suspeitando-se que alguns se tivessem bandeado para os rebeldes; o régulo, a-pesar-de diligenciar ou fingir que diligenciava reunir o seu povo, não o conseguiu.

Seria por falta de prestígio, por cumplicidade, ou antes, pelo terror que causavam os Ambenos?

O que é certo, é que as fôrças desembarcadas, uns cem homens, entre os quais sete europeus, encontravam-se completamente isoladas dentro do acampamento, defendido por um fôsso e grossa trincheira.

Passados muitos dias, não conseguiu D. Hugo que se apresentassem mais de três rapazes, umas crianças a quem, irònicamente, se chamavam os *arraiais* de Okussi.

Sabia-se que o inimigo não abandonara

as imediações, tendo estabelecido o seu quartel general a W. do pôsto, no meio da várzea, perfeitamente oculto pela vegetação na qual, pouco a pouco, se ia abrindo uma clareira em tôrno do pôsto.

Os ambenos constituem uma das mais aguerridas raças de Timor, tanto para temer, que o célebre Governador Celestino, para evitar complicações, proíbia aos comandantes militares avançarem para o interior e recomendava-lhes que se limitassem a receber os impostos que viessem pagar ao comando, por isso, não era inverosímil o boato que corria, de que êles se preparavam para novo ataque, com fôrças muito superiores àquelas com que nos tinham feito frente, quando do desembarque.

Avaliaram-se em mais de mil homens os que então se juntaram em Okussi.

Êste estado de coisas obrigava as fôrças desembarcadas a estarem sempre àlerta, num serviço muito pesado, principalmente de noite, quando os alarmes eram constantes, funcionando os projectores de bordo sempre que em terra nos era pedido, por sinais, e chegando a disparar-se algumas granadas.

Durante o dia, ouviam-se os tiros isolados

das nossas atalaias que comunicavam haver descoberto espiões inimigos por entre o mato; por vezes, até, alguns dos oficiais que vinham acompanhar-nos a qualquer refeição, tinham que retirar-se à pressa, para terra, sem a terem terminado, por se ouvir um toque inesperado de deitar correias ou qualquer outro sinal de movimento anormal.

Era um sobressalto constante e, nestas condições, reputou-se insustentável a situação da fôrça sem o apoio do navio.

Mais uma vez se deu o facto curioso do nosso navio ser disputado, agora dentro da própria Colónia, onde Dili estava para Okussi, como Macau para Timor.

Entretanto, o navio, havia já anos em estação, estava a pedir consertos por todos os lados.

No convés, a ferrugem chorava pelas juntas do tabuado, chegando a aparecer nos rebites dos tectos dos camarotes; algumas chapas, à proa, bem como os entrefundos das caldeiras, cujos tubos começavam a rebentar, também precisavam substituição; a hélice de E B. tinha o passo alterado e uma pá partida, o linoleum e reposteiros dos camarotes, etc., apresentavam-se em mísero estado, dando-nos uma

impressão de desconfôrto que não é costume observar-se nos navios de guerra.

Ao mesmo tempo, a resistência da guarnição não era superior ao estado em que se encontrava o material, e foi nestas condições que, com parte do pessoal desembarcado em Dili, de caldeiras acesas e a dois quartos, nos iamos aguentando em Okussi, donde não sairiamos tão cedo se os mantimentos não começassem a faltar.

*

* *

Acabadas de instalar as fôrças em terra, em condições de resistir, ao abrigo de trincheiras que se estendiam quási até ao mar, restava dar destino aos refugiados a bordo e que ali dificilmente poderiam demorar-se mais tempo, para darmos por finda a nossa missão.

Por isso, pelas oito horas da manhã do dia 1 de Abril, largámos para Batugadé, onde fundeámos depois de quatro horas de viagem.

Conduzimos, com destino a êste pôrto, trinta e seis mulheres e crianças; o missioná-

rio já indicado e dois europeus. Os feridos e alguns doentes continuaram a bordo.

Batugadé foi, em tempos, um nome trágico em Timor, um temido lugar de destêrro. Fica numa vasta planície e compunha-se dum presídio militar circundado por poucas casas, escondidas por entre palmares.

Entre estas, notava-se uma igreja pela pobresa do aspecto, coberta de colmo, tendo em frente o mais singelo dos campanários: um sino suspenso de dois postes de madeira e resguardado com um beiral de zinco.

Visitámos o presídio, de má fama, pelo terror espalhado pela história das suas prisões.

Para ali eram enviados os presos que mereciam maior castigo, e entre outras histórias sombrias que corriam, acêrca do famoso presídio timorense, contava-se que, em tempos idos, sucedia haver um ou outro preso que, por motivos que as histórias não rezam, nem mesmo ali convinha conservar, e, nesse caso, a escolta que o conduzia recebia a seguinte recomendação: êste preso foge!

E assim, o preso *fugia* e não chegava ao seu destino, apresentando a escolta apenas a cabeça, como prova do zelo com que cumpria o serviço do Govêrno. É preciso notar, tratava-se

de presos e de escoltas indígenas, para quem o corte das cabeças era uma prática de heroísmo guerreiro, segundo os costumes malaios.

O presídio era uma boa fortaleza para aquelas paragens, com uma esplêndida casa a meio do recinto amuralhado, mas deshabitada, porque a sede do comando se encontrava em Balibó, local muito mais saudável, a quatro horas de caminho, na montanha.

As prisões modernas, amplas salas, cheias de ar e de luz, como talvez se não encontrassem melhores na Metrópole, estavam habitadas.

Visitámos umas outras, quási subterrâneas, sob uma espécie de baluartes, nos vértices das muralhas. Entrar ali, causava pesadelos; nem ar, nem luz, apenas um chão húmido, sôbre o qual um homem não podia estar de pé. Prisioneiro que alí entrasse, informaram-nos, durava semanas, mas estavam vazias e havia muito tempo que não eram utilizadas.

Batugadé, como, de resto, tôda a ilha de Timor, foi teatro de importantes revoltas e, na ocasião, estava entregue à guarda de meia dúzia de *moradores*, sob o comando dum extravagante *major* de quem foi difícil desembaraçar-nos, porque nos queria beijar a mão.

*

* *

Livre o navio da aglomeração de passageiros e bagagens que pejavam o convés, não quiz o Comandante seguir para Dili sem voltar a Okussi, a saber o que se tinha passado na nossa ausência, e como nada encontrasse de anormal, levantámos ferro pelas seis horas da manhã do dia 3 e chegámos a Dili pelas três da tarde.

Entretanto, a situação em Okussi continuava a não ser definida nem segura, pelo que o navio foi novamente requisitado pelo Govêrno da Província para seguir para aquêle ponto da costa, para onde largámos no dia 6 e onde tínhamos por missão garantir, com o nosso apoio, a ocupação de Okussi.

Á chegada, — era sábado de Aleluia — soubemos que acabara de dar-se um grande alarme, contando-se que o inimigo estava à espera que terminasse a Semana Santa para iniciar um ataque planeado para a noite próxima, mas, ou porque receasse o navio, ou por

qualquer outro motivo, os Ambenos não apareceram, ouvindo-se apenas, durante a noite, uns tiros isolados, como era costume.

É curioso notar como aqueles povos, tão próximos ainda do estado selvagem, respeitam a religião cristã. Não só os chefes educados nas missões, ou os convertidos pelos missionários, acatam os nossos *estilos* religiosos — como êles dizem — como também os pagãos se ofereciam para trabalhar nas obras da igreja de Okussi.

Até nestas ocasiões se torna necessário empregar uma certa diplomacia para evitar complicações, porque se só um dos povos, o de Okussi ou o de Ambeno, fôsse admitido a prestar os seus serviços, seria o bastante para que o outro, despeitado, lhe fizesse guerra.

Na igreja, existiam valiosos paramentos, do tempo dos antigos Dominicanos, que são propriedade daqueles povos, e não das missões, como sucede nas outras igrejas.

*

* *

Não pudemos obter informações acêrca do efeito dos nossos bombardeamentos; só cons-

tou que uma das granadas de 47, atirada na noite anterior, caíra num grupo de sete indígenas, matando quatro e ferindo os restantes.

Mais tarde, é que se dizia em Dili, não sabemos com que fundamento, que tinham causado umas 200 baixas, entre mortos e feridos.

A bordo, viam-se alguns sinais das balas dos inimigos que, se tivessem melhores noções sôbre pontarias e soubessem servir-se das alças, ter-nos-iam causado desastres.

Algumas *Remingtons* que trouxemos para distribuir aos *moradores*, não tinham cursores nas alças, o que se fazia, propositadamente, para evitar maior risco quando, como então sucedeu, viessem a servir contra nós.

Durante esta permanência em Okussi informaram-nos dos requintes de selvajaria empregados pelo régulo D. João de Ornai para assassinar os dois sargentos, Manuel Carlos Rodrigues e João Bernardino.

Foi a 25 de Março. O primeiro encontrava-se em casa do régulo, em Nunuéve, a hora e meia de caminho de Okussi, quando lhe assaltaram o quarto, depois de se certificarem que êle estava a dormir.

Amarraram-no com cordas e, em seguida,

o régulo, que era um tipo franzino e quási anão, sentou-se em cima dêle e, com uma pedra, foi-lhe partindo os dentes e a cara, passando depois a cortar-lhe os dedos dos pés e das mãos que distribuiram uns pelos outros, ao mesmo tempo que exclamavam: — êste era o dedo que me dava bofetadas, êste o que me dava pontapés, mas agora já não nos dão mais!

A seguir, cortaram-lhe os outros membros, até que morreu no meio de horroroso sofrimento.

Trucidado o primeiro, D. João Ornaï saíu a encontrar-se com o segundo dos sargentos que ia a caminho de Okussi e, ao vê-lo, convidou-o a apear-se do cavalo para ir ver um *porco gordo* que tinha acabado de matar.

O sargento não queria demorar-se porque levava pressa, mas acedeu, por fim, e apenas se apeou, passaram-lhe uma corda ao pescoço para o prenderem, despiram-no e mataram-no pelo mesmo processo, a-pesar dos rogos e das súplicas da vítima.

Foi feito em bocados, conservando-lhe a cabeça, à qual arrancaram o coiro cabeludo, para fazerem *estilo*.

Mais tarde, umas raparigas que assistiram aos suplícios dos europeus, imitavam, em

Okussi, fazendo escárneo, os gritos das vítimas a implorarem que as não matassem.

Cometidas estas façanhas, D. João Ornai dirigiu-se ao comandante militar do pôsto holandês de Bine, e depois de lhe narrar o que acabára de fazer, pediu-lhe auxílio.

Preguntou-lhe o holandês se êle queria resolver o caso pacìficamente, ou fazer guerra, ao que o régulo respondeu:

— Fazer guerra até morrer!

— Então vá, e se não se aguentar com êles e precisar, acolha-se aqui — respondeu o comandante do pôsto.

Depois disto, que se passou na presença dum secretário do régulo de Okussi, a quem ouvimos êstes promenores que julgamos interessante registar, dirigiram-se ambos para um aposento separado, com o interprete, onde se demoraram em conferência.

Depois de passados êstes factos, o missionário de Okussi, o padre Morais, recebeu uma carta datada de 27 de Março, do comandante do pôsto holandês de Hau-Méne, a oferecer-lhe hospitalidade, caso quizesse acolher-se ao território neerlandês.

Desta carta extraímos a seguinte passagem: «...*et c'est par cette raison* — o conheci-

mento que êle tinha da situação difícil em que o missionário se encontrava — *que j'ai l'honneur, par ordre de mon chef, son Excellence le Résident de Timor et ses dépendences, de vous enviter de vous rendre à Mena (territoire néerlandais)*... onde, no dia 30 de Março tinha um navio holandês que o conduziria a Atapupo.

Alêm desta carta, o padre recebeu outra, do régulo, em que lhe afirmava que não lhe faria mal algum e que podia retirar-se para onde quizesse, carta que, parece, lhe foi sugerida pelas autoridades holandesas.

O Ornai procurou depois o missionário em casa, a confirmar-lhe a carta, repetindo as ordens, na frente do missionário, para que ninguêm o matasse.

Porque foi que o comandante holandês não avisou, tambêm, o comandante do nosso pôsto de Okussi, do que se estava passando?

Tudo isto são elementos interessantes para a nossa história colonial, por isso os registamos, colhidos no próprio local, em grande parte dos protagonistas dêstes acontecimentos.

CAPÍTULO VIII

Seqùência das operações

DURANTE a nossa permanência em Okussi não mudou a situação: eram as mesmas vigílias, alarmes e tiros, de vez em quando, conseguindo-se, apenas, alargar um pouco mais o campo de tiro em volta do acampamento.

A bordo já se ia passando mal, devido à falta de mantimentos e de frescos; até a lataria já escasseava e dentro de poucos dias a guarnição não teria que comer.

Como na viagem a Makassar não pudessemos meter frescos, abriram-se umas barricas de carne salgada com oito ou dez anos, pelo menos.

Tinham pertencido à antiga canhoneira *Rio Lima*, e parte da carne estava como petrificada, emquanto outra empestava o navio depois de exposta ao ar.

Por outro lado, começaram a aparecer tubos inutilizados numa caldeira que era necessário apagar; havia doentes em terra e, a bordo, um ferido por desastre, com um tiro, que era necessário transportar para o hospital. Por todos êstes motivos, impunha-se a volta a Dili, o que o comandante do pôsto não desejava, com justificada razão.

No dia 13, estávamos de novo em Dili, levando a bordo o missionário de Okussi, que sempre nos acompanhou durante o tempo em que ali nos demorámos.

Em Dili soubemos que se tinha apresentado um régulo revoltado, D. Vicente de Bibissusso, e parte da gente do Toriscai. Os de Manufai iam recuando e concentravam-se nos redutos naturais dêste reino, para onde levaram todos os gados daqueles seus aliados, deixando os donos de fora, e a êste facto ouvimos atribuir a apresentação dêles.

No campo inimigo começava a sentir-se a fome, e quando saíam das *tranqueiras* a colher milho, eram apanhados pelos nossos *arraiais*

que, assim, iam coleccionando um bom número de cabeças.

Contaram-nos que, nos acampamentos de Maubisse, todos êles enfeitados com cabeças cortadas, já às vezes se tornava insuportável o cheiro dos cadáveres em decomposição, quer dos que ficavam mortos no campo, quer dos que iam morrendo dentro das *tranqueiras.*

Em Ate-Sabi chegaram a deixar-se morrer de fome, nas cavernas, mais de cem homens que não quizeram render-se; apanharam-se mulheres e crianças foragidas que, só depois de comer, puderam falar.

Numa sortida audaciosa que os nossos aliados fizeram neste reino, trouxeram ao *Imbóte* um presente de trezentas cabeças! Era a guerra feroz, implacável, de selvagens, mas... que diremos das *limpezas de trincheiras* usadas pelos hiper-civilizados na Grande Guerra?

A sorte da guerra ia-se tornando adversa aos rebeldes.

Para descansarmos um pouco em Dili, montou-se uma peça de 47 m/m, no vapor *Dilly* que, assim armado, nos iria render em Okussi, o que não chegou a efectivar-se por ter rebentado um tubo de vapor da improvisada canhoneira que, devido à falta de recursos locais,

ficou impossibilitada de navegar durante dois mêses, que tanto foi o tempo que levou a satisfazer a substituição do tubo avariado, por intermédio de Sorabaía.

Entretanto, era esperado o novo comandante da *Pátria*, o capitão-tenente Gago Coutinho, que chegou a 16 de Abril, vindo da Índia, e que no dia seguinte tomou posse do comando, entregue pelo capitão-tenente Júlio Milheiro que retirou para a Metrópole num paquete inglês que tocou em Dili a 24 do mesmo mês.

*

* *

No dia 18 voltámos para Okussi, levando a bordo uns cinqùenta *moradores* de Lacló, arame farpado e outro material para o acampamento.

Em frente de Liquiçá, pairou o navio para embarcar o tenente-médico Paiva Gomes, com destino a Okussi, e em Batugadé deixámos correspondência e vinte *moradores*.

Chegados a Okussi, soubemos que os Ambenos tinham feito um ataque ao acampamento,

mas tinham sido repelidos, depois de meia hora de fogo.

Nessa noite fizeram-se projecções, ouvindo-se os tiros isolados do costume.

Na manhã de 20 suspendemos, a fazer umas rotações para compensar as agulhas e, ainda não estávamos de volta, viu-se arder a nova casa do comando, em construção, sôbre um outeiro fronteiriço ao acampamento e para alêm da várzea. Não estava ocupada por falta de quem montasse a canalização e foi incendiada pelos Ambenos.

O inimigo ia-se mostrando cada vez mais atrevido; passados dois dias, vinha incomodar-nos com tiros dados junto da praia, a coberto do mato. Respondeu-se-lhe com umas granadas que não impediram que os tiros se repetissem no dia seguinte, deixando vestígios no navio.

Esta situação não era tolerável, pelo que o Comandante foi a terra conferenciar com o comandante do pôsto, vindo ambos para bordo depois de terem feito um pequeno reconhecimento para determinar, aproximadamente, a posição do inimigo.

Vinham acompanhados, para prestarem quaisquer informações que pudessem servir

para regular o tiro, pelo régulo D. Hugo e por um *major* de *moradores*, de aspecto feroz e que, impassível, mostrava com orgulho a fôlha da *catana* e um bracelete de prata ainda tintos do sangue dum adversário, a quem cortára a cabeça.

Enviaram-se mais algumas granadas de presente aos Ambenos, e como isto os não satisfizesse, porque no dia seguinte voltaram com os seus tiros de caça, o Comandante foi novamente a terra e resolveu-se fazer uma batida na várzea, depois de novo bombardeamento sôbre os lugares de provável abrigo do inimigo.

Empregaram-se naquela operação todas as fôrças que havia no pôsto, ficando êste guarnecido por um destacamento de vinte e oito marinheiros que desembarcaram de bordo, onde durante cêrca de uma hora se ouviu um rijo tiroteio em terra.

O tenente Mesquita Guimarães acompanhou as fôrças na exploração da várzea.

Ao sol pôsto, voltaram as fôrças aos seus postos, enviando-se, ainda, duas granadas de 10 cm. para uma quebrada, onde se supunha que os rebeldes se tivessem refugiado.

Não voltaram os Ambenos a dar sinal de si e, pelas cinco horas da manhã do dia 25, lar-

gávamos para Dili, onde chegámos pelas duas e meia da tarde, a esperar o paquete holandês da carreira.

Soube-se que D. Boaventura, régulo de Manufai, tinha escrito uma carta ao Governador, oferecendo entregar-se nas condições em que os outros régulos o tinham feito.

Foi-lhe respondido que se aceitava a proposta, garantindo-se-lhe a vida, com a condição da entrega de todo o armamento e dos assassinos dos europeus trucidados.

Parecia, assim, que a guerra estava a terminar, mas o régulo, astuto, ou porque se servisse do oferecimento como um estratagema para saber das nossas intenções e fôrças, ou por outros motivos, respondeu que se entregava, sim, mas só depois de todos os régulos o fazerem.

Entretanto, a guerra ia continuando com bons auspícios. Assim o indicavam as últimas notícias expedidas em despacho telefónico de 24 de Abril e publicadas pela Secretaria do Govêrno, indicando os serviços que as nossas fôrças vinham prestando em Maubisse.

As notícias eram as seguintes:

No cêrco e ataque às pedras de Cartulo, os

rebeldes tiveram 63 mortos, 112 prisioneiros e entregaram-se 108 pessoas. No cêrco às pedras de Curo-Aço, Bera-Matu, Lele Manufai e reino de Aituto, entregaram-se 496 pessoas. No ataque e cêrco aos buracos de Aituto (descida para a ribeira Lé-Lulic), os rebeldes de Lelo-Lulic e Leque-Lebe tiveram 3 mortos e 38 prisioneiros. No cêrco e ataque às pedras de Derai, os rebeldes tiveram 5 mortos, 211 prisioneiros e entregaram-se 593 pessoas; no cêrco e ataque às pedras de Catate, os rebeldes tiveram 12 mortos.

Em todos êstes serviços apenas temos a registar nas nossas tropas regulares 4 mortos e 6 feridos.

Em resumo: os rebeldes tiveram 102 mortos, 385 prisioneiros e entregaram 1197 pessoas. É desconhecido o número de feridos e mortos que os rebeldes tenham conseguido ocultar.

A própria chegada do Governador a Dili dava a entender que as operações iam correndo com bom aspecto.

*

* *

Estávamos para voltar para Okussi, como tinha sido combinado com o comandante do

pôsto, quando outro facto nos reteve em Dili.

A 29 chegou o *Zambézia*, da Empreza Nacional de Navegação, vindo de Lourenço Marques, com trinta e um dias de viagem, seguidos, trazendo uma companhia de duzentos e vinte e três africanos com três oficiais e três peças de bronze, de montanha, e respectivas munições.

Embarcámos um pelotão de setenta e quatro africanos com dois oficiais e três sargentos, bem como o director das Obras Públicas de Timor, e no dia 30 saímos de Dili, pelas três da tarde, seguindo muito perto de terra, a contornar a costa, até à ponta Parimbala.

É aquela parte da costa montanhosa, muito recortada, formando praias, às quais se seguem, nalguns pontos, ligeiras planícies, como sucede nas pequenas baías onde se encontram os postos de Aipelo — presídio militar — Liquiçá e Maubára, sede dos comandos dos mesmos nomes.

Maubara, que foi ocupado pelos holandeses e que passou para o nosso domínio pelo tratado de 1859, é célebre pelo café.

Liquiçá, que oferece um bonito aspecto com suas casinhas alvejando entre as árvores, ia-se tornando uma importante região de cul-

turas, devido ao persistente esfôrço do então tenente de infantaria, António de Magalhães que dirigia a Repartição Central do Fomento Agrícola e Comercial de Timor, recentemente criada.

Pode navegar-se muito próximo de terra, porque a água é límpida e de grande fundo, mas é necessário cautela com os constantes *rilheiros*, que muitas vezes chegavam a desgovernar o navio, principalmente, junto da ponta Parimbala, onde as correntes formam um grande número de redemoinhos.

Esta ponta é o Cabo Tormentoso para as *corcoras* que ali têm de passar, o que os timorenses traduzem por uma cantiga que cantam quando remam, em que dizem que na ponta Parimbala nem o peixe voador pode passar.

Junto à terra, às correntes, que atiram sempre para fóra, são menos violentas do que ao largo, e algumas vezes ali passámos a poucos metros das pedras.

Daquela ponta soltou-se rumo para Okussi, e como a costa é reintrante, não avistámos Batugadé nem Atapupo, pôsto holandês, fàcilmente reconhecível por uma boa marca formada por uma espécie de V recortado no céu, entre as montanhas.

Esta marca, por uma casa branca junto da praia, dava o enfiamento para o fundeadouro.

A ribeira de Lois, um dos principais, se não o principal curso de água de Timor, dava ao mar uma coloração diferente, depois de dobrada a ponta Parimbala. A navegação é fácil nesta costa da ilha, mas a costa Sul era ainda pouco conhecida.

As cartas de Timor, como de resto sucede com as de tantas outras ilhas da Oceania, estão incompletas e erradas.

Assim, o pôrto de Manatuto, na costa Norte, apresenta-se na carta como um profundo saco pela terra dentro, quando não oferece tal configuração, sendo uma simples baía aberta, como todos os fundeadouros da costa.

Além disto, notam-se grandes diferenças de coordenadas entre as cartas inglesa e holandesa.

Resta muito que fazer na cartografia de Timor, mas já alguma coisa temos feito, pois só depois de executados os trabalhos pela nossa missão de 1898 é que a ilha passou a ser representada pela forma como hoje se vê desenhada. Até então, não se conhecia aquele estreitamento que apresenta a meio.

*

* *

Em Okussi, nada tinha ocorrido de anormal; depois da última batida, ficou desfeito o mistério da várzea, onde poderia ser que aparecesse ainda algum espião, mas sem conseqüências de maior.

Por isso, no dia 2 de Maio, depois do pôr do sol, embarcámos o pelotão de africanos da 8.ª Companhia de Moçambique, que o outro tinha ido render, e que durante parte da noite se entretiveram, descuidosamente, em alegre batuque no *spardeck*.

De manhã, saímos de Okussi, voltando a Dili, onde pouco nos demorámos, porque no dia 4 tivemos de conduzir nova fôrça de africanos.

Pelas oito horas largámos para Liquiçá com o resto da 9.ª Companhia de landins: quatro oficiais, quatro sargentos e cento e vinte pretos que, depois de hora e meia de viagem, deixámos no pôrto de destino.

Foi interessante o desembarque, con-

quanto menos movimentado do que os primeiros a que tínhamos assistido em Okussi.

Correu à praia, entre receios e pressurosa, uma chusma de alguns centos de timores que, chamados ao comando militar, vinham não só auxiliar o desembarque, como servir de carregadores para a coluna que se dirigia para o Sul, a fechar o cêrco a Manufai e, como um verdadeiro enxame de selvagens, caíam sôbre as embarcações apinhadas de landins, ou com volumes de carga, aguentando-as na praia emquanto se procedia ao desembarque.

Liquiçá é pitoresco e possui um edifício com torreões e ameias — o da Comissão Municipal — que é um verdadeiro palácio para aquelas regiões.

Os landins formaram junto da praia e, depois de fazerem algumas evoluções, seguiram garbosamente para o quartel, precedidos por um terno de cornetas. Êste aspecto bélico deixou os indígenas espantados e, certamente, ao contemplarem tantas espingardas, deviam sentir-se contentes por não terem acompanhado os revoltosos.

Acabada a descarga, romperam os timores em enorme gritaria que fazia lembrar o entusiásmo dos nossos redondeis.

Estávamos pertíssimo de terra, tão perto, que da pôpa do navio quási se podia saltar para a praia, e mal terminou o desembarque, suspendemos, de regresso a Dili.

Encontrávamo-nos sem dinheiro e sem carvão, que ninguem tinha em Timor que nos pudesse fornecer.

Uma das dificuldades ficou logo resolvida, porque encontrámos no pôrto o paquete inglês *St. Albans*, vindo de Hong-Kong, com 180 toneladas de carvão para o nosso navio. A outra foi em parte resolvida, mais tarde, fazendo-se o pagamento á guarnição por meio de letras do Banco Nacional Ultramarino, cuja agência naquela Colónia tinha sido aberta pouco tempo antes.

*

* *

Voltámos a estacionar em Dili durante mais de vinte dias, para dar algum repouso á depauperada guarnição, da qual já quatro oficiais tinham sido atacados pelas febres. Mas êste descanso era muito prejudicado pela si-

tuação do fundeadouro, muito perto de terra, o que dava lugar a que os mosquitos invadissem o navio, em grande número, chegando a formar verdadeiras colónias a bordo, como sucedia no porão da aguada.

Durante esta permanência em Dili, tivemos ocasião de observar uma interessante manifestação da vida chinesa nesta Colónia. Visitámos uma espécie de clube que servia, ao mesmo tempo, como escola comercial, exclusivamente destinada a chineses e mantida pela comunidade china. Nas aulas, onde se ensinava, alêm da língua sínica, a inglesa, viam-se quadros instrutivos sôbre assuntos de zoologia e botânica.

Para aquela instalação, que se podia chamar modelar para o meio, foi aproveitado um pagode situado junto da praia, que estava longe de apresentar aquele aspecto mais ou menos sórdido que tais templos costumam oferecer interiormente; bem pelo contrário, até as decorações do altar de Buda, se bem que simplificadas, distinguiam-se doutras congéneres que tínhamos visto, por um impecável aceio. Perto do sacrário da fé budista, noutra sala e sôbre uma ampla mesa, viam-se jornais impressos nos caprichosos caracteres dos anti-

gos celestes, a darem-nos a ilusão de que nos encontrávamos na séde de qualquer agremiação europeia.

Chinas, quási todos rapazes novos, enchiam o lugar de alegria e animação, por tal forma, que por momentos nos julgámos fóra da tristonha e sorumbática quietação de Dili, e a nossa surpreza atingiu o auge quando vimos aqueles rapazes, chinas transformados, sem rabichos nem cabaias, mas vestindo uniformes brancos e boné, entrarem ràpidamente em forma, num páteo, à voz dum instructor. Numeraram, fizeram evoluções, marcharam com garbo, emquanto um cantava um hino patriótico que os outros acompanharam em côro.

Não seria aquela uma visão da nova China?

Antes de destroçarem, novamente entoaram, vibrantes de entusiasmo, as notas do mesmo canto, para nós incompreensível, a não ser na aspiração que traduzia.

Entusiasmo, ordem e instrução, tal foi o que observámos em Timor, num pagode chinês, em 1912.

E retirámo-nos a pensar, com tristeza, no confronto a que se prestava com a vida que ali levavam os nossos compatriotas.

Os chineses, que é costume considerar semi-bàrbaros, mesmo longe da sua pátria, em terra estranha e quási inhóspita, uniam-se, esforçando-se por viver a vida, ao passo que nós não conseguíamos ter em Dili, como centro de reunião ou diversões, mais do que um bilhar prehistórico, numa loja triste, sertaneja, onde nem sequer apetecia entrar. Junte-se a isto uma atmosfera de intrigas e de paixões acerbas, levadas a um alto grau pelo deprimente meio colonial, e ter-se-á uma ideia do que então era a vida naquele scenário rídente de Timor, que já antes havia sido sintetizado por Wenceslau de Morais, nestas palavras lapidares: *Natureza linda, miséria e febres!*

Hoje, Timor deve ser bem melhor.

*

* *

Estavamas já em Maio, e a-pesar-de a guerra ir, como se via, a bom caminho, ainda nem sequer se falava na possibilidade da *Pátria* ser dispensada.

Era natural, sendo a sorte da guerra tan-

tas vezes vária, que não se dispensasse àquele importante elemento de fôrça, quer no campo material quer moral: a muitas milhas de Dili, as comunidades chinesas celebraram com o estralejar dos panchões, a nossa chegada a Timor.

A guarnição, fraca, de fôrças perdidas, ia continuando a fornecer guardas à residência do Governador, além de rondas à cidade, das seis da tarde às seis da manhã, serviços êstes que abatiam muito a saúde das praças.

Tivemos ensejo de visitar as casas das missões em Lahane, por assim dizer, um arrabalde de Dili, e em Dare, numa montanha, a cêrca de quatrocentos metros acima do nível do mar. Foram as primeiras casas de pedra e cal construidas em Timor, havia uns bons quarenta anos.

A estrada por onde se subia, íngreme, tortuosa, ladeada de encostas e vales profundos, não era mais do que uma vereda por onde os cavalos de Timor, pequenos como *poneys*, andavam, à beira de precipícios, com uma segurança de espantar. Esta estrada, descobrindo-nos belos panoramas de montes e vales entre a várzea e a ponta Fatucama, recortando-se no

mar, não dava senão uma pálida ideia doutros caminhos sulcando aquela alcantilada terra.

Em Dare, já se sente uma diferença de temperatura agradável e, em redor da residência, viam-se exemplares de várias culturas tropicais, como: cacau, canela, nós moscada, café, aréca, mesmo o chá, e algumas árvores de fruto dos climas temperados.

Infelizmente, não passava duma cultura de curiosidade, a não ser o café, de que vimos uma plantação com exemplares que reputamos raros, pois havia alguns pés que se elevavam a cêrca de dôze metros de altura!

Sítios lindos, duma beleza selvagem e rica, que fazia pena ver inexplorada.

Não poderia aquela ilha fornecer-nos de especiarias? Não sabemos, nem se alguem já pensou nisso, mas o que é verdade é que as importamos do estrcngeiro, pagas por bom preço.

CAPÍTULO X

Em Baucau

NA viagem para Betano descobriu-se que o navio tinha uma fenda, junto à roda de proa, a cêrca de metro e meio abaixo da flutuação, devida a corrosão da chapa e, por isso, entrámos em Dili com água aberta no alcaçuz da proa.

Passados dois dias, a 6 de Maio, reuniu-se conselho de oficiais, onde se concluiu, em vista do parecer da vistoria, que era necessário proceder, quanto antes, à reparação da chapa avariada, ainda que fôsse provisòriamente, mas que um tal trabalho era impossível de realizar com os meios de bordo,

Era, pois, indispensável voltar a Sorabaía, mas, exposta a questão pelas vias oficiais,

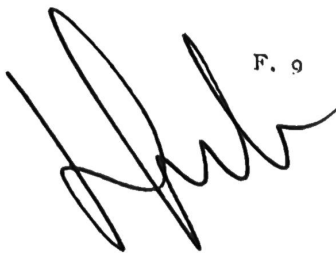
ficou adiada a solução do problema para melhar oportunidade.

O Governador não dispensava a *Pátria*, de modo algum, isto é, quási no fim da guerra e esta já, moralmente, ganha, ainda a presença do nosso navio era reputada indispensàvel em Timor.

Entretanto, o estado de saúde da guarnição não era superior ao do navio, e chegou a nossa vez de sentirmos mais fortemente os efeitos do clima de Dili, elevando-se, assim, a cinco, o número de oficiais doentes, não contando com o Comandante Gago Coutinho que desembarcou a 14 de Junho, por ter sido nomeado para outra comissão de serviço, mas com a saúde já abalada.

Chegámos a estar de tal forma atacados pela malaria que, a primeira vez que entrámos na farmácia de Dili, após a crise mais grave, ouvimos, depois de sairmos a porta, o seguinte comentário, a nosso respeito: êste, coitado, já não volta!

Era animador!

* * *

A campanha ia continuando, um tanto ou quanto envolta em mistério para quási tôda, se não para tôda a gente em Dili.

Opiniões autorizadas sustentavam que dois meses não bastariam, ainda, para tomarmos Leulaco; que era provável que por lá andassem terceiros dirigindo a guerra, porque as retiradas simuladas, as estacarias, as trincheiras, etc., que os indígenas empregavam, como meios de defesa, eram processos até então desconhecidos para êles, e que alguns régulos tinham declarado que, se se revoltaram, era porque tinham sido enganados pelo régulo D. Boaventura que lhes afirmara que os *malai-bête* — os holandeses — é quem tinha passado a governar.

Em 23, chegou um paquete inglês que conduzia a bordo um alto funcionário da colónia inglesa de Hong-Kong. Soubemos, então, que os ingleses acompanhavam, mais de perto do que supunhamos, os acontecimentos de Timor, e que muito antes de a *Pátria* ali chegar, em Dezembro de 1911, já tinham estado três canhoneiras inglesas em Kupang, capital de Timor holandês, que vinham seguidas por um carvoeiro, para evitar o terem de meter carvão ou frescos naquêle pôrto, donde parece que não receberam coisa alguma, sob o pretexto de que podia lá haver peste. Sempre admiráveis, a previdência e a política dos ingleses.

A monotonia de Dili corria a par com a sensação de abandono a que tudo ali parecia votado, e a guarnição do navio estava tão fraca e cansada, que eram precisos trinta indígenas para prover ao serviço vulgar de bordo, quando, em 28 de Junho, surgiu outro incidente a reclamar a intervenção do navio.

Corria que os indígenas, revoltados, iam assaltar Baucau, que se encontrava indefesa e que era necessário conservar em nosso poder. Em Dili, havia apenas algumas duzias de *moradores*.

Foi, pois, a *Pátria* quem forneceu uma fôrça que, sob o nosso comando, desembarcou naquele mesmo dia, com destino à vila ameaçada, uma povoação importante e pitoresca, na costa Norte, chamada, com razão, a Sintra de Timor.

Durante 27 dias permanecemos em Baucau, e nas notas que se seguem, em parte extraídas do relatório que apresentámos, finda a comissão, e outras devidas a informações recebidas do Comandante militar de Baucau, o alferes Cabaço, um esforçado oficial que muito trabalhou naquela campanha, vão indicados os serviços que os nossos marinheiros ali prestaram.

Aquele oficial andava no cêrco de Manu-

fai, donde foi mandado recolher à sede do seu comando, levando alguns *arraiais*.

*

* *

O Governador tinha requisitado o desembarque de todas as praças disponíveis da guarnição, para seguirem, com a máxima urgência, a bordo do vapor *Dilly*, para Baucau.

Pelas 11 horas, recebíamos ordens do Comandante interino, o primeiro tenente Carlos Vilar, para nos apresentarmos, a fim de seguirmos àquele destino, comandando a coluna de desembarque, num total de trinta e sete praças, incluindo dois sargentos e um corneteiro, pois, mais gente válida não foi possível encontrar a bordo.

Era honrosa a nossa missão, mas o precário estado de saúde em que nos encontrávamos, — havia quinze dias que não fazíamos serviço, devido às febres — suscitou-nos apreensões sôbre se poderíamos desempenhá-la, convenientemente, até ao fim.

Pouco ou nada se sabia dos factos ocorri-

dos que motivavam uma intervenção tão urgente da fôrça de bordo, e só fomos informados, muito vagamente, de que uns povos revoltados tinham tentado atacar Baucau.

As instruções escritas que solicitámos a bordo, prescreviam o seguinte:

Em Baucau informar-se-á, imediatamente, onde se encontra o encarregado do comando militar daquela região, que conhece a situação, com quem procurará entender-se sôbre as medidas a adoptar, conforme o fim que se tiver em vista, resolvendo segundo o seu critério.

Destas instruções e do pouco mais que pudemos apurar, concluímos que a principal missão da pequena fôrça que comandavámos, era defender Baucau de qualquer ataque. Quanto ao resto, não só ignoravamos a situação que íamos encontrar, como desconhecíamos, por completo, a região para onde nos dirigíamos.

Ao embarcarmos no vapor *Dilly*, recebemos uma carta parcial da ilha, incluindo a região de Baucau, que nos foi entregue pelo director das obras públicas de Timor, o sr. Maia. Apresentaram-se para fazer parte da coluna, o soldado Francisco Maria, que não trazia arma

alguma, para desempenhar o serviço de enfermeiro, e o voluntário civil João Gonçalves, como intérprete e conhecedor da região, mas que era para nós um desconhecido.

As praças estavam, então, alojadas num edifício que pertencera às irmãs de caridade, emquanto se procedia à pintura das cobertas, a bordo, mudança esta que, longe de lhes ser favorável, lhes era prejudicial, porque a mosquitaria abundava no antigo convento, sem que houvesse um mosquiteiro ou rêde para atenuar o flagelo.

Foi dali que saíu o pelotão dos marinheiros para embarcar no vapor *Dilly*, que largou da ponte pelas treze horas e meia. Trocámos a espada por uma carabina, ficando, assim, a dispôrmos de 38 armas.

Durante a viagem, trocámos impressões com o voluntário João, que depois reconhecemos ser um explêndido auxiliar, desembaraçado e destemido, e em presença da carta, procurámos orientar-nos, ainda que superficialmente, sôbre o que se nos apresentaria à chegada.

Ás vinte e duas horas avistaram-se fogueiras na praia e às vinte e três e vinte fundeávamos em frente de Baucau.

Encontrámos ali, alêm do sargento encarregado do pôsto militar, o macaense António Bomfilho da Luz, escrivão da comissão municipal de Baucau, que passou a ser um voluntário para as operações, várias famílias chinas acampadas, alguns mouros e poucas dezenas de carregadores. A esposa do alferes Cabaço, que estava a bordo duma *corcora*, depois de saber que seu marido tinha recebido ordem para marchar para Baucau, desistiu de ir para Dili.

O sargento encarregado do comando veiu a bordo, onde nos informou que a gente de Kelikai e de Lavateri estava revoltada, tendo já feito devastações a duas horas de caminho de Baucau e que, quanto à gente da Laga e Seiçal, tudo aparentava socego, mas tinha dúvidas sôbre o seu procedimento futuro, e que ainda não se tinha dado ataque algum àquela vila.

Isto pouco mais era do que já sabiamos, e como nos garantissem a segurança do caminho, a subir por uma encosta, entre mato e pedras, pela uma e vinte da madrugada, seguiu a coluna para Baucau, depois de se terem mandado adiante os carregadores com a carga julgada mais indispensável, ficando a restante no pôsto da praia.

Na nossa frente elevava-se uma montanha

coberta de cerradíssimo mato. Era por ali o caminho para Baucau.

Seguimos, percorrendo o que pomposamente se chamava em Timor, uma estrada, e depois duma longa hora de marcha pela encosta que se prestava a todas as emboscadas, chegámos a Baucau pelas três da madrugada. Íamos cansados, a-pesar-de nos terem proporcionado um daquêles pequenos mas infatigáveis cavalos de Timor, que nos levam com uma surpreendente segurança, pela beira dos maiores precipícios; nem era de admirar, pois ainda poucos dias antes, mal sentíamos fôrças para desviar uma cadeira para nos sentarmos.

A viagem, no *Dilly*, passámo-la quási sempre no beliche.

Entretanto, a noite ameníssima, fresca, de luar lindo, como nos oferece aquêle céu, trouxe-nos um certo bem estar, e no cume da íngreme ladeira, a lua cheia patenteou-nos uma pequena povoação, de aspecto bucólico, donde se disfrutam paisagens encantadoras e cujo silêncio prateado, àquela hora, estava longe de condizer com os ardis e os perigos de qualquer ataque de selvagens.

Mas, havia outras coisas em que cuidar, e depois de examinarmos, ràpidamente,

a topografia do terreno, resolvemos estabelecer o quartel da fôrça no edifício destinado a habitação dos Governadores — o Palácio — não só por conveniência da defeza, como por não ter encontrado na *tranqueira* instalação apropriada para a coluna.

Depois de estabelecida uma guarda, instalámo-nos no Palácio, onde todos dormiram vestidos, equipados e com as armas ao pé, pois no dia anterior tinha-se dado um grande alarme que motivou a retirada para a praia, de todos os habitantes da vila que não eram timores, com excepção do missionário.

Os chinas que nos seguiram na cauda da coluna, recolheram a suas casas, e o resto da noite passou-se sem novidade de maior.

Dia 30 de Junho — Para sabermos quais as fôrças irregulares com que podíamos contar, formaram os *moradores*, e encontrámos seis homens armados com espingardas *Remington*, e trinta desarmados. A êstes, mandámos entregar trinta armas de silex com cinco barricas de pólvora que tinham vindo no *Dilly*.

Estabeleceram-se as primeiras instruções para repelir qualquer ataque, ficando a *tranqueira* a cargo dos *moradores*, com o encarregado do pôsto a dirigir a defeza que, em caso

de necessidade, seria reforçada com uma esquadra da fôrça de marinha.

Informaram-nos que andavam empregadas umas dezenas de homens no serviço de rondas, mas só armados de catanas e zagaias.

Por intermédio do intérprete João Gonçalves, que logo no primeiro dia mostrou grande actividade em todos os serviços para que se prestava, ouvimos o indigena Kai-Nai, suposto fiel e capitão de Kelikai, chegado da região revoltada.

Como aquele intérprete nos sugerisse que podia ser causa da revolta qualquer questão entre chefes daqueles povos, visto êles não terem atacado *moradores* nossos, quási isolados, nem terem destruido povoações de Seiçal, gente considerada fiel, entendemos conveniente tentar a apresentação dalguns chefes, incumbindo dessa missão aquele capitão ou, quanto mais não fosse, de ir colher informações.

De tudo quanto íamos observando, demos conhecimento, pelo telefone, ao secretário geral do Govêrno da Província, em Dili, como sempre fizemos durante a nossa permanência em Baucau.

Dia 1 de Julho — Por intermédio do voluntário João Gonçalves, ouvimos o índio Fundu,

feitor da povoação Vieira da Rocha, onde os rebeldes fizeram a primeira incursão, e sua mulher, que se encontravam presos em Baucau.

Fizeram as seguintes declarações: que no dia 29 de Junho, às cinco horas da manhã, a casa da plantação tinha sido atacada por uns 400 homens armados em guerra, sob o pretexto de liquidar uma pequena dívida de milho; que êle, feitor, se escondera após uma tentativa de agressão, mas conseguiu fugir, tendo reconhecido gente de Kelikai, de Lavateri, de Bolehá, das povoações de Laga e Seiçal, *suco* de Vemassi; que o major Barateia, de Seiçal, já lhe tinha dito que a gente de Kelikai não possuia dinheiro e que, para pagar o imposto, tinha que roubar; que os de Lavateri só queriam pagar um pano e um galo, e que, quando da festa de 5 de Outubro, em Dili, ouviu contar que o régulo de Vemassi era quem havia de dirigir a revolta, ao Norte de Dili, e o D. Boaventura, de Manufai para o Sul.

A mulher do feitor, que foi roubada pelos rebeldes, declarou que êles não só queriam matar o marido, como lhes ouviu dizer que se preparavam para atacar Baucau.

Entretanto, examinávamos cuidadosamente as condições de defesa local e tenciona-

vamos fazer um ligeiro reconhecimento, que o tempo de chuva não permitiu; desembaraçou-se o campo de tiro em volta do Palácio.

No decorrer do dia não cessaram os boatos, na maioria contraditórios, àcêrca do número e da posição dos rebeldes. Contudo, estes não poderiam aproximar-se muito sem que fossem pressentidos, pois que nos caminhos de Leste tinham sido estabelecidos postos avançados, freqùentemente rondados pelo voluntário João Gonçalves.

Quási sempre o acompanhava nestas rondas, o voluntário Luz, que tambêm prestou muito bons serviços, já em Baucau, já em Kelikai.

As mesmas precauções foram tomadas ao Norte e a Oeste, ao cuidado do sargento encarregado do pôsto.

Ou que êste ou outros motivos exigissem a presença daquele sargento fora do quartel, o facto é que, quem víamos mais de perto, informando-nos de tudo quanto constava, do que tinha feito e interrogando na nossa presença os indígenas que se apresentavam na qualidade de espiões, ou outros, era o voluntário João.

Como conseqùência disto, surgiu entre ambos um pequeno conflito, sempre desagradá-

vel, muito principalmente nas circunstâncias em que nos encontrávamos, e que nos ia privando do prestimoso auxiliar que nos tinha acompanhado.

O capitão de Kelikai voltou e prestou as seguintes declarações: só conseguiu falar com um chefe que não era revoltoso e que lhe indícou, como culpados, o major Loi-Lari, chefe de Bolehá, e João e António, chefes de Lavateri, que declararam que não pagavam imposto e que andavam recrutando mais gente para a revolta.

A par destas informações, da estação telefónica de Laga comunicaram que se via muita gente armada numa povoação próxima, não se sabendo se era para vir sôbre Laga se sôbre Baucau. Como os boatos avolumassem, mandámos distribuir pólvora aos *moradores* e, para exercício, às vinte e uma horas fez-se um sinal de alarme, dos estabelecidos nas instruções lidas em ordem; em menos três minutos, estavam as duas secções armadas e equipadas, debaixo de forma.

Fomos à *tranqueira*, onde os *moradores* se juntaram, e distribuímo-los convenientemente em tôrno do muro. Passados três quartos de hora, demos por findo o exercício que decorreu da forma mais satisfatória.

Nessa noite recebeu-se um despacho do alferes Cabaço, já a caminho do seu comando, em que pedia para lhe ser enviado o cifrante à *tranqueira* de Venilale. Foi-lhe enviado e ficámos, por isso, sem poder usar de cifra.

Dia 2 — De bordo da *Pátria* comunicaram-nos que o comandante militar de Baucau devia ali chegar com *arraiais*, dentro de dois dias.

Chegaram informações de que o número de rebeldes se elevava, já, a trinta mil, o que nos pareceu exageradíssimo, pois quer por informações anteriores, de maior confiança, quer pelo exame da carta, não nos pareceu que na área que se dizia revoltada, houvesse população que fornecesse tantos homens para a guerra.

Uma praça que já tinha tido febres, recaíu, e desde então, foi crescendo o número de doentes.

O dia tinha-se passado em relativo sossego, quási sem boatos, e preparávamo-nos para ir fazer um reconhecimento, quando chegaram notícias alarmantes: o régulo D. Domingos, de Laga, comunicava que os rebeldes estavam a concentrar-se em Seiçal, donde vinham sôbre Baucau a *buscar dinheiro*.

Como os dois voluntários se oferecessem

para ir colher informações mais precisas, partiram a cavalo e, atrás deles, foi o sargento encarregado do comando, acompanhado por uma praça de marinha.

Aquela comunicação, feita pelo régulo de Laga, deu origem a um grande alarme em tôda a vila e a que, por uma série de circunstâncias imprevistas, a notícia tivesse chegado a Dili, totalmente deturpada.

Foi o caso que, tendo mandado para a *tranqueira* — a cêrca duma centena de metros do Palácio — uma guarda de três praças para vigiarem o telefone, fazia parte dela um primeiro marinheiro T. S., proposto para cabo, que informou, quando para ali nos dirigimos, que, da estação de Laleia, primeira intermédia entre Baucau e Dili, não respondiam, havia uma hora.

Contrariou-nos a notícia e esperávamos o resultado de novas chamadas, quando percebemos um certo alvorôço para os lados do Palácio, ao mesmo tempo que se ouviam repetidos toques de apito, que era um dos sinais de alarme.

Saímos imediatamente da *tranqueira* e, mal demos alguns passos, encontrámos o encarregado do comando, que vinha a cavalo, a

tôda a brida, e que depois de ter entrado na vila a apitar, nos procurava para nos dizer, por forma que não podia admitir dúvidas, que dentro de vinte minutos, os rebeldes estariam em Baucau.

Quando entrámos no Palácio, já o pelotão estava formado, conforme as indicações prescritas. Distribuida convenientemente a fôrça, dirigimo-nos novamente ao telefone. Á saída, encontrámos a praça que tinha acompanhado os exploradores e que se atrazou ao sargento por não o poder acompanhar a cavalo, e que nos confirmou a notícia do avanço do inimigo. Quanto aos dois voluntários, tinham-se adiantado e nunca mais os vira.

Quando chegámos ao telefone, fomos informados que, da estação de Laleia, tinham respondido à chamada, mas imediatamente se interrompeu a comunicação, e como notássemos afluência de gente junto do Palàcio, para ali nos dirigimos, novamente, depois de ter recomendado ao sinaleiro que logo que se restabelecesse o serviço, telefonasse para Dili, a comunicar que, segundo as últimas informações, os rebeldes vinham a meia hora de caminho para atacar a vila.

Chegámos ao Palácio que, invadido pelos

chinas e suas famílias, já apresentava uma grande desordem de gente e bagagens, mas as praças estavam nos seus postos, distribuidas pelas portas e janelas, defendidas com macas e outros objectos, nas quatro faces do edifício que ficava isolado, com a frente para a estrada e as restantes para uma viçosa horta que se prolongava, por dezenas de metros, até um socalco abrupto nos montes, de grande altura, formando como que uma muralha gigantesca.

Dali a pouco, restabelecidas as comunicações telefónicas, o sinaleiro transmitiu para Dili um despacho em termos totalmente diferentes — os rebeldes estão a atacar Baucau — que, contrariados, tivemos que rectificar em seguida.

Os telefonistas indígenas, já por si, estropiavam muito as comunicações. Assim, recebemos, uma vez, o seguinte despacho telefónico do secretário da Província: *recebi dois despachos com data de ontem, pouco compreensíveis. Um dêles, chegou com palavras em inglês e completamente deturpado, etc.*, — quando nenhuma palavra inglesa tínhamos empregado!

Mas, não foi êste o motivo porque resolvemos substituir, naquela ocasião, o telefonista indígena — aliás um simpático rapaz, tipo inte-

Companhia de «Moradores» de Baucau, em parada, antes de partirem para a Campanha de Manufai (Dezembro de 1912)

ligente e vivo, que se entretinha a ler jornais e revistas portuguesas — mas, sim, a falta de confiança que poderíamos ter nos tímores, mesmo nos educados nas missões, em virtude dos ensinamentos colhidos na história daquela colónia, principalmente, na situação em que nos encontrávamos, numa espectativa enervante, prestando-se a todas as traições.

Nos traços indecifráveis, concentrados, quando não soturnos, dos timores, torna-se extremamente difícil, pelo menos para quem os não conheça ìntimamente, ler-lhes os pensamentos.

A fisionomia do telegrafista, que era chefe duma povoação visinha, sempre que o interrogávamos, revestia-se dum véu de esfinge.

Estaria feito com os revoltosos?

Havia exemplos da duplicidade de chefes indígenas ter dado lugar a desastres para os nossos, por isso, na dúvida, o tínhamos feito substituir, mas, aborrecidos com a experiência, fizemo-lo depois reassumir as suas funções que continuou a desempenhar com a mesma imperturbável serenidade, sem que nunca lhe tremesse um músculo, frio, cadenciado, sem nervos, enigmático...

O estigma do Oriente transparece, fortemente, na alma de Timor.

Ainda não tinha terminado a transmissão do segundo despacho, rectificando o primeiro, quando fomos surpreendidos por um novo movimento junto do Palácio, para onde nos dirigimos, inquietos com o destino dos dois voluntários.

Fôra a chegada deles que provocara aquele borborinho.

Muito sossegados e sorrídentes, — o João Gonçalves, de pesado cachimbo na boca, — mostravam-se admirados do que viam e ouviam, pois tendo ido alêm dos postos avançados, nada descobriram de anormal.

O alarme fôra falso, e talvez algum grupo de gênte amiga fosse tomado como de inimigos, como por vezes sucede. Eles nada mais tinham visto, alêm dumas mulheres a buscarem água.

Dia 3 — Logo de manhã, voltaram a repetir-se os boatos e ouvimos alguns indígenas que se diziam vindos das proximidades da região revoltada, mas cujas informações pouco adiantaram, até que, pelas onze horas, nos comunicaram que os rebeldes já tinham cortado a linha de Laga.

Mais tarde, o régulo D. Domingos enviou-

-nos um indígena a confirmar a notícia de que os rebeldes tinham destruído grande parte da linha e estavam a concentrar-se em Larigôa.

Os boatos já começavam a ser confirmados por factos, quando, pelas treze horas, chegou um despacho urgentissimo do capitão Faure da Rosa, comandante da coluna de Leste, pedindo a prisão do indígena Noco-Veni, chefe da povoação de Lavadari, do reino de Laga, por ter fugido de Manuméra-Tuto.

Êste pedido, impossível de satisfazer na ocasião, por se ignorar o paradeiro do fugitivo que certamente se acolhera na região revoltada, não fez senão avolumar as nossas suspeitas de que aquela revolta, cujas causas e extensão eram tão mal conhecidas, não se limitava apenas aos povos de Kelikai, mas se estenderia a outros, muito embora em Dili sempre tivessemos ouvido dizer que a região onde nos encontrávamos era das mais socegadas, sem que ali se houvesse dado a menor perturbação, comquanto estivesse planeado que a grande revolta se estendesse a tôda a Ilha.

Dava-se, porêm, a circunstância de a sublevação perto de Baucau se ter dado depois de sucessivas derrotas dos rebeldes no Sul da Ilha, o que nos levou a supôr que seria o

D. Boaventura quem, vendo-se cercado e quási reduzido à última, mas astuto e decidido como diziam ser, tentaria uma diversão para melhor jogar a sorte das armas.

Aquêle chefe fugido de Manufai, cuja prisão se requisitava tão urgentemente, não seria um emissário dêle, ido a fomentar a revolta naquela parte da Ilha, aproveitando a elevação do imposto, para assim se ter de retirar uma parte das fôrças que lhe faziam um apertado cêrco?

Nada havia que destruísse esta hipótese e, pelo que conhecíamos da história de Timor, semeada de revoltas, surprezas e traições, o que se nos afigurava até então como possível, transformou-se em provável quando, pelas dezasseis horas, nos vieram comunicar que a linha telefónica de Dili fôra interrompida sem se saber a causa, mas perto daquela cidade, e que a linha de Ossú, também estava incomunicável. Os guarda-fios que tínhamos mandado a reparar a linha de Laga, voltaram sem que nada pudessem fazer, porque rebeldes armados os impediram de avançar.

Isto é, tínhamos todas as comunicações cortadas, sendo de estranhar que a linha de Dili não fôsse reparada, tão depressa como era

de esperar, uma vez que a avaria se tinha dado, conforme as informações, perto daquela cidade.

Prevendo a hipótese desta linha continuar interrompida, mandámos que ficasse fundeada uma *corcóra*, junto do pôsto da praia, e entretanto, fomo-nos informando sôbre a confiança que poderia merecer o reino de Vemasse que, por assim dizer, envolve Baucau pela fronteira terrestre.

As informações eram pouco ou nada seguras, tanto mais que um dos chefes daquele reino se encontrava prêso em Dili. Conjugando estas informações com as declarações do capitão de Kelikai, àcêrca da sublevação geral, anteriormente projectada em Timor, o grau de confiança naquele povo limítrofe que contava só como contribuintes, seis mil homens, podendo dispôr do dôbro, em caso de guerra, tornava-se cada vez mais fraco, na situação indefinida em que nos encontrávamos.

Começámos, então, a procurar outra explicação para o facto que nos surpreendera, desde o começo, da ausência de homens em Baucau, onde só se viam mulheres e crianças, o que atribuíamos ao facto de êles andarem na guerra, quando assim não era.

Conjugando êstes factos com os acontecimentos, mais se nos arreigou a convicção de que se tratava duma sublevação naquela parte da Ilha, e de que a primeira informação àcerca do número de rebeldes, comquanto exagerada — trinta mil — e à qual não ligáramos maior importância, devia ter seu fundo de verdade.

A efectivar-se a sublevação dos reinos adjacentes, a nossa situação tornar-se-ia muito crítica, principalmente, no que dizia respeito a munições para uma resistência prolongada.

Efectivamente, em tal hipótese, ficariamos completamente isolados em Baucau. Com a *Pátria* não se poderia contar tão cedo, não só porque não se encontrava em estado de navegar quando saímos de bordo, como porque não havendo em Dili uma fôrça que garantisse a defeza da cidade, aquêle navio ficaria ali, necessàriamente, para desempenhar êsse serviço. Quanto ao vapor *Dilly*, tinha ido para Okussi, e mesmo o seu auxílio de pouco serviria, estando nós tão distantes do mar.

Nestas condições, só havia que contar com os recursos próprios e por um tempo indeterminado.

Vejamos, agora, quais eram êsses recursos: quanto a mantimentos, não havia que re-

cear, porque os tínhamos em abundância e a água corria a dois passos, na horta do Palácio; outro tanto não sucedia com respeito a munições, e era êste o nosso ponto fraco.

Emquanto elas durassem, não avançariam os rebeldes para aquêm dum certo perímetro em volta do nosso reduto. Dispunhamos de oito mil cartuchos, é certo, mas no bombardeamento de Okussi, encontrámos carregadores em que só se aproveitava um dos cinco cartuchos e, terminado o fogo, o convés estava cheio de munições falhadas, o que era devido, não só ao mau estado delas como ao das carabinas, já velhas.

O tenente Mesquita, quando em Manufai, requisitou para bordo cem cartuchos bons, porque os que tinha levado falharam quási todos e nós mesmo, ao experimentarmos a nossa carabina, verificámos que, em vinte tiros, falharam treze!

Calculámos, pois, em três mil, o número de tiros aproveitáveis, o que dava uma média de oitenta tiros por cada arma.

Ora, em Okussi, com um número de atiradores menor do que o efectivo da coluna, gastaram-se cêrca de dois mil e quinhentos cartuchos; se ali fôssemos cercados ou ataca-

dos pelos diferentes lados, as nossas munições esgotar-se-iam dentro de alguns dias, tanto mais que as praças, espalhadas pelas janelas e portas dos diferentes compartimentos, dificilmente cumpririam, em caso de ataque, as prescrições rigorosas que receberam àcêrca do consumo de munições.

Desta forma, a situação poderia tornar-se muito crítica e, caso chegasse a impôr-se uma retirada para a praia, ela seria extremamente difícil e perigosa, atendendo às condições topográficas.

Já noite, o sargento encarregado do comando comunicou-nos que o comandante militar lhe telefonara de Viqueque, a indicar que tencionava sequir directamente para Kelikai, mas que êle lhe pedira para vir a Baucau.

O resto da noite passou-se, como as anteriores, num álerta constante.

Na ordem do dia daquela data, louvámos o voluntário civil João Gonçalves, pela energia, zêlo e dedicação com que, em tão curto espaço de tempo, tinha prestado tão bons serviaos à coluna.

Dia 4 — Pelas seis horas e trinta e minutos chegaram novas noticias, de que o inimigo, tendo-se concentrado em Seiçal, já tinha atra-

vessado a ribeira do mesmo nome. Mais tarde foi rectificado que a gente de Seiçal se conservava fiel, sim, mas que tinha sido forçada a abandonar a povoação e a transpôr a ribeira sob a ameaça dos revoltosos.

De Ossu comunicaram que o Comandante militar passára por ali, de madrugada, tendo-se adiantado aos *arraiais* com que vinha para combater os rebeldes. Entretanto, o voluntário João Gonçalves voltou duma nova ronda, em que o acampanharam duas praças, a comunicar-nos que os rebeldes andavam já pilhando duas povoações em Seiçal.

Ás onze horas informaram-nos que estavam restabelecidas as comunicações telefónicas com Dili, o que fez desaparecer o maior aspecto de gravidade que até ali se tinha desenhado.

Ao meio dia entrava em Baucau o Comandante militar, alferes Cabaço, num tal estado, que bem mostrava o trabalho e a fadiga da marcha sem descanso que tinha trazido.

Com a chegada daquele oficial, começou a afluência continuada de indígenas pertencentes a diferentes *arraiais* que, até ali, só se tinham apresentado em diminutíssimo número: era o primeiro efeito da aproximação do *arraial* vindo

do reino de Manufai. Tivemos, então, oportunidade de ouvir formular ao Comandante militar, uma hipótese em que nunca pensámos: a possibilidade de se ter voltado contra nós a própria gente de Baucau e, daí, a imprudência de andarmos à vontade pela vila, a tôda a hora, sem quaisquer precauções.

Antes da chegada do Comandante militar, e fartos já de tantos boatos e da situação enervante em que nos encontrávamos, ainda pensámos numa sortida contra os rebeldes que se dizia estarem reunidos em Seiçal, mas tivemos que pôr de parte esta ideia, jà pela carência de *arraiais*, indispensáveis naquela espécie de operações, já porque, sendo a nossa missão defender Baucau, poderia ela ficar muito comprometida, se a fôrça dali saísse, por pouco tempo que fôsse.

O Comandante militar de Baucau, depois de ouvir alguns indigenas, entre os quais o já referido capitão de Kelikai, deliberou fazer um reconhecimento no dia seguinte, solicitando-nos algumas praças para o acompanharem e, como todas fôssem voluntarias, foram escolhidas à sorte.

Dia 5 — Pelas oito e trinta da manhã, saíu

de Baucau o Comandante militar com a seguinte fôrça: doze europeus armados com *Mannlicher* e *Kropatchek*, cinco timores armados com *Remington*, setenta e nove armados de *pederneiras*, entre os quais os *moradores*, e sessenta e nove de zagaia; ao todo, cento e sessenta e cinco homens. Em Baucau ficaram vinte e nove europeus, dos quais cinco doentes, e dois *moradores*, com o *coronel*, na *tranqueira*, aparecendo durante o dia mais quatro *moradores*.

Partiu a coluna ao som dos *actálas*, e não era decorrida uma hora, que outro alarme se soltou na vila: o *coronel* de *moradores* vem prevenir-nos que os rebeldes, não se sabendo se gente de KeliKai, vinham pelo Norte a caminho de Baucau e já estavam numa povoação muito perto de Fatucama, a hora e meia de viagem. Transmiti a informação ao Comandante militar que nos comunicou iria ao encontro dos rebeldes.

Para isso, teve que desviar a marcha para o Norte, entrando em Fatucama e outras povoações, sem encontrar o inimigo, mas constando-lhe que os rebeldes tinham por ali passado na véspera, a convidarem o povo à revolta.

De Fatucama, seguiu a coluna novamente

para Leste, a caminho de Seiçal, onde surpreendeu o inimigo em Larigoa, dando-lhe combate e tomando esta posição, o que lhe proporcionou alguns víveres.

Os europeus foram quási os únicos na linha de fogo; o inimigo, depois de retirar para um ponto mais elevado, onde se julgava fora do alcance das carabinas, desafiou as nossas fôrças com repetidos *aclálas,* mas foi posto em debandada depois dalgumas descargas. Pelas dezanove horas chegou o voluntário Luz, dando notícia da tomada de Larigoa e, pelas vinte e duas horas, chegava o resto da coluna, depois duma marcha violentíssima, durante todo o dia, atravessando ribeiras com água pela cintura. Informou o Comandante militar que as praças de marinha se tinham portado, no fogo, com tôda a firmesa.

Como as fôrças que tinham de ficar em Baucau não fôssem suficientes para guarnecer o Palácio e a *tranqueira,* estabeleceu-se uma ligação telefónica com o Palácio onde, no dia seguinte, passou a funcionar a estação.

Dia 6—Deliberou-se que êste dia fosse de descanso, para permitir a aproximação do *arraial* trazido de Manufai, que ficara em Viqueque e que ia tomar, por surpreza, uma posição

em Kelikai, de forma que os rebeldes ficassem metidos entre dois fogos, quando a coluna principal avançasse. Entretanto, as nossas fôrças iam engrossando com os indígenas que continuamente se apresentavam.

Pelas quinze horas, ouviu-se um grande *acláLa*, cujos sons se aproximavam ràpidamente, vindo das altas ravinas escarpadas que cingem, ao Sul, as dependências do Palácio.

Os gritos, roucos e selvagens, daquele cântico de guerra, pareciam soltados por muitas centenas de peitos nus, na sanha bravia de matar.

Eram amigos ou inimigos?

Ao certo, não se sabia, por isso, o Comandante militar foi de opinião que convinha formar a fôrça, pronta para o que desse e viesse, e assim se fez.

Mas, qual não foi o nosso espanto, quando vimos chegar os guerreiros em tropel: era um pequeno *arraial*, de Fatucama, apenas setenta e seis homens, com cincoenta e uma *pederneiras*, que, calando os gritos e travando a corrida, entravam plàcidamente na vila de Baucau.

Tal era a fúria ardente daquele entusiasmo, das vozes soturnas do *acláLa*, sinistras, na ânsia do sangue!

Recebida a *fôrça* com as solenidades do estilo, apertos de mão aos chefes, etc., foi acampar sob uns rústicos alpendres à entrada da vila, para seguir, no dia seguinte, a caminho de Kelikai.

CAPÍTULO XI

A ofensiva contra Kelikai

DIA 7 — Começaram as operações efectivas contra Kelikai. Pelas sete horas, reuniram-se em frente do Palácio trezentos e quarenta e dois homens, entre *moradores* e *arraiais*, a que se juntaram doze praças de marinha, incluindo o primeiro sargento Artur, os dois voluntários e o enfermeiro, a quem cedemos uma carabina, duma praça doente, para não ir desarmado, visto não haver outras armas.

Desejaríamos acompanhar a marcha das operações, mas, para isso, teríamos de abandonar Baucau, onde não havia outro oficial que nos substituisse, por isso, limitámo-nos a seguir o andamento das operações pelas

notícias recebidas do Comandante militar notícias que imediatamente transmitíamos para Dili, providenciando sempre, da melhor forma possível, para que aos expedicionários não faltasse o mais indispensável, compatível com os recursos locais.

Pelas sete horas e quinze, depois de se distribuir pólvora, carga, mantimentos e *canipa* — aguardente — saíu a coluna de Baucau.

Á frente, ia parte dos auxiliares, armados com as pesadas escopetas de silex; a seguir, a resumida bagagem dos europeus e, finalmente, os restantes *arraiais*, dos quais alguns homens tinham apenas, por armas, umas tôscas lanças de bambu!

Corpos nus, usando a mais rudimentar das tangas, as cabeças enfeitadas de pênas, e algumas *luas* em peitos de *assuais* — guerreiros valentes — tudo isso se reùniu, num momento, entre esgares e gritos de *aclála.*

Os mais ricos levavam panos, *catanas* de baínhas trabalhadas, bôlsas de missanga, toscos diademas sôbre a fronte e, todos êles, grande cópia de amuletos e muitas outras bugigangas, como garrafas, caixas, etc., aos ombros ou à cinta penduradas, onde conseguiam transportar os magros alimentos: arroz ou milho, a masca e o betel.

Na cauda da coluna íam os europeus e as nossas praças cavalgando indómitos bucéfalos, ajaezados de cordeis.

Eram pequenos cavalos de Timor e tão lazarentos, que mais precisavam que os transportassem do que se prestavam a ser montados.

Por isso, alguns, cujos arreios, desde o freio aos estribos, eram feitos de cordas de esparto, não podíam andar sem que os cavaleiros, desmontados, os ajudassem, puxando-lhes as redeas, ao terem de subir a mais leve ladeira!

Foi assim que os marinheiros da *Pátria* saíram de Baucau, formando o esquadrão mais extravagante que possa imaginar-se, qual bando de naufragos que ali tivesse sido arrojado.

Mas, sempre alegres e bem dispostos, lá foram os improvisados cavaleiros, trocando adeuses com os que ficavam, enquanto os últimos dos nossos aliados íam sumindo, pouco a pouco, por entre a folhagem, as aguçadas pontas das zagaias.

Passadas poucas horas, apresentava-se um pequeno *arraial* de vinte homens que ficaram para ser aproveitados na condução de mantimentos para a coluna.

Dali por deante, nunca mais cessou a apresentação dos timores, em grupos mais ou menos numerosos, passando a normalizar-se o aparecimento dos homens em Baucau.

Dir-se-ia que se tinha operado uma metamorfose naquela terra e, efectivamente, assim era.

Até então, estavam todos numa prudente espectativa, observando para que lado pendia o fiel da balança, se para o nosso, se para o contrário.

Com a vinda dos *arraiais* trazidos de Manufai pelo Comandante militar, a causa dos rebeldes estava já comprometida e, então, acabou a espectativa, passando os timores para o nosso lado com a mesma facílidade com que passaríam para o contrário, auxiliando os ínimigos a cortar-nos as cabeças, caso a sorte favorecesse os revoltosos.

Se pensarmos bem, não é preciso ir tão longe, como Timor, para observarmos destes saltos de consciência, eles também se encontram dentro dos nossos *arraiais*...

Pelas dezanove horas começaram a chegar informações particulares de que as nossas fôrças tinham obrigado o inimigo, em número de míl homens, a fugir de Larigôa e, pelas

vinte e uma e trinta, recebiamos o seguinte despacho do Comandante militar:

Larigôa, 7 de Julho de 1912 — Ao sr. Comandante da coluna de marinha em Baucau — Do Comandante militar de Baucau — Rebeldes incendiaram povoação de Seiçal esta manhã. Linha telefónica, destruida numa grande extensão, está sendo reparada desde as 10 horas da manhã. Povoação de Takenamata vassala. Seus habitantes mostraram bandeira branca e apresentaram-se. Régulo de Laga apresentou-se-me em Takenamata à uma hora. Povoações Larigôa de Cima e Larigôa de Baixo tomadas às 4 da tarde, depois de uma débil resistência dos rebeldes, que se puzeram em fuga na direcção da montanha de Kelikai. Espero acampar hoje ao sul de Larigoa de Baixo. (a) *Artur de Almeida Cabaço.*

Tomada Larigôa, não ficaram ali as nossas fôrças, e passados três dias recebíamos outra comunicação do comandante da coluna, datada de nove, em Daretai:

Estamos em posição para amanhã batermos Bolehá. Arraiais *do capitão Domingos andam a manobrar no alto da montanha. Uma ronda*

dêsses arraiais *cortou, ontem, três cabeças e prendeu algumas mulheres e crianças.*

A estas seguiram-se outras, datadas, respectivamente, de 10, em Okussi, e de 11 em Lavateri, que diziam o seguinte:

Okussine, 10 de Julho de 1912, às 12 da tarde — Rebeldes de Bolehá desalojados hoje da sua povoação principal, pelo fogo dos europeus (marinheiros e voluntários). Em seguida, essa povoação e todas as outras do referido suco *de Bolehá foram escaladas. Rebeldes apresentaram pouca resistência e poucos tiros fizeram os nossos* arraiais. *Hoje espero acampar em Dubere (?) depois de bater esta povoação que pertence a Lavateri. A marcha tem sido fatigante, como é natural em montanhas desta ordem. Marinheiros continuam cheios de dedicação e desprendimento.* Arraiais *do capitão Domingos continuam manobrando nas* pedras. *Recebi os víveres que requisitei.*

Lavateri, 11 de Julho de 1912 — Depois de ter enviado a minha comunicação de ontem, prossegui na marcha para a baliza de Lavateri com Kelikai, onde tencionava acampar. Quando, porêm, atingia aquele local, notei que os arraiais *dirigi-*

dos pelo capitão Domingos já estavam à vista e manobrando em terras de Lavateri, tendo já tomado a povoação do chefe respectivo, denominada Modoresse, e as de Faco-Lolo (?), Dana-Tena, Duaber e Onor. Uma parte dos arraiais *do mesmo capitão estava, também, cerrando já as* pedras *de Duro-Asso. Auxiliei o cêrco a essas* pedras *com uma parte dos meus* arraiais *e com os europeus que me acompanham.*

A parte restante dos arraiais avançou sôbre Uluine, onde os rebeldes, bem entrincheirados, se defenderam tenazmente. Por duas vezes enviei reforços e, por último, tive de ir com os europeus. Os rebeldes, ao verem que os enropeus os queriam atacar de revés, abandonaram as trincheiras e a povoação e refugiaram-se dentro duma furna que havia próximo.

Foi estabelecido cêrco a essa furna e prêsa uma criança que não teve tempo de entrar nela e que confessou estarem lá refugiados muitos rebeldes, dos quais, alguns principais e chefes. Os rebeldes têm sofrido numerosas baixas, e a-pesar dos conselhos que lhes têm sido dados antes de se iniciar qualquer ataque, nenhum se tem apresentado.

Ontem, durante a noite, os rebeldes atacaram uma parte dos arraiais *de Kelikai, matando um*

homem e ferindo outro; até hoje de manhã as nossas fôrças têm sofrido as seguintes baixas: Kelikai, 1 homem morto e 2 feridos; Venilale, 4 homens feridos; Laga, 1 homem ferido; Vemasse, 1 homem ferido.

Estão escaladas todas as povoações de Lavateri e cercadas duas furnas da mesma jurisdição. Falta, segundo espero, escalar ainda duas povoações de Kelikai e cercar mais duas furnas do mesmo reino. Não posso prever quantos dias terei de estar, ainda, aqui, pois só a fome e a sêde poderão fazer render os rebeldes que estão refugiados nas cavernas.

Têm sido dignos de todo o aprêço os serviços prestados pelos arraiais *de Kelikai e Venilale, especializando os do capitão de 2.ª linha, Domingos Gama de Sousa, major de 2.ª linha, Carlos Ximenes, chefe do reino de Kelikai, tenente-coronel de 2.ª linha, António Guterres, chefe do* suco *de Naiole, do reino de Venilale, e do* principal, *Domingos da Silva, chefe do* suco *de Nôo (?) do mesmo reino. Estes chefes, mais uma vez, têm patenteado a sua muita dedicação e coragem.*

O serviço prestado pelos marinheiros e voluntários tem sido admirável. Sujeitos a marchas estenuantes, e mal alimentados, ainda não fraquejaram nem mostraram desânimo, antes se têm

mostrado cheios de coragem e boa vontade. O voluntário João Gonçalves e o 1.º sargento Artur têm sido, junto de mim, dois belos auxiliares.

Foi num daqueles ataques às *pedras* de Duro-Asso que foi ferida uma praça de marinha, o segundo fogueiro n.º 3357, Júlio Rodrigues, a quem um estilhaço de pedra inutilizou o ôlho direito, que mais tarde lhe foi extraído, em Dili, pelo dr. Dantas Barbeitos, já falecido e então médico de bordo.

Até ao dia 14 se conservou o núcleo das nossas fôrças em Lavateri, onde não foi possível haver à mão os principais chefes revoltosos que andavam a monte, perseguidos pelos nossos *arraiais.* Contudo, algumas povoações julgadas rebeldes vieram ali prestar vassalagem, apresentando-se, com os chefes, grande número de indígenas trazendo presentes e búfalos, porcos e galinhas, para as nossas autoridades, prontificando-se a pagar o imposto.

Em Lavateri ficaram cinqüenta homens de Vemasse e um chefe do mesmo reino, para atraírem os fugitivos e reconstruírem as povoações incendiadas nos locais indicados, perto da *tranqueira* de Lavateri.

No dia seguinte, 15 de Julho, deslocou-se

o acampamento para as *pedras* de Bahe-Lare, donde o Comandante militar nos comunicou a apresentação de mais setenta e três homens, cento e cinco mulheres e sessenta e cinco crianças, que entregaram algumas armas.

Daqui — nos dizia êle — seguiremos para Ira-Osso ou para Vassufa, mas ainda não resolvi sôbre o dia da partida.

Algumas praças de marinha, entre elas o primeiro sargento Artur, começaram a sofrer muito com sucessivos ataques de febre.

Em 19, de manhã, recebemos comunicação de que a coluna tinha acampado, em 17, no monte Betulari, como se segue:

Pedras de Ossuqueli (Kelikaí), 18 de Julho de 1912 — Acampámos em 17, pela 1 hora, no monte Betulari. Ás 5, fiz reconhecimento ravina, pedras *e furnas de Ira-Osso. Rebeldes defendiam a entrada principal numa pequena trincheira, que abandonaram depois de fraquíssima resistência, refugiaudo-se na ravina coberta de mata densa e cheia de rochas.*

Hoje, às 8 horas, regressaram a Baucau, devidamente escoltados e acompanhados pelo voluntário Luz, dois marinheiros, cujas febres constantes não lhes permitiam continuar nas opera-

ções. Lamento-os, porque lhes reconheci o desgôsto com que me deixaram. Consigno mais uma vez, por espírito de justiça, que prestaram o seu concurso com tôda a lealdade, dedicação e desprendimento. Alguns outros, pelo menos, dois, também têm tido febres, mas suplicaram-me que não os fizesse recolher a Baucau.

Ás 3 horas tentei forçar a entrada para a ravina de Ira-Osso, mas reconhecendo a impossibilidade de o fazer, e tendo já feridos, gravemente, um homem de Laga e outro de Kelikai, limitei-me a apertar o cêrco aos rebeldes que, obstinadamente, se negam à apresentação, a ver se os faço render pela falta de água.

São muitos, e consta estarem entre êles os principais chefes rebeldes. Ás 5 horas transferi o acampamento para as pedras *de Ossuqueli, porque o frio e o vento eram insuportáveis em Betulari. Os europeus fizeram hoje fogo das* pedras *de Ira-Osso, tendo os indígenas ficado muito admirados com essa perigosa ascenção, por só agora a verem feita por europeus. Alguns timores escusaram-se a fazê-la. Ontem chegaram algumas rondas com prisioneiros; outras, que me consta terem aprisionado mais alguns rebeldes, ainda não regressaram.*

Recebi às 4 horas o seu despacho de 17 e

satisfez-me muito a informação do estado do ferido. Géneros ainda não chegaram, mas espero-os hoje ou amanhã de manhã. Aqui falta quinino.

A mesma falta se sentia em Baucau. Como o quinioo que foi na ambulância era pouco, acabou-se e foi devido à amabilidade de particulares que pudemos obter mais. Os medicamentos que solicitámos para nós, a-pesar-de nos informarem que iam seguir com os restantes requisitados, nunca chegámos a recebe-los, e uma diminuta quantidade dos que ainda conservávamos para uso próprio, tivemos que reparti-los com várias praças.

Por aqui se vê que o estado sanitário das praças foi mau; quási todas estavam já impaludadas e raras foram as que não caíram com febres. Seis homens ainda chegaram a ser rendidos, embarcando no vapor *Dilly*, que tocou em Baucau no dia 14, numa das suas viagens pelo litoral. Antes disso, chegámos a ter uma verdadeira enfermaria sem que pudessemos tratar os doentes.

Recebemos de bordo as indicações médicas que solicitámos sôbre a administração do quinino, mas os doentes tinham vómitos constantes; alguns, contorciam-se com dôres, um

foi atacado de delírio, sem que soubéssemos se se tratava dum caso de febres palustres, se de doenças mais graves.

*

* *

Emquanto aquêle pequeno destacamento da *Pátria*, acampado em Ossuqueli, ia desfazendo, se não o perigo, pelo menos os graves inconvenientes duma sublevação no Norte da Ilha, por pequena que fôsse, acontecimentos importantes se desenrolavam no teatro principal da guerra, isto é, em Manufai.

Não dispomos, infelizmente, de documentação que nos permita acompanhar mais de perto os acontecimentos desta fase da campanha, uma das mais importantes das nossas campanhas coloniais.

Apenas de longe em longe nos chegavam os écos do avanço lento, mas seguro, das nossas fôrças contra a *tranqueira* de Leulaco.

Em 22, tivemos a confirmação oficial da tomada de Riac, notícia que nos chegou, aproximadamente, nestes termos:

As nossas fôrças em operações em Manufai alcançaram uma grande victória, conquistando as formidáveis fortificações de Riac, onde foram feitos oito a dez mil prisioneiros e apreendidas centenas de espingardas e milhares de armas gentílicas, depois de um tenaz ataque feito durante quarenaa dias e em condições de tempo que muito nos prejudicavam.

Estas notícias deixaram-nos, a todos, cheios de satisfação.

Estava, finalmente, aberta uma porta para ir ao encontro do famoso D. Boaventura, o grande potentado!

Quando andávamos pairando no mar de Betano, já tinha constado a tomada de Riac, mas não passava dum boato que correra em Dili.

No dia seguinte, demos conhecimento daquela vitória à comunidade chinesa e aos *principais* da terra que, para aquele fim, foram convidados a comparecer na *tranqueira.* Como na mesma ocasião foram soltos alguns prisioneiros e mulheres que, por pouco importantes, mais valia irem reconstruir as suas povoações por Kelikai, na frente dêstes, também, foi a nossa vitória anunciada.

E depois dum intérprete lhes ter explicado

que não era apenas a guerra o que ali nos levava, seguiram seus destinos, para que espalhassem pela montanha que *malaí* — o branco — era forte e não temia revoltas.

Não quizeram os chineses deixar de celebrar o importante feito, por isso, à tarde, estrugiram nos ares tantos *panchões*, que a sentinela chegou a bradar às armas, surpreendida com aquela quebra de socêgo na bucólica Baucau.

Mas, deixemos o campo principal das operações de guerra, onde, fugitivamente, nos levou o assalto vitorioso aos altos píncaros da mon tanha de Riac, e voltemos a Baucau, a acompanhar os incidentes dêste episódio da campanha.

Baucau continuava em socêgo. A pequenina vila, talvez a mais linda de Timor, fica situada, por assim dizer, num degrau da montanha que se eleva, desde o mar, até uma altura que não nos ocorreu calcular.

Numa ampla rua e em pouco mais, se acumula a parte principal: o Palácio, a *tranqueira* e algumas modestas lojas de chinas, onde os naturais encontram o seu luxo de selvagens.

Uma igreja pequena e pobre, mas limpa, qual capela de aldeia, um quartel e uma escola

ainda mal edificada, completavam o conjunto, apresentando aquele aspecto agradável e pacífico das boas terras portuguesas.

Baucau era séde dum regimento de *moradores* que andava, então, na guerra de Manufai; tinha partido em Dezembro, após uma vistosa parada.

É uma das mais importantes vilas de Timor, em cujo *bazar* se juntam, aos domingos, algumas centenas de homens e mulheres que vêm de longe com o seu pequeno comércio de frutas, galinhas, copra, etc., em troca de panos, linhas, alguns utensílios, dando à povoação um aspecto mais risonho.

Entretanto, mais agradáveis são, ainda, os arredores e as paisagens onde a vista se enleva. A água corre por tôda a parte, até num pequenino jardim público, obra de alguêm de bom gôsto que por ali passou, ela corria a jorros, em pequenas cascatas que, por vezes, nos faziam esquecer que nos encontravamos em Timor, cercados de selvagens.

Nos arredores, existiam povoações indígenas onde se chegava por caminhos que eram verdadeiros caprichos da Natureza: rochas, furnas e, junto dos regatos, os mais belos fetos e parasitas que jámais observámos.

Do alto do degrau que fica acima da povoação, abrangem os olhos um vasto horizonte: montes dessiminados pela extensa encosta, de copado arvoredo, matizada pelas aldeias timores e, ao fundo, o oceano sem fim, onde raras vezes negreja uma minúscula mancha movediça, algum paquete holandês ou das carreiras da Austrália.

Fechando o parêntese desta pequena digressão, voltemos ao que se passava em Kelikai.

*

* *

Em 22 e 24 de Julho recebemos novas comunicações do Comandante militar de Baucau, donde extraimos os períodos seguintes que são, como os já transcritos, uns quadros fiéis das peripécias naqueles improvisados acampamentos:

Pedras de Ossuqueli (Kelikai), em 21 de Julho de 1912 — ...Ontem, com os europeus e arraiais, *consegui descer até meio da ravina de Ira-Osso. Os rebeldes foram perdendo terreno,*

defendendo-se nas rochas com alguns tiros, pedradas e zagaiadas, até que se recolheram às cavernas, para onde subiram por uma escada de bambú que depois tiraram.

A descida foi feita depois de prévio desbaste da mata, sob a protecção dos tiros dos europeus e alguns moradores *colocados nas rochas mais salientes.*

Foram encontrados mortos muitos búfalos e alguns cavalos, parecendo que os rebeldes procederam assim para lhes tirarem o sangue e com êle mitigarem a sêde.

Em 19 foi prêso um rapaz que saíu para beber água e em 20 de manhã foram mortos dois homens e prêso um rapaz, que saíram da mata com o mesmo fim. Todos êstes factos confirmam as declarações dos rebeldes, de que desejam morrer onde estão!

Os arraiais *de Venilale e Kelikai têm prestado os melhores serviços. Um dos homens de Venilale, recentemente ferido em Bolehá, já faleceu.*

O vento e o frio não moderaram e hoje tem chovido alguma coisa.

Pedras de Ossuqueli (Kelikai), 23 de Julho. — ...E em 21, de tarde, foi ferido numa perna,

por arma de fogo, um homem do arraial *de Ossuala, que andava nas furnas de Ira-Osso.*

No mesmo dia foi prêso um rapaz que saíu da mata acossado pela sêde. Em 23, de manhã, foram prêsos dois rapazes e uma mulher e, de tarde, mais um rapaz e uma rapariga, que também saíram da mata pelo mesmo motivo.

Todos estão magros e com aparência de privações. Confessaram não beberem água há 5 dias. Saciam-se com o sangue dos animais que mataram e com a seiva dumas árvores existentes na mata. Dizem que morreu alguma gente com sêde e que os tiros indirectos feitos com as armas aperfeiçoadas, têm feito algumas baixas.

Ontem, alguns rebeldes, chamados por homens dos nossos arraiais, *declararam terem vontade de se apresentar; mas era preciso que as fôrças se retirassem porque, tendo pensado em invadir as terras dos* moradores, *tinham medo dêles.*

Como não fôssem atendidos e os nossos homens continuassem falando, os rebeldes, desesperados, insultaram-nos e mandaram que se calassem.

Todos os dias se têm apresentado, ou sido presos, alguns dêles que, depois de prestarem vas-

salagem, são mandados para os locais por mim designados para a reconstrução das povoações.

Todos têm declarado que a revolta foi incitada pelos chefes de Bolehá, Lavateri, Larigôa e alguns, de Kelikai, em conseqüência do aumento do imposto, e que queimaram a povoação de Seiçal, por os seus habitantes não os quererem acompanhar até à povoação de Bruma (Baucau), a cujos habitantes fariam intimação de seguirem para Baucau a-fim-de saquearem e destruirem a sede do comando e as casas dos chinas, para arranjarem dinheiro para o imposto.

Todos dão como principal instigador da revolta o major de 2.ª linha Loi-Lari, um dos chefes de Bolehá. Seguem-se, na ordem de responsabilidades: o tenente-coronel de 2.ª linha, Reci-Má (chefe de Bolehá), dois chefes de Lavateri e dois de Larigôa. Além dêstes, são indicados outros de menor importância entre os indígenas.

As últimas comunicações que recebemos do acampamento de Ossuqueli, datadas de 24, diziam o seguinte:

Ontem e hoje saíram das cavernas, rendidos pela fome, 182 mulheres, homens e crianças.

O chefe João (Bou-Osso) (?) de Lavateri, rendeu-se ontem, também.

Os rebeldes iam, pois, acolhendo-se à extrema defeza, — as cavernas — onde os nossos os deviam fazer render, mas a fôrça de marinheiros não chegou a ver realizado êsse desejo.

Em 23, comunicaram-nos, de Dili, que dentro de três dias o vapor *Dilly* iría a Baucau com um pelotão de landins para render a fôrça de marinha que devia retirar apenas aquela chegasse.

Quanto á possibilidade de dispensar os marinheiros que acompanhavam o Comandante militar de Baucau, êste só os considerava dispensáveis depois de terminadas as operações, pois eram êles quem, pela sua dedicação, impulsionavam os fracos e mal armados *arraiais*.

Entretanto, de acôrdo com as ordens recebidas, o mesmo Comandante militar comunicou-nos que as praças de marinha que o acompanhavam sairiam de Kelikai, em 25 de manhã, com destino a Baucau.

Nesse dia, anunciaram-nos a chegada do *Dilly* que se divizava como uma pequena gaivota no mar, e às 16 horas, entravam as nossas praças em Baucau, extenuadas, algumas maci-

lentas e mal se podendo ter de pé, mas, ainda assim, quási todas alegres e bem dispostas.

Bemdita alegria!

Nos cavalos do *esquadrão*, nem vale a pena falar: metiam dó, as míseras pilecas!

Pelas dezasseis horas e meia surgiu em frente do Palácio o pelotão de landins; eram uns vinte pretos, feitos soldados à pressa, levando só espingardas e comandados por um sargento europeu.

Tencionávamos ir com uma parte dos landins a render os marinheiros, aproveitando a oportunidade, para, ao menos, vermos as paisagens bravias da região pouco conhecida de Ossuqueli, o que foi impossível realizar porque o *Dilly* tinha ordem urgente de regresso.

O resto do dia passou-se numa pequena mas simpática festa que nos proporcionou o missionário de Baucau, um obscuro mas incansável trabalhador, que veio com os seus alunos, trazendo bandeiras e flores, cumprimentar-nos e felicitar-nos por termos restabelecido o sossêgo naquela pitoresca vila.

E de tal forma nos impressionou aquele desabrochar de civilização no meio de tão bravia gente que tanto apreciava o sangue e a

chacina, que no nosso relatório nos referimos a êste facto nos termos seguintes:

Nos últimos dias que estive em Baucau presenciei um episódio que, comquanto nada tenha com os serviços que ali fui desempenhar, julgo conveniente registar, por ser um bom exemplo de trabalho e dedicação, digno não só de ser imitado, como do maior incitamento.

Vi os alunos da escola de sexo masculino, dirigidos e acompanhados pelo professor, o missionário Manuel Pereira Jerónimo, desbravarem em pouco tempo um pequeno tracto de terreno, onde, devido à tenacidade daquele missionário, conseguiram organizar uma pequena horta para a qual dei uma porção de legumes dos que foram fornecidos à coluna, a pedido do mesmo missionário, para servirem de sementes.

No meio do aspecto de guerra e desolação que tenho observado em Timor, deixou-me gratas recordações aquele pequeno quadro de vida rural, tanto mais que me parece ser esta instrução, de preferência à das letras, a que mais convem aos indígenas desta malfadada colónia.

Alêm dêstes trabalhos agrícolas e das lições de leitura na escola, o padre Jerónimo esforçava-se por lhes ensinar canto coral e, à tarde,

diligenciava ensaiar com os seus alunos alguns movimentos militares. Como vi que nestas experiências, em que êle não era perito, podia ser eficazmente auxiliado pelo sargento Henriques, nos últimos quatro dias foi este sargento ensinar-lhes uns princípios de recruta e fiquei bastante surpreendido com a facilidade com que crianças, algumas com aparência de pouco mais de seis anos, conseguiam, com tão poucas lições, aprender o que muitos homens levam, por vezes, semanas para poderem executar.

Na véspera da nossa retirada, foram os alunos cumprimentar-nos em frente do Palácio, lendo um dèles, ainda muito criança, mas vivo e inteligente, uma alocução acompanhada de gestos e entoação, como faria um aluno de liceu.

Dei ordem para entrarem e mandei-lhes distribuir bolachas, dôce e vinho do Pôrto, convencido de que esta pequena despeza seria compensada pelas boas impressões e incitamento que produziriam naqueles futuros homens com que a nossa obra de civilização virá, certamente, a contar um dia.

E encarreguei, então, aquela criança que se revelou mais esperta, de ir traduzindo as poucas palavras com que pretendi demonstrar-lhes as vantagens de trabalharem como nós e serem

nossos amigos, em lugar de nos desobedecerem, o que estava custando a outros a vida e os haveres que iam perdendo na guerra.

Muito me surpreendeu o conjunto de disciplina que os alunos asresentavam.

No dia seguinte, fizeram-se os preparativos da partida.

Era à noitinha; os nossos marinheiros desceram a íngreme ladeira, cantando a *Portuguesa* e no outro dia de manhã, ainda o Sol não tinha despontado, já se ouvía virar ao cabrestante para pôr o ferro em cima.

A manhã fresca e deliciosa deixava ver a imponente montanha de Kelikai, recortando-se nítida no céu.

Que natureza caprichosa e selvagem!

Um corte abrupto na rocha despenha-se a prumo, duma altura de mais de duzentos metros; são rochas fantásticas erguendo-se em píncaros para o céu.

Um magnífico binóculo Zeiss, que quási valia mais que o *Dilly*, permite-nos aproximar daquelas rochas, ao pé das quais se revela tôda a nossa pequenez.

Mas, eis que surge o Sol, radiante de luz, sôbre o Oceano, deixando apreciar um explêndido raio verde quando já íamos singrando a caminho de Manatuto.

Na encosta de Baucau, ao longe, lá no alto, por entre o arvoredo, descobre-se a *tranqueira* a alvejar, o Palácio e, mais a W., a casa *lúlic* — sagrada — tendo ao pé a árvore *lulic*, onde se penduram as cabeças trazidas da guerra.

O scenário é soberbo, e em baixo, junto à praia, os renques dos coqueiros, altos, esgarçados, dão uma nota de tristeza, daquela tristeza que, não sabemos porquê, nos agrada e que sempre encontramos nas palmeiras.

Perto do meio dia chegávamos a Manatuto, outra povoação importante na costa Norte, dispondo duma magnífica estrada para o interior, mas onde o Sol abrasava.

Baucau faz lembrar um trecho da Europa, ao passo que Manatuto dá-nos ideia duma terra africana, tropical.

Após curta demora, para embarcar uns passageiros, largou o *Dilly*, com destino à capital de Timor.

Bem depressa se perdeu de vista a igreja,

Esbôço da região onde cooperou a fôrça de desembarque da canhoneira «Pátria», em Baucau

um bom edifício, o pequeno monumento erguido à memória do dr. Silva Carvalho que sacrificou a vida numa grande epidemia de colera que assolou Timor—em 1894, parece—e, pelas quinze e trinta, dobrávamos a ponta Fatucama, descobrindo ao fundo da ampla baía manchada pelos bancos de coral, as pequenas casas da cidade reúnidas entre árvores e palmeiras.

Lá estava a *Pátria*, tão só e abandonada, que parecia um sudário; não se via ninguêm e as febres tinham prostrado, de tal maneira, a reduzida guarnição, que o serviço do navio chegou a ser entregue a um cabo de marinheiros, por já não haver oficiais nem contramestres válidos! Dos sargentos, apenas restava um com mais saúde e que desempenhava todo o serviço.

Assim que chegámos, logo as cobertas se povoaram com novos doentes e dispensados. A *Pátria* parecia mais um azilo de inválidos do que um navio, emquanto que, por tôda a parte, a vida era exuberante, tão rica a terra de vegetação, como a atmosfera de luz.

Que contraste!

As próprias árvores da praia, se acaso as

fôlhas lhes caíam de sêcas, em poucos dias lhes voltavam os ramos a vicejar.

Só para nós, europeus, Timor se mostrava, ainda, como lhe chamou o emotivo e escravizado do *Dai-Nippon*: — *natureza linda, miséria e febres!*

Extracto das ordens à Coluna de Marinha desembarcada em Baucau

Instruções Gerais

O. n.os 1 e 2, de 30-6-912 e 2-7-912:

O serviço será detalhado por duas secções, — respectivamente de 17 e 18 homens e 1 sargento — cada uma das quais fornecerá, durante 24 horas, o seguinte pessoal de serviço:

Guarda de 6 praças; 3 plantões; 1 ordenança; 1 fachina — com funções idênticas às de rancheiro, a bordo; patrulhas, às quais oportunamente serão designadas as áreas a percorrer e as horas de saída.

Como medida de segurança e defeza, devem observar-se, rigorosamente, as instruções seguintes:

I — Todas praças conservarão 60 cartuchos nas bôlsas e cartucheiras e terão sempre safos os seus equipamentos, para se poderem armar ao primeiro sinal.

II — Quando qualquer sentinela ouvir barulho ou vir vultos suspeitos, participará ao cabo da guarda e se perceber sinais de ataque, bradará às armas, repetidas vezes.

III — Consideram-se sinais de alarme: tiros, apitos prolongados, o toque de unir e o grito de *ás armas.*

Secção de serviço — I — Forma todos os dias ao toque da alvorada e às 18 horas,—depois do jantar —assistindo à formatura o sargento de serviço. Êste mandará carregar as armas na formatura da tarde e descarregá-las na formatura da manhã, excepto à guarda, e verificará que todas as armas fiquem no descanso. As praças dormirão vestidas, podendo descalçar-se e desabotoar-se.

II — As armas, durante o dia, estarão ensarilhadas na varanda; à noite, irão para junto das macas, com os respectivos equipamentos, quando as praças se deitarem. Cada praça terá o cuidado de que a sua arma fique no descanso e com a bôca voltada para a parede.

III — As praças desta secção devem lavar-se sòmente depois de rendido o serviço.

Guarda — I — Conhecer bem as instruções gerais que serão lidas ao render da guarda.

II — As armas da guarda conservam-se sempre carregadas e no descanso, guardando-se na casa à direita da varanda, onde dormirão as praças que couberem.

III — Compete ao cabo da guarda, além dos deveres gerais do seu cargo, vigiar as munições, e que durante a noite as armas fiquem junto das macas, no descanso e com as bôcas voltadas para a parede.

IV — Durante o dia, as praças usarão o equipamento completo, excepto o cantil e o bornal que ficarão junto das respectivas macas.

V — O plantão fará serviço, desarmado, vigiará a arrumação e fará a limpeza da caserna, respondendo ao chamamento, como a ronda de bordo.

VI — A ordenança conservar-se-á equipada como as praças da guarda.

Patrulhas — Levarão as armas carregadas, no descanso e em bandoleira. Deverão conservar o aprumo militar, marchar a passo cadenciado e não entrar em casa alguma nem estabelecer conversas, a não ser que requisitem o seu auxílio ou vejam que é urgente tomar qualquer informação que virão participar imediatamente.

Secção de folga — — As praças desta secção devem lavar-se antes do render da guarda.

II — Terão as armas ensarilhadas na varanda e, junto delas, os respectivos equipamentos.

III — Poderão ter licença das 16 às 20 horas, não saíndo nunca menos de duas praças, nem indo para fora da povoação.

Postos de combate — I — Ao sinal de alarme, todas as praças correrão a armar-se e equipar-se, formando as secções separadas, na caserna, se não houver ataque imediato ao Palácio.

II — No caso de ataque imediato, a guarda entrincheirar-se-á nas janelas, donde melhor possa defender-se, à aproximação do inimigo, e o sargento de serviço tomará as providências imediatas que julgar convenientes, caso o Comandante da coluna não estiver presente.

III — Ao sinal de alarme, a sentinela da porta das armas recolhe à casa da guarda, donde vigiará; a do quintal, abriga-se atrás do parapeito do terraço; se fôr de noite, o plantão diminuirá a luz do candeeiro da caserna, colocando-o a um canto da frente da casa e apagará as restantes luzes.

IV — A passagem para o terraço, far-se á pela janela da arrecadação.

V — Serão estabelecidos os seguintes sinais de apito, para a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª esquadras: — cessar fogo — reunião no sítio onde o sinal é feito. Êstes sinais serão indicados em exercícios.

VI — Os *moradores* tomarão os seus postos na *tranqueira*, conforme lhes foi indicado.

Ordem n.º 14, de 26-7-912

Em virtude de ordem recebida, a fôrça de marinha destacada em Baucau deve regressar com urgência a Dili, a bordo do vapor *Dilly*, que largará amanhã de manhã.

A fôrça embarca hoje à noite.

É com grande satisfação que tenho a informar superiormente que todas as praças que fizeram parte desta coluna mostraram sempre o maior empenho em bem cumprir os seus deveres. Entre todos, o 1.º sargento S. G. n.º 318, Artur Rodrigues da Silva e o 1.º sargento artilheiro n.º 340, José António Henriques, foram uns dedicados auxiliares.

No aquartelamento não houve que reprimir abusos ou excessos, comparecendo todos nos seus postos ao menor sinal de alarme.

Da forma como se portaram em combate e nas restantes operações, são honroso testemunho as referências que, sucessivamente, têm sido publicadas em ordem e que me eram transmitidas pelo Comandante militar de Baucau.

Por tudo, louvo as referidas praças que, mais uma vez, honraram as nobres tradições da nossa Marinha, que são as da nossa Pátria.

O que é preciso, é não deixar perder tão altas tradições, que só elas poderão servir de base à nossa Pátria nova.

Êste fim, nunca uma instituição militar o poderá conseguir, se não tiver por princípio a Disciplina e por divisa a Honra e o Dever.

Os marinheiros que me acompanharam, deram provas de compreender isto, o que é um bom sinal: com tal gente, a nossa Marinha poderá reviver, como uma fôrça escolhida e disciplinada

CAPÍTULO XII

O último reduto e a última missão da "Pátria"

EM Manufai, estava renitente a guerra, mas a bordo, a campanha contra o mosquito — pode dizer-se, contra o invisível — não era menos dura. Chegaram a aparecer mais de quarenta números no bilhete dos dispensados!

Leulaco continuava envolto no mesmo mistério, a-pesar-de já terem sido tomadas outras posições formidáveis do vasto campo entrincheirado de D. Boaventura.

Em 27 de Maio tinha-se conquistado, de assalto, a montanha de Kablak; em 22 de Julho, recebíamos em Baucau a notícia oficial da

tomada de Riac; faltava a última praça forte, Leulaco, a que ouvimos chamar inexpugnável, sem que no assalto se perdessem muitíssimas vidas.

Faziam-se minas, disputava-se o terreno palmo a palmo, conversavam, já, os nossos com os revoltosos, preguntando-lhes porque não se entregavam êles a *Malai-Bóte*, mas aquela gente indomável, quando não respondia com insultos, preguntava porque não nos rendíamos, nós, ao *governador de Timor*, D. Boaventura!

Os inimigos davam provas duma extraordinária resistência e valentia. Alguns que se rendiam e que, imediatamente, passavam a auxiliar-nos nos ataques, ao preguntar-se-lhes porque não se tinham rendido havia mais tempo, respondiam: — porque só agora é que já não podíamos resistir!

Quando, por fim, se tomou Leulaco, houve alguns que mataram dentro das cubatas as próprias mulheres e os filhos, deitando-lhes fogo em seguida, de preferência a renderem-se!

Compreende-se, pois, que, com adversários desta índole, sujeitando-se a morrerem, antes, de fome e de sêde do que a entregarem-se, a resistência pudesse prolongar-se indefinidamente.

E prolongou-se muito porque, para não sacrificar muitas vidas, — e ainda assim, parece que todos os dias morriam alguns auxiliares na abertura de minas — foi resolvido manter o cêrco o mais apertado possível, cortando-lhes os caminhos por onde podiam ir em busca de água.

Encurralados, por esta forma, no monte Leulaco, se não chovesse, a sêde havia de obrigá-los a saír.

A comida também já ia faltando, e corria que o D. Boaventura fazia bom negócio, vendendo aos seus *vassalos* cada maçaroca de milho por um preço exorbitante.

Por outro lado, guardava-se bem, pois aos poucos a quem era permitida a entrada na *tranqueira* interior, onde se alojava, era vedado aproximarem-se dêle a menos de vinte passos.

A tomada de Leulaco era a última jornada da campanhá, mas apresentava-se como um problema difícil, cuja solução parecia depender muito do estado metereológico do tempo. Era vulgar ouvir-se dizer que, se se passassem oito dias sem chover, acabaria a guerra, mas a chuva, até ali, não se tinha mostrado nossa aliada e não havia calendário de confiança para o caso.

Assim se passavam os dias, entre febres e conjecturas intermináveis quando, inesperadamente, surge a notícia da tomada de Leulaco!

No dia seguinte, a 12 de Agosto, recebeu-se a confirmação oficial.

Sucedera o que se tinha previsto: os rebeldes, acossados pela sêde e pela fome, saíram das *tranqueiras*, não para combaterem, mas para fugirem.

Eram em grande número, talvez mais de 12.000; parte dêles — dizia-se — já tinham querido entregar-se, mas os chefes não se conformaram e decidiram ir começando a cortar cabeças que se tornavam inúteis.

Estavam reduzidos à última, ocupando apenas o vértice do monte, aglomerando-se em pequeníssimos espaços e em tal número, que quási se tornava inacreditável que lá coubessem.

Na noite de 10 de Agosto, pelas vinte horas, tendo escolhido o ponto mais fraco do cêrco, a vertente Sul, para realizarem a fuga, precipitaram-se como uma avalanche, descendo a encosta de Leulaco. Nêste empreendimento, parece que foram auxiliados por alguns postos dos nossos auxiliares, por êles comprados:

Os nossos caíram-lhes em cima e fizeram enorme mortandade.

Os mais ágeis, valentes ou felizes, conseguiram fugir, mas muitos caíram, deixando o campo semeado de cadáveres, uns três mil, varados pelas descargas, pelas metralhadoras, ou vítimas da sanha dos nossos aliados.

Durou dois dias a chacina e, por fim, os auxiliares já abandonavam os vencidos, dizendo: — *já doem os braços, senhor, já não pode cortar mais cabeças!*

No tropel dos fugitivos — ouvimos narrar, ainda — viam-se muitas mulheres seguindo o seu caminho sem maior precipitação; aqui e ali iam caíndo uma, outra e mais outra, alcançadas pelas balas, e as restantes, com uma estoica indiferença, limitavam-se a afastar-se um pouco para não pisarem os corpos das companheiras inanimadas.

Quebrou-se, assim, o encantamento de Manufai, mas D. Boaventura tinha fugido!

Ao que parece, subornou alguns postos de *arraiais* e conseguiu pôr-se a salvo, levando consigo uns seis mil homens que, mais tarde, foram entrincheirar-se na floresta do Pau Preto, perto de Betano. Segundo notícias posteriores até meados de Setembro, ainda andava a monte.

Tôda a família daquele famoso régulo foi decapitada no próprio *solar*, incluindo a mãe, cuja sorte ouvimos lastimar, porque sempre se tinha mostrado amiga dos portugueses.

Ela seria, talvez, uma das pessoas que melhor poderia auxiliar a desvendar o mistério que sempre envolveu aquela rebelião, mas a fúria canibalesca que anima os timores na peleja, nada atendeu nem respeitou.

*

* *

As *tranqueiras*, quer em Riac, quer em Leulaco, dizia-se que eram fortificações admiráveis, sobrepostas umas às outras pelas encostas e feitas com tal arte, travezes, baluartes, saídas falsas, etc., que mais pareciam delineadas por um hábil general do que construídas por selvagens da Oceania.

Os indígenas não sabiam, em regra, servir-se das alças, mas em Leulaco havia atiradores especiais que só eram empregados em determinadas circunstâncias e que tornariam o assalto ainda mais difícil do que as condi-

ções do terreno e as obras de defeza jà o faziam.

Mas, o argumento da fome e da sêde, sustentado com sacrifício e vigor, zombou de tanto engenho e, poucos dias depois, desfaziam-se os acampamentos daquele histórico cêrco de Manufai.

Passados alguns dias, entrou em Dili o Governador, de regresso da campanha, sendo esperado fora da cidade pela quási totalidade do reduzido elemento europeu ali residente.

No teatro da guerra ficaram ocupados alguns postos, como o de Same, onde foram encontrados, numa prisão, uns ossos que se presumiu pertencerem a algumas das primeiras vítimas ali sacrificadas, e as fôrças restantes começaram a debandar.

Estavamos a 17 de Agosto. Dili ia tomando outro aspecto; não se ouviam senão toques de corneta, como se estivessemos numa autêntica praça de guerra.

Que diferença, de quando ali entrámos! Eram os landins, a Companhia Europeia da Índia, que retirou a seguir, no paquete de 19 e, os mais típicos, os pelotões de *moradores*, recolhendo aos seus quarteis.

Ouvia-se, ao longe, o rufar duns tambores

a aproximar-se e, depois, mais perto, mesmo defronte de nós, junto às árvores da praia, um canto sinistro, soltado a meia voz, numa harmonia admirável em tantas gargantas selvagens: era o canto do *lorsai*, composto por três notas, apenas, tristes, lúgubres, arrastadas, como um côro de morte, arrancado às vítimas no estertor da agonia!

Era o canto fúnebre usado na *dança das cabeças*, na cerimónia infernal do *tebedai*.

Entoavam-no os *moradores*, de volta da guerra, entrando em Dili numa formatura macabra, trazendo bandeiras, tambores e uns bôbos à frente, saltando como feras, acompanhados dos *assuais* com os seus troféus — cabeças de inimigos degolados.

E durante alguns dias acamparam as fôrças no pântano, junto à estrada de Lahane, mostrando fora das tendas os tétricos despojos dos vencidos.

Estava terminada a campanha.

Como sempre sucede em tais ocasiões, houve algumas manifestações de regosijo, limitadas, pode dizer-se, a jantares, porque com os recursos de Dili, de pouco mais se podia dispôr além dos *panchões* chineses.

Num dêsses jantares, oferecido na sua residência, pelo Governador, êste, num brinde, com a franqueza rude que o caracterizava, pôs muito pela raza os serviços que a *Pátria* ali prestou.

O incidente, parece que devido, em parte, a uma notícia desastradamente publicada num jornal da capital, mas com a qual nada tínhamos, a todos deixou cheios de espanto, e foi o novo Comandante — o então capitão-tenente Magalhães Correia — quem, com natural diplomacia e firmesa, respondeu de forma a merecer o aplauso de todos os seus oficiais.

Foi aquela a recompensa moral com que a *Pátria* saíu de Timor.

*

* *

Terminada a guerra, ainda o nosso navio teve de desempenhar outra missão na Colónia: levar a Kupang o Governador que ia tratar de assuntos relativos ao Território de Okussi.

Largamos de Dili pelas catorze horas do dia 4 de Setembro, com velocidade reduzida,

em virtude de terem começado a rebentar os tubos numa das caldeiras.

Já no dia anterior, em que o navio saíu para determinação de desvios, tinham rebentado sete tubos, o que era prometedor para os mares da China.

Pelas dezasseis horas estávamos à vista de Kupang que se divisava, ao longe, mostrando um monte de casas muito brancas, nas quais o sol se reflectia, com uma atmosfera tão límpida e luminosa, que incomodava a vista.

Kupang, o Cupão dos nossos precursores naquela colónia, apresenta, vista do mar, um aspecto que se assemelha mais às nossas povoações do que Dili. Dir-se-ia uma vila de pescadores, de casas muito caiadas, amontoando-se à beira-mar.

Em redor, uma imensa baía, cuja costa, se não é, de todo, escalvada, está longe de apresentar aquela vegetação que tão alegre torna a maior parte da Colónia portuguesa.

No areal da praia, a uns dois quilómetros para o Norte, elevava-se a tôrre de T. S. F., coisa então desconhecida na nossa Timor.

Desembarcámos num cais muito primitivo e atravessámos um pequeno bairro de ruas

estreitas, comerciais, que se pareceria um pouco com terras mouriscas se não se diferenciasse delas por um aceio irrepreensível.

Para além dêste bairro, ficavam as casas holandesas, com aquele aspecto característico que tanto agrada à vista, vendo-se a água correndo em canalizações abertas à beira dos passeios.

Discutiu-se qual das duas cidades era mais importante, se Dili se Kupang, e havia partidários de ambas. Á falta de dados estatísticos, fixámos esta impressão: Dili era mais importante, Kupang, mais civilizada.

Os holandeses rodeiam-se duns certos confortos e cuidados, cujo aspecto basta para nos causar bem estar.

Nós não sabemos, não queremos ou não podemos criar aquela atmosfera que tanto nos ajudaria a passar a vida naquelas paragens. Provàvelmente, juntam-se os três motivos e, por isso, não possuiamos em Dili um club como o que visitámos em Kupang, a convite dos oficiais holandeses, nem um *tennis* como o que vimos perto da residência do Governador, nem nenhuma daquelas modestas mas agradáveis vivendas que em Dili eram substituidas por umas construções que ouvimos

designar pelo pitoresco nome de gaiolas. Entretanto, numa coisa concordaram todos, mesmo os que defendiam Dili: é que ali havia, pelo menos, uma superioridade — a do género feminino...

Na companhia dos dois Governadores, o holandês e o português, fômos visitar a estação de T. S. F.

Pelo caminho, em pequenas encostas viradas ao mar, alvejavam pedras tumulares: eram cemitérios. Mais longe, num recanto assombreado pelo arvoredo, via-se uma rústica piscina, onde mestiças e timores se banhavam descuidadas.

Passado aquele retiro que um dos nossos, espirituosamente, cognominou das *Venus de bronze*, avistaram-se umas ligeiras mas elegantes construções, como *chalets*, dependências da estação telegráficava que fica um pouco mais afastada, junto do mar, numa extensa clareira limpa de arvoredo.

Num vasto edifício, encontrava-se a instalação, de sistema Telefunken, com um alcance superior a três mil quilómetros. A energia eléctrica era produzida mediante um motor de combustão interna de 28 cavalos. Uma tôrre com oitenta e cinco metros de altura

completava a instalação, cujo custo foi de cêrca de oitenta contos da nossa moeda.

A estação ainda não estava aberta ao público, mas por ela foram enviados alguns telegramas do nosso navio para Lisboa. Não tivemos, como podíamos e devíamos ter, o orgulho de sermos os primeiros a dotar Timor com um tão importante melhoramento que ligasse a nossa Colónia ao mundo civilizado.

Tal não sucederia se dedicássemos mais atenção às nossas Colónias do Oriente. Para se avaliar como um melhoramento daquela natureza se impunha na nossa Colónia, basta dizer que chegou a suceder receber-se em Hong-Kong um telegrama de Dili, depois da chegada do paquete, com nove dias de viagem!

Ainda mais: aconteceu que um telegrama oficial, expedido de Lisboa, só chegou a Dili passados quarenta e dois dias!

Êste cúmulo telegráfico, devido ao desencontro dos paquetes que deviam transportar o telegrama, só o poderíamos encontrar em Timor, por isso aquela Colónia vivia num abandono miserável, em singular contraste com a fertilidade da ilha.

Certamente, que aquela atmosfera do século XVII que então se respirava em Dili,

apenas se modificando nos dias de chegada dos paquetes, deve ter contribuido muito para que a Colónia não fôsse procurada senão pelos que eram forçados a fazê-lo.

Um tal isolamento favorecia muito uma vida mesquinha, como era a que se passava em Timor, num atrofiamento do espírito, esmagado por acintes e paixões que tanto se reflètem na história desta nossa Colónia, factos que devem interessar ao estudo da psicologia colonial.

*

* *

Á meia noite de 6, depois de um jantar oferecido pelo Governador da colónia holandesa ao nosso Governador, a que assistiram o Comandante e alguns oficiais da *Pátria*, largámos de Kupang, deixando ali a canhoneira holandesa *Mataran* que estacionava naquele pôrto desde a nossa chegada a Timor.

Ao meio dia de 7, passámos em frente de Lifau, onde desembarcaram os nossos primeiros missionários. É uma extensa praia, branca e graciosa, que se estende numa longa curva.

Em terra, umas palhotas miseráveis, uns velhos muros de tejolo, desmantelados, tudo

mergulhado em profunda solidão, era o que restava da velha *praça* de Lifau.

Foi ali que os nossos, acossados em apertado cêrco por um dos famigerados Ornai, D. Francisco, rei de Okussi, se viram obrigados a retirar, em Agosto de 1769, a bordo de dois navios chegados de Macau, o *S. Vicente* e o *St.ª Rosa*, em busca de melhor abrigo, vindo então fundar Dili.

De caminho, fizemos escala por Okussi, que fica perto de Lifau.

O aspecto do pôrto e a situação dos defensores, em nada se tinham alterado. Veiu a bordo o comandante do pôsto, o tenente Jorge de Barros que, embora se tivesse salvo, por minutos, da ferocidade dos Ambenos, quando do primeiro ataque, bem se podia chamar um mártir de Timor.

Efectivamente, e pondo de parte aquela perigosa aventura, onde a custo salvara a vida mas nada do que constituia os seus haveres, que ninguêm lhe pagou, que nome se podia dar à permanência naquêle pôsto isolado?

Confortos, absolutamente nulos; mantimentos, só levados de longe em longe, sem outra perspectiva entre o mar e os altos pen-

dores dos montes, que não fôsse alguma emboscada do inimigo que, de vez em quando, chegava a vir, em sortidas, cortar algumas cabeças fiéis nas proximidades do pôsto.

A permanência naquela espécie de presídio durou meses. Depois da saída da *Pátria* de Timor, o Governador tentou bater os Ambenos, avançando para Vossuene, povoação onde residia D. João Ornai, mas teve que retirar, passadas umas horas de fogo, porque o inimigo, emboscado, ia fazendo baixas nos nossos *arraiais*.

Só mais tarde é que Okussi foi batido e pacificado.

Chegámos a Dili, onde logo começou a faina dos preparativos da partida.

A nossa permanência em Timor estava por dias.

*

* *

Durante oito longos meses esteve a *Pátria* ao serviço da campanha de 1912, sem que, oficialmente, constasse esta circuns-

tância, porque não fôra mencionada no *Boletim Oficial* da Província, e só no ano seguinte se fez a rectificação.

A natureza dos serviços que a *Pátria* ali prestou, parece-nos ter ficado suficientemente esclarecida no relato que deixamos escrito, pelo qual se verifica que, embora a Marinha não tivesse tido uma acção decisiva no resultado da luta, nem por isso deixou de desempenhar um papel importante no bom andamento das operações.

Pondo de parte a circunstância de o Governador da Colónia ser um oficial de Marinha que, mercê da energia e decisão com que saíu ao encontro dos rebeldes, de preferência a a manter-se em Dili numa defesa muito problemática, conseguiu enfrentar, com aquela ofensiva, a situação perigosíssima das primeiras semanas da revolta, até à chegada da *Pátria*, a importância do papel da Marinha nesta campanha pode traduzir-se, em primeiro lugar, pela acção moral que a presença do navio exerceu, quer sôbre os ameaçados, quer sôbre os revoltosos, permitindo, ainda, o abastecimento rápido das fôrças expedicionários e, em segundo lugar, pela cooperação que prestou àquelas fôrças:

a) Na ocupação do pôsto militar do Okussi, a qual, sem o concurso dum navio de guerra e apenas com os recursos de que a Província podia dispôr naquela ocasião, seria impossível realizar.

b) Fornecendo material, munições e respectivo pessoal que tomou parte nas grandes operações.

c) Indo à costa de Manufai efectuar bombardeamentos.

d) Desembarcando uma fôrça que ocupou uma povoação importante, ameaçada, como era Baucau e coadjuvando, eficazmente, a sufocação da revolta em Kelikai.

Esta revolta, comquanto não passasse dum incidente da campanha, não deixaria de revestir uma certa gravidade, caso se estendesse a outras regiões, como muito provàvelmente teria acontecido se não se desse a intervenção da fôrça desembarcada.

e) Policiando Dili e fornecendo guardas para a cadeia e residência do Governador.

f) Finalmente, a *Pátria* foi, ainda, a Kupang, no desempenho duma missão diplomática.

Só houve a lamentar que êstes serviços,

que são os que competem à Marinha nas Coló-
nias, fôssem desempenhados à custa da ruína
de muitas saúdes, devido a não haver mais
cuidado com os meios de defeza que deviam
ser facultados às guarnições dos navios, con-
tra a acção deletéria de climas como o do
litoral de Timor.

*

* *

O ambiente de Timor, naquela época,
aproximava-se muito, contra o que seria para
desejar, com o do passado, tal como a história
no-lo revela: abandono, selvajaria dos natu-
rais e excessos dos dominadores, a par de muita
intriga e de muita tristeza. Tais foram os tra-
ços que mais nos chocaram, do quadro que se
nos deparou à chegada a Timor.

Colónia rica, mas mal explorada, sem ter
quem lhe prestasse a devida protecção, po-
voada por gente guerreira e altiva, odiando o do-
mínio estrangeiro, quási desprovida de meios de
defeza, muito admira que não tivesse sucumbido
aos pactos traiçoeiros dos régulos revoltados.

Para evitar êsse desastre formidável na nossa história colonial, contribuiu muito o valoroso esfôrço do Governador que, num rasgo de audácia, como a doutros tempos, saíu de Dili a tomar a ofensiva, cercado dos maiores perigos e incertezas.

Aqueles momentos da vida de Timor em nada diferem doutras situações análogas que a história lhe aponta. E para o quadro em nada diferir das scenas dessas épocas passadas, até depois da vitória — era voz corrente — rebentou nova guerra entre os vencedores: rivalidades, acirradas questões pessoais entre os próprios amigos, etc., chegando até a constar que, por causa do assalto a Kablak, um oficial houve que, por pouco, não pediu para ser submetido a conselho de guerra.

Acompanhados dêstes e doutros episódios, íamos ouvindo narrar as últimas peripécias daquela trabalhosa campanha, quando só haveria que exultar com a almejada vitória a que deveriam seguir-se patrióticas iniciativas de emprêgo de capitais.

Que não surpreendam estas ligeiras referências a fraquezas muito humanas e explicáveis pela natureza deletéria que então apresentava o ambiente de Timor para o espirito

do europeu, quando é costume, ao tratar certos acontecimentos, fixar-lhes apenas as côres brilhantes: elas obedecem, apenas, ao culto da verdade histórica, como um dever a seguir.

Nunca mais voltámos a Timor, mas consta-nos que, felizmente, aquelas desastrosas condições do meio se modificaram favorávelmente.

Nem outra coisa era de esperar.

CAPÍTULO XIII

O regresso a Macau

ESTÁVAMOS a 16 de Setembro de 1912. Os nossos apontamentos marcam esta data com três grandes pontos de exclamação, cujo significado se encontra nas linhas que se seguem: — *Ás oito horas apitou à faina e, pouco depois, suspendia-se para dizer adeus a Timor!*

Até Larigôa (1), já crescida, se mostra

---

(1) — *Larigôa,* uma cadelita que as praças trouxeram de Baucau, tendo-a comprado em Larigôa a uns indígenas que a destinavam ao bárbaro sacrifício dum *estilo* que consistia em enterrar o animal, vivo, ficando a cabeça livre, depois de lhe cortarem as pernas, deixando-o morrer lentamente, para verem para onde penderia a cabeça, após a morte.

contente, não sentindo a nostálgia da terra natal.

Veiu a bordo o ajudante do Governador, apresentar as despedidas.

Levamos pena dalguns poucos portugueses que ali deixamos e de quem recebemos bastantes provas de amabilidade e deferência.

Seguimos a derrota do paralelo dos 8º, com mar de carneirada e avistando-se Ataúro.

A viagem prosseguiu sem incidente; no dia 18, avistámos uma bonita erupção numa montanha da ilha de Sumbava, donde se elevavam caprichosas nuvens de vapores.

Pelas vinte horas avistou-se um farol novo, que as cartas não indicavam, branco e de relâmpagos, nas ilhas Pater Noster, supondo-se que a indicar o banco Maria Reigsbergen, como mais tarde se verificou.

Pelas duas horas e trinta de 19, avistou-se o farol da entrada de Madura — Karang Mas — e, à tarde, estávamos em Sorabaia.

A vida intensa e rica desta cidade transportou-nos de novo ao mundo, donde havia tanto tempo tínhamos saído.

Á noite, o *Parar-Bezar* — a artéria principal — regorgitava de veículos, sob a ilumina-

ção vistosa dos cafés e dos cinemas, ostentando os estabelecimentos montras sumptuosas, em contraste flagrante com as lojas do bairro china, onde se nos revelava o conservantismo pacato dos celestes.

Havia, ainda, a animar a cidade, uma festa popular, espécie de feira franca, onde observámos uma interessante exposição, não só de objectos indígenas, panos, armas, joias, etc., como de artigos holandeses de várias espécies, entre os quais uma interessante colecção de fotografias, desenhos e caricaturas.

Mas, de tudo, o mais interessante para um europeu era, sem dúvida, as orquestras javanesas — *gamelangs* — exibindo-se em vistosos coretos tão característicos como a música que tocavam, a par de uma banda militar holandesa.

Os instrumentos de metal, em grande número e dispostos em marimbas, eram acompanhados de outros esquisitos instrumentos de arco, de sons graves e maviosos, dum timbre desusado.

E ao som daquela música triste e langorosa, as dansarinas, envoltas em panos ricos, os ombros nus e os lábios fortemente carminados, iam acompanhando o tanger dos instrumentos com requebros moles e dolentes.

Eram uns restos da Java antiga, manifestando a sua arte estranha naquela melopeia retintamente oriental, mais triste, dir-se-ia, e mais fatídica do que o nosso fado.

*

* *

No dia 23 entrámos numa grande doca flutuante, e não o fizemos antes, por ter morrido um Almirante holandês.

Os holandeses foram duma extrema amabilidade, já deslocando a doca para sítio mais batido pela viração, já enviando mosquiteiros para as praças, e se não ofereceram casas para alojar a nossa gente, foi porque na ocasião tinham desembarcada grande parte das suas guarnições.

O calor a bordo era asfixiante e as reparações eram mais demoradas do que de comêço se supunha.

Desmontaram-se os veíos das hélices, que apresentavam uma folga de nove milímetros; colocou-se uma pá na hélice de E. B., que foi fundida e aplicada por meio de soldadura eléc-

trica; substituiram-se as réguas de gaiaco dos bocins; reparou-se a chapa do alcaçuz da proa, por onde o navio fazia água, e pintaram-se as obras vivas, depois de picadas as chapas, além doutros trabalhos de menor importância.

*
* *

Aproveitando a permanência do navio na doca, fomos, na companhia de dois camaradas, visitar o sanatório de Tosari e o Bromo, pontos obrigatórios do turismo em Java, onde fàcilmente se chega, partindo de Sorabaía, comquanto a viagem seja um tanto fatigante.

Ás cinco horas da manhã, levou-nos o combóio, em hora e meia de viagem, à estação de Passœrœn, onde uma espécie de diligência nos transportou até Passepan, uma povoação do interior, onde mudámos de carro, começando a ascensão da região montanhosa até Poespo, a dois mil e seiscentos pés acima do nível do mar.

Em Poespo, encontrámos um hotel confortável e dali, depois dum pequeno descanso,

fizemos, a cavalo, o resto do trajecto, até Tosari, que fica numa altitude de seis mil pés.

Era quási sol pôsto quando chegámos a um ponto, a meio das montanhas, onde se viam, por entre flores e jardins, umas modestas mas agradáveis construções de madeira que nos permitiram instalarmo-nos còmodamente, depois de um dia de calor e de fadiga: era Tosari, onde vimos, com surpresa, alguns nomes portugueses nas vivendas.

A interessante viagem, deixou-nos apreciar a riqueza e a variedade da flora daquele riquíssimo país que os holandeses tão bem têm explorado. Na região mais baixa, percorrida pela linha férrea, quási que não se avistavam senão extensíssimas plantações de cana de açúcar e de arroz, cujas colheitas eram transportadas em pesados carros de bois, alguns, de intetessantes decorações e risco.

A seguir, atravessámos largas zonas de cultura de tabaco; mais acima, a do café, até que entrámos nas florestas, entre as quais a famosa floresta dos *macacos pretos*, que os holandeses reclamavam em folhetos de propaganda de turismo, a bordo dos paquetes.

Efectivamente, fomos ali encontrar os célebres símios, vendo-se outras raças, em di-

versos pontos, alguns à beira da estrada e em amável convívio, sem se preocuparem com os transeuntes.

Não há naquelas florestas animais perigosos, e a viagem fez-se sem incidente, deixando-nos observar alêm dos variadíssimos aspectos da paisagem, a vida do interior, surpreendida em várias aldeias e mercados que se encontravam pela interminável estrada trepando pelas montanhas.

Em Tosari sentimos frio, e os 13° de temperatura que observámos, à noite, fizeram-nos arrepender de termos deixado os sobretudos em Poespo, para onde os pedimos pelo telefone.

*

* *

Dizem os guias destas excursões que ir a Tosari sem ver o Bromo, é o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa.

Por isso, no dia seguinte, pelas cinco horas da manhã, estávamos de novo a cavalo para seguirmos para a montanha, acompanha-

dos dos respectivos guias que levavam uma ração fria.

Não se devia partir mais tarde para não perder o espectáculo soberbo das nuvens pairando sôbre o *mar de areia.*

A aragem fresca daquela hora matutina tornou a viagem muito menos fastidiosa do que a da véspera. Além disso, os scenários que sucessivamente se iam desenrolando ante os nossos olhos, eram soberbos pelos aspectos, pela luz e pela variedade de côres.

Montanhas sôbre montanhas em declives e cortes caprichosos, sulcadas de regatos por entre talhões cultivados, sem que a mais leve parcela de terra fosse desprezada, fechavam-nos um horizonte que ia sempre variando, mas sem perder com a variedade, a beleza e a grandiosidade.

Naquela quietação, onde a terra fecunda vicejava, não em florestas tropicais, mas em culturas cuidadas e rasteiras como um jardim descomunal, a Natureza manifestava como que uma fôrça desconhecida que, dada a nossa tamanha pequenês, nos arrebatava.

Assim, alcançámos as últimas regiões da montanha; a vegetação extinguira-se e o chão onde corríamos não mostrava senão torrões de

lava que fàcilmente se esboroavam debaixo das patas dos cavalos.

Estávamos perto do *mar de areia.*

Êste não é mais do que uma planície dentro da enorme cratera Tengger, cujo comprimento máximo anda por perto de oito quilómetros. Dentro desta cratera elevam-se outras três de menores dimensões: Battok, Bromo e Widodaren.

A do Bromo era a única em actividade.

Antes de alcançar o *mar de areia,* torna-se necessário escalar uma última subida—Moengal Pass—formada pela vertente exterior da grande cratera Tengger.

Ali, o caminho encontra-se reduzido a um estreito corredor cavado na lava pelas patas dos cavalos que sobem o último lance, a galope, fazendo-nos quási que tocar com as pernas nas paredes da estreita passagem.

Vencido êste obstáculo, pode a nossa vista alongar-se, finalmente, por muitas léguas em redor, certificando-nos que os réclames feitos pelos holandeses não são exagerados.

Dizem êles: *In the top, suddenly and quite inexpectively, an overmhilmingly beautiful spectacle is revealed to the astonished eye of the traveller. This is the prospect over the Zandsee, with*

its volcanoes Batok, Bromo and Widodaren. Standing on the edge of a steep precipice we see below us in the valley an extensive lake, almost as smooth as a mirror wich, however, is not filled with water, but with a yellowish-grey desert sand.

From behind the Batok, partly obscured by it, a musky, fantastically carved ridge is still to be seen, wich evidently encloses a deep cave, as a portion of the steep, precipitous, and pitch dark inside can yet be observed, set off against that green declivity of the Batok.

This is the furnace of the crater Bromo, from wich emerge small vaporish light blue clouds of smoke, or else enormous black ones, variyng in blue according to the activity of the volcano. (1)

---

(1) — Rápida e inesperadamente, quando chegamos ao tôpo, aparece ante os olhos deslumbrados do viajante um espectáculo impressionante e de rara beleza. Tal é o panorama sôbre o mar de areia, com os vulcões Batok, Bromo e Widodaren.

Se pararmos à beira dum profundo precipício, vemos um extenso lago abaixo de nós, tão liso como um espelho que, comtudo, não está cheio de água, mas com uma areia do deserto, dum cizento amarelado.

Por detrás do Batok e obscurecido em parte por êle,

Efectivamente, o espectáculo era soberbo: as nuvens cobriam o interior da grande cratera, emergindo apenas, acima delas, os topos dos vulcões interiores.

Perto, havia uma tôsca barraca onde tomámos a nossa refeição, finda a qual, o sol já tinha evaporado o grande lençol de nuvens de que restavam apenas uns flocos dispersos a atestarem o inverosímil espectáculo que tínhamos presenciado: observar as nuvens metidas pela terra dentro, sem nos elevarmos na átmosfera.

Refeitas as fôrças, começámos a descida que nos levou ao *mar de areia*, por um caminho sinuoso e sujo pelo pó da lava que, a breve trecho, nos crestava a pele.

Acabada a íngreme ladeira, eis-nos na

---

pode ainda ver-se um cume sombrio, cheio de sulcos fantásticos, que, evidentemente, oculta uma caverna profunda, da qual ainda se pode ver o interior negro, em declive, pôsto em realce pela encosta verde do Batok.

É a cratera do Bromo, da qual se evolam pequenas nuvens de vapores azuis claros, quando não são enormes nuvens negras, variando de extensão conforme a actividade do vulcão.

nária, de vulcões, a que servia de fundo, a algumas léguas de distância, a mole dominante do Smero, o píncaro mais alto de Java, um vulcão em actividade, elevando-se a três mil seiscentos e setenta e um metros acima do nível do mar.

Passada a região da lava, voltaram os lindos panoramas daquelas inolvidáveis montanhas, onde a atmosfera, leve e pura, nos convida a repousar. Cêrca das dezoito horas estávamos de volta a Tosari.

A povoação indígena estende-se por um pequeno vale e só tem aspecto de pobreza.

Nos sanatórios e nas vilas, onde, de novo vimos com agrado alguns nomes portugueses, como *Vila Silva*, etc., vivia uma população rica e cosmopolita, respirando-se o confôrto do *home* inglês; amplas salas de leitura e bilhar, campos de *tennis* e à mesa, a-pesar da simplicidade das decorações da casa, havia o luxo das *toilettes* caras.

Recomendam os holandeses uma visita ao *Nympha's Bath*, um retiro silvestre, perto de Tosari, onde a água jorra duma pequena cascata, comtudo, nada se nos deparou ali que merecesse tantos reclamos, numa terra onde a Natureza é tão farta e bela.

Depois desta visita, um tanto incómoda porque nos arriscámos a molhar os pés pelo caminho, recomeçámos a nossa viagem para Sorabaía.

Em Poespo, encontrámos dois alemãis que, ouvindo-nos falar, nos cumprimentaram em português, o que constituiu uma agradável surpresa. Tinham estado no Brasil, e referindo-se às belesas naturais dêste país, consideravam-nas superiores às de Java, com o que concordámos, excluídas as regiões montanhosas do Brasil que não conhecemos, alêm dos arredores do Rio de Janeiro.

Á noite, chegámos a Sorabaía, imaginando que encontraríamos o navio já ao largo, pronto da faina de carvão.

Engano! A *Pátria* estava a nado, era certo, mas amarrada à terra, dentro do Arsenal. O calor que sentimos a bordo, a seguir à frescura de Tosari, era insuportável, e o dia imediato tornou-se num verdadeiro suplício, com uma faina de carvão — tudo hermèticamente fechado — naquelas condições de temperatura.

Até que, finalmente, o navio ficou pronto a sair!

Marcou-se a partida para 10 de Outubro.

Pouco antes de sairmos, eram cêrca de dezasseis horas, vieram a bordo dois sargentos do Exército que iam para Timor. Tinham perdido as bagagens e encontravam-se sem dinheiro e sem terem que vestir.

Depois de quatro dias de demora em Batavia, teriam ainda que esperar vinte dias em Sorabaía, pela chegada do paquete.

Receberam, a bordo, uma carta para se apresentarem ao nosso Consul, que nem sequer falava português, e não sabemos o que teriam conseguido.

Êste pequeno episódio serve para frisar a falta que nos fazem as comunicações directas com as nossas colónias do Extremo-Oriente, por isso o apontamos.

As comunicações directas e sob a bandeira nacional, constituem uma necessidade que se impõe não só sob o ponto de vista colonial, como sob o ponto de vista político.

*

* *

Pelas dezasseis horas do dia já referido, deixavamos a riquíssima colónia que os holandeses chamam *Java the Wonderland*, — a

maravilhosa terra de Java — com destino às Filipinas.

A derrota a seguir, era pelo estreito de Laut, entre a ilha dêste nome e a de Bornéo; para demandarmos o estreito na manhã do dia 12, foi o navio à velocidade de sete nós.

Ao passarmos pelo estreito de Madura, cuja balisagem e farolagem obrigou a uma navegação muito cuidada, cruzámos alguns barcos de vela, dos mais artísticos e interessantes que temos visto.

A forma dos cascos e as pôpas alterosas, com vistosas decorações a côres, fizeram-nos lembrar as nossas antigas caravelas.

Seriam cópia de algum tipo dos nossos navios antigos?

Ou, pelo contrário, seria nestas construções orientais, que se inspirariam os nossos mestres de carreira?

Seja como fôr, um modêlo daqueles barcos malaios, cujo porte andará pelo de um dos nossos bons iates, era digno de figurar em qualquer museu naval.

No dia 12, pelas sete horas, entrámos no estreito de Laut que percorremos em três horas, à velocidade de onze nós.

A passagem dêste estreito é das mais

interessantes que temos observado, fazendo-nos lembrar o curso do Amazonas até Manaus.

Os serviços de balisagem e faróis encontravam-se perfeitamente montados; num dos portos do estreito, por onde se exporta carvão e petróleo, avistámos dois navios mercantes, e depararam-se-nos várias povoações onde se viam muitas edificações lacustres.

Pelas dez horas do dia 15, entrámos em Samboanga, com mau tempo.

Desde a tarde do dia anterior se tinham notado os prenúncios dum tufão que nos passou, com extraordinária violência, a cêrca de trezentas milhas a WNW.

Os efeitos daquela tempestade fizeram-se sentir, principalmente, em Ilo-Ilo e Sebú, causando sérios prejuízos, quer em terra quer no mar, que a imprensa local avaliou em cêrca de dezassete mil contos da nossa moeda.

Samboanga não se recomenda nem pelos atractivos nem pelo clima, pois apresentava um aspecto pantanoso e doentio, talvez agravado pelas chuvas da ocasião.

É um pôrto aberto, onde nos demorámos apenas o tempo preciso para meter carvão,

largando para Manilla, onde chegámos a 18, pelas dezasseis horas, depois de trocarmos sinais com a fortaleza *del Penon*, que não foram compreendidos. Soubemos depois que a razão daqueles sinais fôra o não terem reconhecido nem a nossa bandeira, nem o nosso navio.

Para podermos salvar à terra, foi necessário empregar as praças da guarda, por não haver mais gente com que guarnecer as peças, tal era o estado físico em que se encontrava a guarnição!

Estavam no pôrto poucos navios de guerra americanos e êsses mesmo largaram para o Sul, a juntarem-se aos que já tinham partido a levar socorro ás regiões devastadas pela última tempestade, cujos pormenores, verdadeiras catástrofes, íamos sabendo pelos jornais.

Demorámo-nos cinco dias em Manilla, a velha capital que consèrvava, ainda, o cunho característico duma cidade espanhola, desde os escudos reais encimando as entradas de vetustas fortalezas, às construções, ruas, monumentos e igrejas, a evocarem um passado em que a religião enchia a vida.

O martelo *yànkee* irá desfazendo, a pouco e pouco, os restos daquelas grandezas idas,

de manhã, já o mar nos indicava as proximidades de Macau. O céu, forrado, escondia o sol e, de longe em longe, desfeitas em névoa, viam-se lorchas a pescar.

Cresciam em número aqueles barcos desconformes que, nas nossas águas, seriam tidos como fantasmas; deixámos ilhas e, desviando a proa da estranha frota, depressa entrámos na Rada, donde a custo se descobria a cidade.

Eram oito horas e a terra parecia adormecida, mal despertando as *tankareiras*, ao som da bataria a salvar. E quando esperávamos rever Macau num daqueles dias feéricos de luz e alegria, mal podemos definir a sensação que experimentámos ao contemplar aquele socêgo tão parecido com a morte!

Dir-se-ia que em Macau só pulsava um resto de vida: o eco das suas ricas tradições.

Muito triste nos pareceu Macau! Até notámos a falta de uma saudação que não apareceu tão pronta, como era costume à nossa chegada — aquele chilrear das *tankareiras* e, no meio delas, as vozes amigas da A-Mi e da Ta-Choi.

Entretanto, em terra corria pomposa festa, uma festa fúnebre, é certo, mas que nem por isso deixou de impressionar ao máximo um criado timor que trouxemos a bordo e que nos

lembra ter visto, de olhos esgazeados e enebriado ante o espectáculo singular de um rico entêrro chinês.

Tinha morrido a primeira mulher do china rico Sui-Tam, e a cidade chinesa estava em festa, apinhadas as ruas, à espera do cortejo.

Na extraordinária procissão do entêrro, onde o viuvo e as outras consortes, de rigoroso luto branco, iam carpindo a morta com lágrimas, lamentações e trejeitos, viam-se bandeiras e pendões de seda, cujo valor ouvimos avaliar em cêrca de seis contos da nossa moeda.

Os bonzos e as cadeirinhas, os andores e as lanternas que acompanhavam, não o corpo, mas a retrato da finada, iam seguidos de duas músicas, não sabemos qual delas a mais estranha: uma, chinesa bárbara, infernal, a outra, formada pelos destroços da nossa banda militar.

Uma lei, não menos bárbara, havia acabado de destruir o pouco que existia de música em Macau!

E se em tais rasgos de administração lhe não tiraram os seus floridos jardins, é porque talvez ignorassem a adoração que os

chinas dedicam às flores e a existência daquele santuário de rosas que era a Flora.

E Timor?

Timor!

Um sonho, uma lembrança amarga, um pezadelo de scenários lindos que se desfez, ao avistarmos de longe a torre branca, esfumada na névoa, do farol da Guia, a marca serena da terra amiga — Macau!

FIM

ÍNDICE

Esta obra foi composta na tipografia da *Sociedade Tipográfica Editorial, Limitada — Edições Cosmos* — Rua das Gáveas, 115, e impressa nas *Oficinas Gráficas* — Rua do Século, 150, em Lisboa. Acabou de imprimir-se : : no mês de Janeiro de 1939 : :